



**CENTRO DE COMPETÊNCIA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Departamento de Ciências da Educação**

**Família e Ensino Secundário – A Colaboração e Participação nas  
Escolas do Ensino Público da Região Autónoma da Madeira**

**Dissertação apresentada à Universidade da Madeira para a obtenção do grau de Mestre em  
Ciências da Educação – Administração Educacional**

**Por**

**Paula Victória Nieves de Freitas**

**Sob a orientação de**

**Professor Doutor Henrique da Costa Ferreira**

**Funchal, 2011**

## **AGRADECIMENTOS**

Chagado o fim desta longa, e proveitosa jornada, é altura de agradecer a todos os que de certo modo, directo ou indirecto, colaboraram e ajudaram.

Deste grupo gostaria de agradecer, e muito:

Aos meus pais que sempre me apoiaram nesta etapa da vida académica.

À minha amiga, e companheira de percurso, Mónica Helena.

À Zé, que sempre se disponibilizou em ajudar em tudo que fosse necessário.

Ao Nuno André que me apoiou com todo o seu carinho e conforto nas alturas necessárias.

Ao meu orientador por me manter focada no objectivo do trabalho.

A todos os meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

Hoje em dia é cada vez mais frequente ouvir falar na necessidade de uma maior aproximação entre as Famílias, a Escola e a Comunidade, pois são as três entidades que estão presentes, não só, durante as primeiras aprendizagens, mas também durante grande parte da vida do indivíduo.

Sabemos que neste mundo globalizado, no qual as mudanças acontecem a todo o momento, cada vez mais competitivo, as famílias têm visto o seu tempo com as crianças ser reduzido de dia para dia, facto este que tem feito com que esta entidade se veja, quase, na obrigação de entregar os seus “meninos” às escolas, lhes delegando certas responsabilidades.

É, por isso, premente e necessário conhecer a realidade em que se vive, e explorar os factores que estão envolvidos nesta problemática, de modo a criar condições para que exista a possibilidade de criar e desenvolver novas estratégias para atrair os pais à escola. É também importante desmistificar esta relação para que os receios de ambas as entidades, face à participação e envolvimento, sejam superados.

O presente trabalho será desenvolvido na rede de escolas públicas da Região Autónoma da Madeira, distribuídas pelos vários concelhos e, vai incidir sobre o Ensino Secundário.

A finalidade primordial é a de conhecer a realidade da participação no Ensino Secundário nas escolas da RAM, ou seja, compreender de que modo acontece, quem a promove e quem está implicado. Para tal recorreremos à aplicação de questionários a uma amostra construída através do processo de amostragem por conveniência.

Os dados obtidos permitiram-nos concluir que na nossa região a colaboração e participação acontecem independentemente do estatuto sócio-cultural. Esta participação é, sobretudo, indirecta, acontecendo raramente nas tomadas de decisão. Por último concluímos que os Presidentes dos Conselhos Executivos são quem apresenta um discurso mais favorável à participação e colaboração dos Encarregados de Educação.

**Palavras-chave:** participação, envolvimento, colaboração, família, escola.

## ABSTRACT

Nowadays, we frequently hear about the need to strengthen the bounds between Family, School and Community, whereas they have the main role during the first learning steps but also during must part of one's life.

We all know that in this globalized and competitive world, where changes occur at all time, the time dedicated to raise our children as been shortened day by day, making families entrust their children's education to schools, delegating them certain responsibilities.

That is why it is extremely necessary to know the reality where we live in and explore the intrinsic factors that are involved in this problematic in order to create and develop new strategies to attract parents towards school concerns. It is also very important to clarify this relationship in order to erase possible fears from both sides towards participation and involvement.

The present work will be developed within the public schools of the Autonomous Region of Madeira, and it is going to focus on the Secondary Education.

The main goal is to deeply know the real participation in the secondary education in order to understand how does it occurs, who promotes it and who is implicated. In order to do so, we applied several questionnaires to a selected sampling, through the process called sampling by convenience.

The collected data allowed us to conclude that in our region, the collaboration and participation occur independently of the social and cultural status. This participation is mostly indirect, occuring rarely during decision making periods.

We managed to conclude that Directors/Presidents of School Boards are those who present a more favourable speech concerning participation and collaboration from parents' side

**Keywords:** participation, involvement, collaboration, family, school.

## RÉSUMÉ

Aujourd'hui il est de plus en plus habituel de parler du besoin d'un plus grand rapprochement entre les Familles, l'École et la Communauté, puisque ce sont les trois entités qui sont présentes, non seulement durant les premiers apprentissages, mais aussi durant une grande partie de la vie de l'individu.

Nous savons que dans ce monde globalisé, dans lequel les changements se produisent à chaque instant, chaque fois plus compétitif, les familles ont vu réduit jour après jour le temps qu'elles consacrent aux enfants, fait qui a provoqué que cette entité se voit obligée à laisser leurs « enfants » aux écoles, leur déléguant certaines responsabilités.

C'est pour cela qu'il est primordial de connaître la réalité dans laquelle nous vivons et d'explorer les facteurs qui sont intégrés dans cette problématique, de façon à établir les conditions pour qu'il existe la possibilité de créer et développer de nouvelles stratégies pour attirer les parents dans les écoles. Il est aussi important de démystifier cette relation pour que les méfiances de chaque entité, face à la participation et l'implication, soient surmontées.

Le travail ici présenté sera développé dans le réseau d'écoles publiques de la Région Autonome de Madère (RAM), gérées par chaque commune, et va mettre l'accent sur l'enseignement secondaire.

Le but principal est de connaître le taux réel de participation dans les écoles d'enseignement secondaire de la RAM, c'est à dire, comprendre comment elle survient, qui la soutient et qui est impliqué. Pour cela, nous faisons appel à l'application de questionnaires basés sur un échantillon élaboré au travers du processus d'échantillon par convenance.

Les données obtenues nous ont permis de conclure que dans notre région la collaboration et participation se manifestent indépendamment du statut socio culturel. Cette participation est surtout indirecte et ne participant qu'en de rares occasions lors des prises de décision. Au final nous concluons que les Directeurs/Présidents du Conseil Exécutif, sont ceux qui présentent un discours plus favorable à la participation et collaboration des chargés d'éducation.

**Mots-clés:** participation, implication, collaboration, famille, école.

## RESUMEN

Hoy en día es cada vez más habitual oír hablar de la necesidad de un mayor acercamiento entre las Familias, la Escuela y la Comunidad, pues son las tres entidades que se encuentran presentes, no sólo, durante los primeros aprendizajes, pero también durante gran parte de la vida del individuo.

Sabemos que en este mundo globalizado, en el cual los cambios ocurren a todo momento, cada vez más competitivo, las familias han visto reducido día tras día su tiempo dedicado a los niños, hecho este que ha hecho con que esta entidad se vea casi obligada a dejar a sus “niños” a las escuelas, delegándoles ciertas responsabilidades.

Es por ello de primera necesidad conocer la realidad en la que se vive, y explorar los factores que están envueltos en esta problemática, de manera a crear condiciones para que exista la posibilidad de crear y desarrollar nuevas estrategias para atraer los padres a las escuelas. Es también importante desmitificar esta relación para que los recelos de ambas entidades, de cara a la participación y involucramiento, sean superados.

El presente trabajo será desarrollado en la red de escuelas públicas de la Región Autónoma de Madeira, distribuidas por los diferentes ayuntamientos y va a incidir sobre la enseñanza secundaria.

La finalidad primordial es conocer la realidad de la participación en la enseñanza secundaria en las escuelas de la RAM, o sea, comprender como ocurre, quien la patrocina y quien está implicado. Para eso, recurrimos a la aplicación de cuestionarios sobre una muestra construida a través del proceso de muestra por conveniencia.

Los datos obtenidos nos permitieron concluir que en nuestra región la colaboración y participación ocurren independientemente del estatus socio cultural. Esta participación es, sobre todo, indirecta, ocurriendo raramente en las tomas de decisión. Por último concluimos que los Presidentes del Consejo Ejecutivo, son quienes presentan un discurso más favorable a la participación y colaboración de los encargados de educación.

**Palabras-Clave:** participación, involucramiento, colaboración, familia, escuela.

## ÍNDICE GERAL

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	II
<b>RESUMO</b> .....	III
<b>ABSTRACT</b> .....	IV
<b>RÉSUMÉ</b> .....	V
<b>RESUMEN</b> .....	VI
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS</b> .....	X
<b>ÍNDICE DE TABELAS</b> .....	XIII
<b>ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	XIV
<b>LISTA DE SIGLAS</b> .....	XV
<b>Parte I: Introdução</b> .....	1
<b>Orientação da Investigação</b> .....	1
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	2
1. Justificação do Tema/Problema .....	2
2. Orientação da investigação .....	4
2.1. Tema .....	4
2.2. Problema .....	4
2.3. Questões de Investigação .....	5
2.4. Objectivos da Investigação .....	5
2.5. Metodologia .....	6
<b>Parte II: Revisão da Literatura</b> .....	7
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	8
1. Definição de Conceitos .....	8
1.1. Escola: .....	8
1.2. Envolvimento: .....	8
1.3. Participação: .....	9
1.4. Família .....	9
1.5. Colaboração Escola-Família .....	10
2. Perspectivas Organizacionais e Legais da Participação .....	10
2.1. Concepções de Escola .....	11
2.2. Modelos e Imagens da Escola .....	12
2.3. Administração das Escolas e Participação .....	18

2.4. Gestão Democrática e Participação.....	22
<b>Parte II: Revisão da Literatura .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>30</b>
<b>ESCOLA E FAMÍLIA NA SOCIEDADE .....</b>	<b>30</b>
1. Definições, Funções e Mudanças .....	30
2. Escola e Família: Porquê Cooperar .....	35
3. Escola e Família: Tipologias de Participação.....	39
4. Tipos e Níveis de Participação .....	43
5. Escola e Família: Relação Legalizada .....	49
<b>Parte III: METODOLOGIA.....</b>	<b>56</b>
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>57</b>
<b>METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO.....</b>	<b>57</b>
1. Natureza do Estudo.....	57
2. Recolha e Registo dos Dados .....	58
2.1. Construção dos Instrumentos de Recolha de Dados: Inquéritos por Questionário .....	60
3. População ou Universo do Estudo e Amostra .....	64
3.1. População .....	65
3.2. Cálculo e Caracterização da Amostra .....	67
4. Métodos de Análise e Interpretação dos Dados.....	73
<b>Parte IV: Resultados da Investigação .....</b>	<b>74</b>
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>75</b>
<b>Análise e Discussão dos Dados .....</b>	<b>75</b>
1. Encarregados de Educação .....	75
1.1. Dados Pessoais .....	75
1.2. Caracterização da Família .....	81
1.3. Contacto com a Escola .....	83
1.4. Participação na Escola.....	91
1.5. Representações dos Encarregados de Educação .....	101
2. Directores de Turma .....	104
2.1. Dados pessoais .....	104
2.2. Caracterização Sócio-Profissional.....	106
2.3. Participação na Escola.....	108
2.4. Representações sobre a participação .....	120



3. Presidentes dos Conselhos Executivos .....	123
3.1. Dados pessoais .....	123
3.2. Dados sócio-profissionais .....	125
3.3. Participação na escola .....	126
3.4. Representações sobre a participação .....	129
3.5. Participação na legislação .....	130
<b>Parte IV: Discussão dos Resultados e Síntese Conclusiva.....</b>	<b>132</b>
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>133</b>
1. Discussão dos resultados .....	133
2. Síntese Conclusiva.....	144
3. Limitações do estudo .....	146
4. Recomendações para investigações futuras.....	147
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>159</b>
Apêndice I: Inquérito dos Encarregados de Educação .....	160
Apêndice II: Inquéritos dos Directores de Turma.....	169
Apêndice III. Inquérito dos Presidentes dos Conselhos Executivos.....	177
<b>ANEXOS.....</b>	<b>182</b>
Anexo I: Pedido de autorização entregue na Direcção Regional de Educação ....	183
Anexo II: Pedido de autorização enviado ao Presidente da Escola Básica e Secundária Dr. Francisco F. Branco .....	185

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos Inquiridos por Concelho.....	75
Gráfico 2: Distribuição dos Inquiridos por Sexo .....	76
Gráfico 3: Idade dos Inquiridos .....	77
Gráfico 4: Habilitações Académicas dos Inquiridos.....	77
Gráfico 5: Situação Profissional dos Inquiridos .....	78
Gráfico 6: Categorias profissionais dos Encarregados de Educação .....	79
Gráfico 7: Rendimentos mensais aproximados da família .....	80
Gráfico 8: Número de membros que compõem o agregado familiar.....	81
Gráfico 9: Número de elementos que se encontram a estudar.....	82
Gráfico 10: Distribuição dos educandos por ano em que estudam.....	83
Gráfico 11: Número de vezes que se dirigiu à escola no ano lectivo 10/11 .....	83
Gráfico 12: Número de reuniões às quais assistiram no ano lectivo 10/11 .....	84
Gráfico 13: Órgão com o qual contactam mais vezes na escola.....	85
Gráfico 14: Tem conhecimento do horário de atendimento do Director de Turma.....	86
Gráfico 15: Costuma utilizar o horário disponibilizado pelo Director de Turma.....	86
Gráfico 16: O horário de atendimento está adequado.....	87
Gráfico 17: Se o horário fosse mais favorável participava mais vezes.....	88
Gráfico 18: Um horário favorável não o faria participar mais.....	89
Gráfico 19: Motivo dos contactos por Iniciativa Própria.....	89
Gráfico 20: Motivo dos contactos por Convocatória.....	90
Gráfico 21: Avaliação dos contactos com o Director de Turma.....	91
Gráfico 22: Considera importante que se realizem projectos e actividades que incluam os Encarregados de Educação .....	92
Gráfico 23: Se considera importante, justifique a sua opção.....	92
Gráfico 24: Se não considera importante, justifique a sua opção .....	93
Gráfico 25: Frequência destes acontecimentos na óptica dos Encarregados de Educação.....	97
Gráfico 26: Opinião sobre o número de representantes.....	98
Gráfico 27: Auto-avaliação do nível de participação .....	99
Gráfico 28: Possíveis obstáculos à participação e colaboração .....	99
Gráfico 29: Sabe se a escola tem Associação de Pais e Encarregados de Educação.....	100

Gráfico 30: Tendo em conta a escola do seu educando, com que frequência acontecem as seguintes acções .....	101
Gráfico 31: Número de respostas à questão “ <i>Quais as suas sugestões para que a relação entre a escola e os Encarregados de Educação seja mais efectiva e maximizada?</i> ” .....	103
Gráfico 32: Distribuição dos Directores de Turma por Concelho .....	104
Gráfico 33: Sexo dos Directores de Turma.....	105
Gráfico 34: Idades dos Directores de Turma .....	105
Gráfico 35: Habilitações dos Directores de Turma.....	106
Gráfico 36: Tempo de serviço docente .....	106
Gráfico 37: Situação profissional dos Directores de Turma inquiridos.....	107
Gráfico 38: Já foi Director de Turma mais do que uma vez.....	107
Gráfico 39: Número de vezes que foram Directores de Turma .....	108
Gráfico 40: Que Encarregados de Educação se dirigem mais à escola .....	108
Gráfico 41: Os Encarregados de Educação vão à escola por iniciativa própria ou por convocatória.....	109
Gráfico 42: Opinião dos Directores de Turma sobre: “os Encarregados de Educação participam pouco na vida escolar dos educandos” .....	111
Gráfico 43: Obstáculos à participação dos Encarregados de Educação .....	112
Gráfico 44: Número de representantes no Conselho da Comunidade Educativa e no Conselho de Turma .....	115
Gráfico 45: Considera importante que se realizem projectos e actividades que incluam os pais e Encarregados de Educação na escola .....	115
Gráfico 46: Se considera importante justifique a sua opção.....	116
Gráfico 47: Avaliação da participação dos Encarregados de Educação .....	117
Gráfico 48: Durante a sua formação inicial, como professor, teve alguma formação para a relação com os Encarregados de Educação .....	119
Gráfico 49: Número de respostas à questão <i>Qual a sua opinião sobre a forma como o corpo docente e a escola percebem a colaboração entre os Encarregados de Educação e a escola?</i> .....	120
Gráfico 50: Pensando na sua escola com que frequência se presenciam as seguintes acções.....	121
Gráfico 51: De que modo a colaboração e participação se manifestam na sua escola ....	122
Gráfico 52: Concelhos dos Presidentes que devolveram os questionários .....	124
Gráfico 53: Sexo dos Inquiridos .....	124

Gráfico 54: Idades dos Inquiridos.....	125
Gráfico 55: Habilitações académicas dos inquiridos .....	125
Gráfico 56: Tempo de serviço dos inquiridos.....	125
Gráfico 57: Tempo ao qual exercem o cargo de Director/Presidente do Conselhos Executivos.....	126
Gráfico 58: A escola tem Associação de Pais e Encarregados de Educação.....	128
Gráfico 59: Considera que existem outras áreas em que os Encarregados de Educação podiam estar representados .....	130
Gráfico 60: Considera importante que se realizem projectos e actividades que incluam os Encarregados de Educação .....	134

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Formas de participar e estar na escola .....	46
Tabela 2: Formas de Participação .....	49
Tabela 3: Blocos operacionais e objectivos do questionário destinado aos Encarregados de Educação .....	62
Tabela 4: Blocos operacionais e objectivos do inquérito destinado aos Directores de Turma.....	63
Tabela 5: Blocos operacionais e objectivos do inquérito destinado aos Presidentes.....	63
Tabela 6: Distribuição das Escolas Públicas da RAM.....	64
Tabela 7: N.º de alunos por cada ciclo e Concelho da RAM.....	66
Tabela 8:Nº de alunos do Ensino Secundário, público, na RAM .....	67
Tabela 9: Número de alunos nas escolas seleccionadas .....	69
Tabela 10: N.º de inquéritos distribuídos pelos Encarregados de Educação .....	71
Tabela 11: Nº de inquéritos distribuídos aos Encarregados de Educação e aos Directores de Turma .....	72
Tabela 12: Grau de concordância com as afirmações feitas .....	95
Tabela 13: Áreas em que consideram importante a sua participação .....	96
Tabela 14: Pensando no Director de Turma do seu educando dirá que este tem realizado as seguintes acções.....	102
Tabela 15: Grau de concordância, dos Directores de Turma, com as afirmações feitas .	110
Tabela 16: Áreas de participação dos Encarregados de Educação .....	113
Tabela 17: A participação dos Encarregados de Educação é importante para a escola porque .....	118
Tabela 18: Discussão dos dados das Tabelas n.º12 e n.º15. ....	136
Tabela 19: Discussão dos dados das Tabelas n.º13 e n.º16. ....	137
Tabela 20: Resumo dos gráficos n.º 30 e n.º 50.....	141

## **ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES**

Ilustração 1: Cálculo do tamanho mínimo da amostra.....	68
Ilustração 2: Cálculo do tamanho mínimo da amostra para uma população de 3100 elementos .....	70

## **LISTA DE SIGLAS**

Aqui são explicadas as siglas que poderão ser encontradas no decorrer do trabalho.

**CRSE:** Comissão de Reforma do Sistema Educativo.

**DT:** Director de Turma.

**EE:** Encarregados de Educação.

**LBSE:** Lei de Bases do Sistema Educativo.

**PAE:** Plano Anual de Escola

**PEE:** Projecto Educativo de Escola.

**PGR:** Proposta Global de Reforma.

**RAM:** Região Autónoma da Madeira.





**Parte I: Introdução**  
**Orientação da Investigação**

# INTRODUÇÃO

## **1. Justificação do Tema/Problema**

A educação e o desenvolvimento das crianças e jovens têm sido desde sempre, mas com mais expressão após a Revolução Industrial, uma preocupação das sociedades e das suas políticas, pois são eles quem irão garantir a continuidade do país.

A educação está consagrada na Declaração Universal dos Direitos do Homem como um direito de todos e almeja o desenvolvimento pleno da pessoa humana.

Existem autores que defendem que a educação não é mais do que uma forma de reprodução cultural e, por essa razão o Estado poderá ter interesse em regular tudo o que se passa na escola. (Pierre Bourdieu, 1978; Baudelot e Estabelet, 1971; Bowles e Gintis, 1976.)

Para garantir a perpetuação dos valores que se pretendem inculcar na sociedade, o Estado “controla”, através do Ministério da Educação, uma panóplia de áreas ligadas à escola desde os currículos, a formação dos seus actores, a colocação de docentes até aos concursos e outros mais.

A participação nas escolas está também relacionada com a participação dos indivíduos na vida pública e política do seu país, pois a escola existe no seio da sociedade e não deveria ser possível separá-la do meio na qual se insere.

Esta é uma opinião partilhada por vários autores. Estes chamam à atenção para o facto de que as pessoas que mais se envolvem na escola são de igual modo cidadãos mais atentos ao que se passa na sociedade.

Particularizando mais a temática, algumas das condições básicas e necessárias à participação dos cidadãos na vida pública de Portugal reuniram-se após a Revolução de 25 de Abril de 1974. Antes desta data, é do conhecimento que o país se encontrava num sistema político ditatorial que não permitia que a população se expressasse ou sequer participasse na vida pública ou política.

No que diz respeito à educação, em particular, foi, igualmente, após esta época que se iniciaram os movimentos legislativos, começando pela publicação da Constituição da República, que abriram portas para a participação e envolvimento das famílias nas escolas e na educação, seguindo-se pela publicação do Decreto-lei nº 769-A/76 que regulamentava a gestão das escolas. A este seguiram-se outros tantos, até à publicação do

Decreto-Lei n.º 75/2008, a nível nacional. A nível regional temos o Decreto Legislativo Regional n.º 21/2006.

Os movimentos para a criação das Associações de pais e Encarregados de Educação, com vista ao aumento da sua participação e envolvimento na vida escolar, principalmente nos órgãos e estruturas escolares de gestão, intensificaram-se também nesta época, sendo que os seus esforços levaram à publicação de uma lei, Lei nº 7/77, consagrada à participação das associações de pais e Encarregados de Educação no sistema nacional de ensino.

A participação normalmente efectiva-se apenas pela representação dos pais nos órgãos de gestão escolar, e tem sido considerada como a ida às reuniões de avaliação, reuniões de escola, representando os educandos, sempre que necessário e pouco mais do que isso.

São conhecidas diversas formas e níveis de participação, bem como se encontram descritas na literatura as várias vantagens que surgem da conjugação de esforços entre dois actores escolares importantíssimos Família e Escola. Contudo, a articulação entre actores tem sido vista como uma ameaça ao poder das escolas, principalmente ao poder dos professores.

Por isto, pretende-se demonstrar que muito se tem a ganhar com o investimento nesta relação entre os principais guias de crescimento, aprendizagem, desenvolvimento e socialização dos educandos.

“ (...) a escola terá de ser estruturada para a participação uma vez que se persegue objectivos de natureza participativa (...) porque (...) só se aprende a participar, participando” (Ferreira, 1995, 283).

É necessário reforçar a ideia de que esta aproximação deverá ser mútua para que se desenvolvam verdadeiros canais de comunicação e participação, de modo a que Famílias e Escola possam, em conjunto, educar as crianças e jovens.

Nesta linha de acção, o trabalho encontra-se organizado em quatro partes:

Parte I: Introdução e orientação da investigação, onde se especificam os objectivos desta e onde se colocam as questões de investigação.

Parte II: Revisão de Literatura onde se procede a uma recolha de informação e de autores que tratam desta temática. Esta revisão tem por objectivo averiguar que opiniões e que estudos já existem sobre o tema da participação dos pais e Encarregados de Educação nas escolas.

Parte III: Descrição de todo o processo metodológico necessário à realização do trabalho, incluindo por isso a natureza do trabalho, a amostra, os métodos de recolha de dados e ainda os métodos de análise dos dados.

Parte IV: Elaboração da análise e discussão dos dados obtidos. Nesta parte estão também as conclusões resultantes dos dados, as considerações finais, limitações e recomendações.

## **2. Orientação da Investigação**

### **2.1. Tema**

Colaboração e Participação da família (Encarregados de Educação) no Ensino Secundário, nas escolas do Ensino Público da Região Autónoma da Madeira (RAM).

### **2.2. Problema**

Durante as pesquisas realizadas para a elaboração de outros trabalhos, notou-se que o tema da participação e envolvimento da família é uma temática, que apesar de já estar em exploração há algum tempo, é uma área onde as possibilidades de pesquisa são vastas. Em Portugal, e mais especificamente na Região Autónoma da Madeira, esta temática constitui, ainda, um campo onde a investigação parece justificar-se.

Daí surgiu a curiosidade de conhecer de que forma as Famílias participam e colaboram com a escola ao longo do percurso escolar dos seus educandos, desde o início no Ensino Básico até à saída do Ensino Secundário, dentro da Região Autónoma da Madeira (adiante designada por RAM).

Contudo, devido ao limite de tempo para a realização do estudo, este irá apenas incidir sobre o Ensino Secundário por ser uma área onde esta relação específica não está tão explorada como no caso do 1º ciclo do ensino básico, ou no caso das famílias com crianças com necessidades educativas especiais.

O interesse em estudar este tema surgiu também pelo facto de diversos autores apontarem inúmeras vantagens do trabalho conjunto entre a Escola (professores e Presidentes dos Conselhos Executivos) e as Famílias, principalmente nas famílias com um capital económico e social mais baixo.

No tempo em que vivemos, no qual as desigualdades sociais estão cada vez mais evidentes, torna-se importante estudar possíveis parcerias que possam ajudar, a nível

educativo e não só, a diminuir estas diferenças entre classes, entre os que podem e os que não podem.

### **2.3. Questões de Investigação**

Tendo em conta a temática, e para melhor enquadrar e definir o objecto de estudo da investigação, foram elaboradas algumas questões, que de alguma maneira irão ser guias durante todo o processo de construção deste projecto.

Estas questões surgiram, não só mas também, durante o processo de revisão de literatura no qual foram conhecidos diversos pontos de vista sobre a temática em causa.

Eis as mais relevantes:

- Quais as características e os motivos que influenciam a participação das famílias?
- Que importância/ papel tem o órgão directivo da escola nas relações entre escola/pais?
- De que modo a participação e o envolvimento se manifestam na organização escolar, no Ensino Secundário?

### **2.4. Objectivos da Investigação**

Os objectivos gerais desta investigação são:

- Explorar e descrever o fenómeno da participação dos Encarregados de Educação nas escolas secundárias públicas da Região Autónoma da Madeira.

Quanto a objectivos específicos, construímos os seguintes:

- Perceber como é que as diferentes escolas da RAM entendem a participação das famílias no seu seio;
- Conhecer as consequências de um trabalho conjunto entre as entidades em causa Família-Escola, no Ensino Secundário;
- Entender de que modo os Encarregados de Educação e professores vêem a participação no percurso escolar;
- Construir um trabalho que possa ser utilizado como rampa para futuras investigações;

## 2.5. Metodologia

Tendo em conta o nosso objectivo geral, explorar e descrever a temática da participação nas escolas secundárias públicas, o nosso estudo assume uma natureza descritiva.

A recolha de dados foi realizada através da aplicação de inquéritos por questionário aos Encarregados de Educação, aos directores de turma e ainda aos Presidentes dos Conselhos Executivos.

O tipo de amostragem utilizado foi a amostra por conveniência, pois era a que mais se adequava às características do universo de estudo.

O tratamento dos dados foi, principalmente, quantitativo, havendo questões que foram tratadas de um modo qualitativo (questões abertas). O tratamento quantitativo foi realizado com o auxílio de software informático adequado. No nosso caso foi utilizado o conhecido programa denominado SPSS ou Statistical Package for the Social Sciences (versão 19).

Por fim, a discussão dos resultados foi elaborada com base no cruzamento dos dados recolhido através dos inquéritos dos três grupos de inquiridos.

**Parte II: Revisão da Literatura**

**CAPÍTULO 1**

# CAPÍTULO 1

## **1. Definição de Conceitos**

Inicia-se a revisão com uma recolha dos conceitos mais importantes para este trabalho pois através destas definições temos a oportunidade de esclarecer de que modo cada termo é compreendido no contexto deste trabalho.

Definem-se apenas estes conceitos por se considerar serem as palavras-chave deste trabalho, que tem como tema *Família e Ensino Secundário - A Colaboração e Participação nas Escolas do Ensino Público da Região Autónoma da Madeira*.

As definições aqui apresentadas são aquelas que mais se adequam aos objectivos e contexto da investigação.

### **1.1. Escola:**

“Instituição na qual se praticam o ensino e a educação” (Thines. G., 1984, p. 326)

“Casa ou estabelecimento onde se recebe ensino de ciências, letras ou artes.” (Chorão, J., 1997, p. 96)

“Estabelecimento onde se ensina.” (Dicionário Enciclopédico, 1982, p. 335)

A escola pode também ser vista como “uma «instituição social» que existe pelas interacções que se verificam entre os seus membros. As interacções que vão marcar a diferença têm a ver com as regras de jogo, a forma como os seus membros funcionam com os constrangimentos, o espaço de acção que cada um e os grupos usam e a forma como se apropriam e recriam o significado da actividade escolar” (Pinto, C. A., 1995, pp. 51-52).

“A escola é um microcosmos no qual se tece uma rede (...) de relações interpessoais” (Guerra, 2000, p. 54).

Mais adiante este tema é novamente explorado e aprofundado, razão pela qual aqui se faz uma definição sintética.

### **1.2. Envolvimento:**

Este conceito não pode ser confundido com participação. Silva (2002, in Zenhas, 2006, p. 26) “considera que o conceito de envolvimento se refere a acções essencialmente individuais em benefício directo dos filhos. Davies (1989) define “envolvimento como



designando todas as formas de actividade dos pais na educação dos seus filhos, tanto em casa como na escola ou na comunidade” (in Zenhas, 2006, p. 26)

Como se observa, o termo “envolvimento” tem um cariz mais particular e individual do que o termo “participação”, isto é, quando nos referimos a uma actividade que necessita do envolvimento de alguém, denota-se que será desenvolvida uma colaboração estreita entre os participantes.

O envolvimento dos pais é também definido como “todas as formas de relacionamento entre a escola e os pais que não exigem a participação na tomada de decisões” (Marques, 2000, p. 60).

### ***1.3. Participação:***

Este termo tem inúmeros significados dependendo do meio onde se aplica. Segundo se define no Grande Dicionário Enciclopédico “O verbo participar significa comumente, «tomar parte», «ter parte em», «comunicar», «estar presente». Em filos., como a palavra indica, denota a relação entre o participante e o participado.” (p. 1376)

“Participar, significa quer ter parte em qualquer coisa, beneficiar dela, quer tomar parte e, portanto, cooperar” (Birou, A., 1973). Ainda segundo o autor deste dicionário, participação pode significar: “cooperação, colaboração, solidariedade, adaptação, ajustamento, aceitação, submissão, treino.”

Segundo Ramiro Marques (1994, p. 52), citado por Zenhas (2006, p. 26) “A participação inclui as formas de relacionamento entre a escola e as comunidades que pressupõem a partilha do poder e o exercício da tomada de decisões e do poder deliberativo.”

Tal como o conceito de escola, o conceito de participação será aprofundado mais adiante, servindo esta definição apenas para esclarecer o sentido da expressão no contexto deste projecto.

### ***1.4. Família***

Pedro Silva, autor que muito se tem debruçado sobre a participação familiar, refere que nesta temática “é preferível empregar a palavra família quando nos referimos ao conjunto de adultos que se relacionam de uma forma duradoura e constante com os alunos no espaço casa” (Silva, 1992, referido por Marques, 1992, p. 13).

Segundo o mesmo autor, a expressão *família* tem abrangência suficiente para incluir vários tipos de família (nuclear, alargada), e inclui tanto os pais biológicos, como as situações de paternidade que têm origem em novos casamentos, adoções, entre outras. (Silva, 1992, referido por Marques, 1992, p. 14)

Este termo será mais aprofundado mais adiante. Por essa razão aqui se define família de acordo com este autor, por ser a definição que mais se adequa à investigação.

Ao longo do trabalho serão utilizadas as expressões *pais e Encarregados de Educação* bem como *Encarregados de Educação*, como representantes da família no interior da escola.

### **1.5. Colaboração Escola-Família**

Joyce Epstein (in Marques, 1992, p. 14) tem preferência por esta nomenclatura para se referir à relação entre a escola e a família. Segundo a autora, a expressão *colaboração escola-família* “inclui as noções de parceria, de partilha de responsabilidades e de participação” partindo do princípio de que o sucesso educativo só é conseguido com a colaboração de todos (in Marques, 1992, p. 14).

A colaboração entendida neste sentido compreende a escola como “comunidade educativa onde o processo educativo é fruto da interacção de todos os intervenientes” (in Marques, 1992, p. 14).

## **2. Perspectivas Organizacionais e Legais da Participação**

Este ponto surge da necessidade de compreender o percurso da participação nas escolas públicas portuguesas.

A participação, de todos os actores educativos, nas escolas públicas tem sido feita de avanços e recuos através da produção legislativa referente à Administração, Gestão e Autonomia das Escolas.

Esta prática democrática, que é a participação, varia, também, conforme as concepções e modelos de escola e ainda de acordo com o tipo de administração pelo qual as escolas se regem. Iremos dar mais enfoque ao modelo de gestão democrática por ser este um modelo facilitador das relações entre a escola e a família.

## **2.1. Concepções de Escola**

A escola pública pode ser vista e estudada como sendo um serviço do Estado ou como comunidade educativa/instituição da comunidade (Formosinho, J., 1989; Afonso, N., 1993).

A concepção de escola como um serviço proporcionado pelo Estado é característica de uma administração pública centralizada que entende que a educação é, assim, função do Estado. Neste sentido “a direcção da escola (...) encontra-se fora dela – nos serviços centrais” (Formosinho, 1989, p. 43).

Nesta concepção de escola, o modelo de administração da escola é um modelo centralizado, a escola não tem qualquer tipo de autonomia pois a sua direcção, como já foi supracitado, está sob alçada da administração central e dos serviços centrais. Na escola, apenas são considerados os alunos, os professores e os funcionários. A escola não tem abertura à comunidade exterior.

Segundo Natércio Afonso (1993) estas circunstâncias fazem com que não exista “lugar para o envolvimento das famílias e das comunidades na administração das escolas” (p. 132)

Em modo de resumo, no que toca à participação das famílias, voltamos a nos apoiar em Afonso (1993, p.133) que refere o seguinte:

Na realidade, quando a escola é entendida como um serviço do Estado, as famílias são entendidas como simples utentes a quem não é reconhecido o direito de exercer influência (...) sendo-lhes apenas reconhecida a possibilidade de reclamar (...) na qualidade de consumidores.

A escola, enquanto serviço do Estado, é controlada ao mais ínfimo pormenor desde as formas de gestão até à forma dos edifícios.

Quanto mais centralizadas forem as formas de Administração e Direcção, mais afastadas estão as decisões administrativas dos problemas concretos das populações, mais canais de comunicação há entre os diversos intervenientes e níveis de administração (maior burocratização das decisões), menos empenhadas se sentem as populações nas tarefas da administração – logo há menos participação (...) (Ferreira, 2002, p.26)

Com a descentralização da administração pública existe uma aproximação entre as organizações e a comunidade e conseqüente desburocratização.

Nesta perspectiva, a escola passa a ser entendida como uma comunidade educativa, isto é:

A comunidade escolar já não é restrita e fechada em si mesma, como é inevitável num sistema centralizado, mas inclui os membros e os clientes imediatos (alunos e pais) e mediatos da escola (comunidade profissional servida e comunidade local). É, pois, uma comunidade educativa aberta a todos os interessados do processo educativo (Formosinho, 1989, p. 45).

Os princípios fundamentais desta concepção foram proclamados na Constituição e na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro), regulamento, este, fundamental para a organização e definição dos objectivos do sistema educativo português.

Segundo esta lei, um dos princípios organizativos do sistema educativo é:

l) Contribuir para desenvolver o espírito e a prática democráticos, através da adopção de estruturas e processos participativos na definição da política educativa, na administração e gestão do sistema escolar e na experiência pedagógica quotidiana, em que se integram todos os intervenientes no processo educativo, em especial os alunos, os docentes e as famílias (Artigo 3º, Lei de Bases do Sistema Educativo).

Quando a escola é concebida através desta perspectiva, ela caracteriza-se por possuir alguma “autonomia em relação ao poder central” (Afonso, 1993, p. 133). Entendemos que só esta autonomia poderá permitir à escola cumprir com os princípios designados para a sua organização na Lei de Bases do Sistema Educativo.

Uma vez mais, citamos Natércio Afonso. O autor refere que “a concepção da escola enquanto instituição comunitária tem gerado sistemas escolares descentralizados e diversificados, mais favoráveis à participação dos Encarregados de Educação na administração das escolas” (1993, p. 134).

Comparando estas duas concepções, tendo em conta o nosso objecto de estudo, vemos que a participação democrática, dos pais e Encarregados de Educação e demais comunidade, encontra condições favoráveis ao seu crescimento apenas na segunda concepção, pois sistemas burocráticos e dependentes da administração central não combinam com uma escola aberta e democrática.

## **2.2. Modelos e Imagens da Escola**

O autor de referência no que toca às imagens da escola, isto é, o modo como as escolas podem ser vistas enquanto organizações, é Jorge Adelino Costa. A obra mais citada sobre este tema, e da responsabilidade deste autor, dá pelo nome de *Imagens Organizacionais da Escola* (1996).

Neste livro o autor sintetiza seis imagens da escola, respectivamente Escola como Empresa, Escola como Burocracia, Escola como Democracia, Escola como Arena Política, Escola como Anarquia e finalmente Escola como Cultura.

A Escola como Empresa tem as seguintes características (Costa, 1996, p. 25):

- “estrutura organizacional hierárquica, centralizada (...) e devidamente organizada;
- divisão do trabalho e especialização através da definição precisa de cargos e funções;
- ênfase na eficiência e na produtividade organizacional (...);
- planificação e identificação (...) dos objectivos a alcançar;
- identificação da melhor maneira de executar cada tarefa (...);
- uniformização dos processos, métodos, tecnologias, espaços e tempos;
- individualização do trabalho (...).”

Como vemos este tipo de perspectiva dá origem a uma escola muito centrada na tarefa e no modo como realizá-la. Além destas características apontadas acima, existem outras onze exploradas por Martín-Moreno (1989, in Costa, 1996, pp. 33-34), que caracterizam a escola com base nas teorias da administração desenvolvidas por Frederick Taylor.

Estas onze características pretendem demonstrar a semelhança que existe entre a organização do sistema educativo e as empresas. Deste modo podemos destacar as seguintes: - “uniformidade curricular;” – uniformidade nos métodos de ensino orientados para o ensino colectivo; - divisão dos alunos por grupos fixos (turmas); - horários fixos (como um horário de trabalho); - direcção a cargo de uma só pessoa e ainda relações diminutas com a comunidade exterior.

Através da caracterização realizada anteriormente conseguimos compreender que esta imagem de escola não favorece a participação nem o envolvimento da comunidade na escola e ainda favorece menos a participação dos pais e Encarregados de Educação.

Quanto à Escola como Burocracia, Costa (1996, p. 39) aponta os seguintes indicadores como os que melhor caracterizam a escola sob este ponto de vista:

- tomada de decisões centrada nos órgãos superiores (Ministério da Educação) resultando na inexistência de autonomia da escola;
- regulamentação rigorosa de todas as actividades através de uma forte divisão do trabalho;
- funcionamento previsível dada a planificação pormenorizada da organização;
- organização do tipo pirâmide, com base numa hierarquia onde as relações se estabelecem de cima para baixo, no sentido chefias - subordinados;
- preocupação pela produção documental;
- sistema de regras bem fixadas que estabelece uma rotina;
- o relacionamento entre as pessoas é distante e impessoal;
- métodos de ensinar uniformes (o mesmo currículo, o mesmo método);
- “concepção burocrática da função docente”.

Segundo o autor em causa (Costa, 1996, p. 50) esta visão burocrática “é mais comum nos países onde a administração é centralizada e os estabelecimentos de ensino, usufruindo de diminutas margens de autonomia, se encontram sujeitos a uma regulamentação pormenorizada”.

Assim sendo, e como veremos mais adiante, os sistemas centralizados obrigam a que a administração das escolas seja feita pela administração central. Este facto obriga a que tudo o que se passa na escola seja controlado ao detalhe e, como a administração central não está disponível para prestar contas ao público externo, a participação está limitada aos professores, alunos e funcionários.

Quando a escola é concebida como escola democrática, temos a imagem de Escola como Democracia. À semelhança dos pontos anteriores vamos enunciar os indicadores, que segundo o autor, podem caracterizar esta imagem (Costa, 1996, pp. 55-56):

- incremento dos meios de participação na tomada de decisões;
- “utilização de estratégias de decisão colegial através da procura de consensos partilhados”;
- preferência pelos comportamentos informais;

- “incremento do estudo do comportamento humano (...), utilização de técnicos para “correção” dos desvios;
- visão harmoniosa e consensual da organização;”
- desenvolvimento de métodos de ensino personalizados.

Diferentemente da imagem da Escola como Empresa que é construída com base nas teorias da administração científica, a Escola como Democracia surge baseada nas teorias das relações humanas. Assim sendo, deixam de ser preocupações as normas e a estrutura formal das escolas, para se dar mais atenção aos indivíduos e ao seu comportamento enquanto membros de uma organização.

A escola vista como uma democracia, implica que esta deixe de ser um serviço do Estado, para ser uma escola aberta à comunidade, isto é, a escola como comunidade educativa.

As vantagens desta visão são:

- toda a acção é baseada no reconhecimento dos direitos de igualdade e dignidade de cada pessoa;
- os esforços, pessoais e da comunidade, giram em torno de um projecto educativo comum;
- “participação dedicada dos *quatro gestores* da escola (professores, alunos, pais e sociedade) na elaboração e realização do projecto educativo comum” (Costa, 1996, p.66);
- criação e manutenção de uma rede de relações humanas, pela real participação nos processos de tomadas de decisão, responsabilização, e uma verdadeira comunicação na organização.

De uma maneira simples, iremos utilizar as palavras de Lorenzo Delgado (1985, p. 171, in Costa, 1996, p. 66),

Falar de comunidade educativa é conceber a escola como lugar de encontro de professores, pais e alunos com o objectivo de realizar uma educação que se caracterize pela comunicação, pela participação e pelo respeito da singularidade de cada pessoa e de cada grupo.

A escola como democracia privilegia a pessoa humana no seio da organização, valoriza a sua participação e intervenção de cada um. Logo esta será uma das perspectivas de escola que melhor aceitará a participação dos pais e Encarregados de Educação,

a imagem da *escola como democracia* nos propõe, globalmente, uma concepção dos estabelecimentos de ensino que, valorizando as pessoas, aponta para modos de funcionamento participados e concertados entre todos os intervenientes na vida escolar, de modo a que a harmonia e o consenso prevaleçam (Costa, 1996, p. 71).

O modelo de Escola como Arena Política surge da recusa da previsibilidade do modelo burocrático e do consenso de objectivos do modelo democrático (Costa, 1996, p. 73). Esta imagem pode caracterizar-se através dos seguintes pontos:

- “a escola é um sistema político em miniatura (...)”
- os indivíduos que compõem as escolas são diferentes entre si, têm objectivos próprios e posicionam-se diferenciadamente em relação à hierarquia;
- “a vida escolar desenrola-se com base na conflitualidade de interesses e na consequente luta pelo poder”
- a actividade da organização é influenciada pelos interesses do indivíduo e/ ou do grupo, sendo que estes interesses podem estar no interior ou no exterior da escola;
- o processo de tomada de decisões está baseado na negociação, tendo em conta o poder de influência de cada indivíduo;
- “interesses, conflito, poder e negociação” são conceitos importantes e sempre presentes no raciocínio dos defensores desta imagem.

Uma das ideias subjacentes ao desenvolvimento desta perspectiva está baseada na imagem que cada pessoa cria da realidade que a rodeia. Esta teoria aplica-se também à realidade escolar. Neste sentido “para a compreensão da vida organizacional da escola necessitamos de ter em conta, não propriamente a estrutura (pretensamente) racional e estável da escola, mas (...) as condutas dos seus membros” (Costa, 1996, p. 81).

Esta imagem da escola parece deixar no ar a hipótese da existência de um lugar à participação dos pais e Encarregados de Educação. No entanto, parece-nos que esta participação iria acarretar uma série de conflitos, pois embora o objectivo de uma melhor educação seja comum, as relações de poder e interesses são diferentes e divergentes, ou seja, poderia desencadear uma participação divergente.

A imagem de Escola como Anarquia surge, não de um modo negativo, isto é, no sentido da desordem e do caos, mas como modo de chamar à atenção para os aspectos



que fogem às normas e que podem ser encontrados na escola. Estes aspectos são assim (Costa, 1996, pp. 89-90):

- “a escola é (...) uma realidade complexa, heterogénea, problemática e ambígua;
- o seu modo de funcionamento pode ser apelidado de anárquico, na medida em que é suportado por intenções e objectivos vagos, tecnologias pouco claras e participação fluida;
- a tomada de decisões não surge a partir de uma sequência lógica de planeamento, mas irrompe, de forma desordenada, imprevisível e improvisada, do amontoamento de problemas, soluções e estratégias;
- um estabelecimento de ensino não constitui um todo unido, coerente e articulado, mas uma sobreposição de diversos órgãos, estruturas, processos ou indivíduos frouxamente unidos e fragmentados;
- as organizações escolares são vulneráveis relativamente ao seu ambiente externo (governo, administração, autoridades locais, pais, instituições, grupos e organizações profissionais) que, sendo turbulento e incerto, aumenta a incerteza e a ambiguidade organizacionais;
- diversos processos organizativos desenvolvidos pela escola (planificação, tomada de decisões, avaliação, certificação), mais do que tecnologias decorrentes de pressupostos de eficiência ou de eficácia organizacionais, assumem um carácter essencialmente simbólico”.

Apesar de termos exposto as características desta imagem como um todo, a verdade é que Costa (1996, p. 90) refere que esta se pode dividir em quatro grandes temas da escola como: *anarquia organizada*, *caixote do lixo*, *sistema debilmente articulado* e *sistema caótico*. Estas áreas articulam-se, respectivamente, com os 2º, 3º, 4º e 5º indicadores acima referidos.

Um dos autores que mais tem explorado a temática da participação, Licínio Lima (1992), apresenta a participação como uma forma de anarquia organizada que responde aos desvios vividos na escola.

A partir dos anos 80 do século XX, e com a influência das empresas japonesas, a investigação e os estudos, sobre as imagens organizacionais da escola, começaram a explorar a perspectiva cultural da escola que deu origem à imagem de Escola como

Cultura (Costa, 1996, p. 109). Os indicadores que costumam sustentar esta perspectiva são os seguintes:

- “não só as organizações são diferentes, não só a escola é diferente das outras organizações, mas também cada escola é diferente de qualquer outra escola;
- a especificidade própria de cada escola constitui a sua cultura que se traduz em diversas manifestações simbólicas tais como valores, crenças, linguagem, heróis, rituais, cerimónias (a escola é uma mini-sociedade);
- a qualidade e o sucesso de cada organização escolar depende do seu tipo de cultura: as escolas bem sucedidas são aquelas em que predomina uma *cultura forte* entre os seus membros (identidade e valores partilhados);
- em termos de investigação os defensores desta perspectiva, entendendo a realidade organizacional como construção social, enquadram-se maioritariamente numa metodologia qualitativa e apontam o seu objecto de estudo para o interior da cultura escolar, designadamente para as dimensões simbólicas, mágicas e subjectivas do seu funcionamento;
- as tarefas primordiais dum gestor não se devem situar ao nível da estrutura, das formas ou dos processos racionais de decisão, mas a sua preocupação constante deverá ser canalizada para os aspectos simbólicos (gestão do simbólico) já que a cultura pode (e deve) ser não só utilizada como também alterada.”

Esta imagem da escola compreende-a como uma cultura que partilha valores, crenças, linguagens, entre outros aspectos, com a comunidade que a integra. Deste modo, compreendemos que a participação poderá potenciar-se se estes elementos partilhados forem comuns a todos os actores educativos.

### **2.3. Administração das Escolas e Participação**

A elaboração de documentos legais varia de acordo com a dinâmica e dimensão política das sociedades, ou seja, o tipo de administração e gestão das escolas está ligado com a política de cada comunidade.

Assim sendo pareceu-nos de extrema importância focar alguns dos modelos de administração pelos quais a escola pública passou e, através os quais se aumentou ou não

a participação, tanto dos pais e Encarregados de Educação como dos professores e outros membros que compõem a Escola.

Deste modo vamos organizar, com base em alguma literatura, um resumo dos estados políticos e sociais, e consequentes modelos de administração das escolas, que vivemos em Portugal, depois de 1974. Elaborámos apenas um resumo pois cada um destes estados poderia dar, por si só, origem a uma dissertação.

Como já referido na introdução deste trabalho e, como é do conhecimento geral, Portugal passou por um período ditatorial e autoritário. Este período teve início em 1926, denominou-se Estado Novo fundado e liderado por António de Oliveira Salazar. Durante este regime político houve uma fortíssima repressão e censura, a população não se podia exprimir livremente e aqueles que o ousavam fazer eram perseguidos.

Na Escola, este período político fez-se sentir através do “controlo político/ideológico da escola, transformando-a num instrumento para a formação do Português submisso aos valores defendidos pelo Estado Novo” (Vicente, 2004, p. 124).

A gestão das escolas estava a cargo do reitor ou director. Este elemento era nomeado pelo governo, que enviava para a escola pessoas que seguissem a ideologia política em vigência e desta forma mantinham o controlo sobre a escola e o seu funcionamento.

No que toca à participação, da comunidade educativa, nas escolas, esta era quase nula. Nenhum dos actores sociais (professores, alunos, funcionários, pais e Encarregados de Educação e demais comunidade) tinha lugar ou sequer oportunidade para a sua prática. Uma vez que a participação é um exercício democrático, não havia, naquele período, lugar a este acto.

Mais tarde e, pouco tempo antes da deposição do regime ditatorial, foi publicado o Decreto-Lei n.º 513/73. Este decreto alterou a estrutura administrativa das escolas e permitiu que estas tivessem alguma autonomia. Esta autonomia não se pode considerar real, na medida em que as escolas eram supervisionadas pela Direcção-Geral da Administração Escolar.

Para corroborar as ideias de não participação e falta de autonomia Ventura (2006, p. 128) escreve que “As escolas não tinham autonomia e a participação dos professores, pessoal não-docente e alunos na tomada das decisões que afectavam a vida quotidiana da escola era praticamente nula”.

Em Abril de 1974, deu-se uma revolução que pôs fim ao regime político que orientava o país desde 1926. O país mudou radicalmente e o sistema escolar

burocratizado deixou de ser adequado ao período de mudança constante que se vivia. Até aqui as escolas tinham um tipo de gestão denominado de “Modelo de gestão autocrático” (Vicente, 2004, p. 124).

Após a revolução, que ficou conhecida por Revolução dos Cravos, o poder passou para as escolas e os professores organizaram-se para administrar as escolas e gerir todos os assuntos que estivessem directamente ligados à vida escolar. Houve uma evidente cisão com o modelo de gestão anterior passando a viver-se uma espécie de autogestão das escolas. No que respeita ao desenvolvimento da gestão democrática das escolas, Lima (1992, pp. 346-347) refere que neste período observou-se “uma *deslocação do poder* para as escolas, (...) elevada mobilização de professores e alunos, (...) uma não regulamentação da participação e (...) inexistência de um quadro legal instituidor de um modelo de gestão das escolas”.

Contudo, em Dezembro de 1974 o país já se encontrava mais organizado politicamente, e é publicado o Decreto-Lei n.º 735-A/74 de 21 de Dezembro, através do qual o governo pretende retomar o controlo sobre a escola. Com este objectivo de recuperar o controlo, este documento organiza o modelo de gestão ao criar o conselho directivo, o conselho pedagógico e o conselho administrativo. A criação destes conselhos tinha também como objectivo orientar o modo como a participação acontecia na escola.

Deste modo a administração das escolas encontra-se agora “regulamentada, substituindo a prática da autogestão, característica do período revolucionário, por um sistema de democracia representativa” (Vicente, 2004, p. 125). Deste modo passou-se de uma democracia directa para uma democracia representativa, isto é, passaram a existir representantes dos grupos principais.

Relacionando com os tipos de participação descritos por Licínio Lima (1992) podemos dizer que passou-se de uma participação directa, para uma participação indirecta realizada por intermédio de representantes.

Com a mudança de regime político, surge a palavra democracia no âmbito da educação. A democracia surge sobretudo associada à participação na organização quer seja participação dos docentes, discentes, funcionários e demais comunidade educativa.

Dois anos mais tarde foi publicado o Decreto-Lei n.º 769-A/76 de 23 de Outubro, que regulamentou, detalhadamente, as funções bem como as actividades da escola. Este decreto permitiu que o Ministério da Educação restabelecesse o controlo sobre a escola. Paradoxalmente, é também através deste decreto que se instaura nas escolas um novo modelo de gestão, o modelo de gestão democrática e segundo Vicente

(2004, pp. 125-126) entramos assim num “Modelo de democracia e participação”. Ainda assim a autonomia, que as escolas deveriam ter dado ao seu modelo de gestão, era muito pouca pois o seu órgão directivo limitava-se a cumprir as ordens vindas da administração central.

No que concerne à participação dos Encarregados de Educação, que é a que mais nos importa neste trabalho, este decreto “Constitui o primeiro Decreto-Lei a autorizar a presença dos pais na escola” (Silva, 1994, p. 309).

O Decreto-Lei n.º 769-A/76 apesar de ter dado início a um novo modelo de gestão, mantinha alguns dos problemas verificados nos modelos anteriores principalmente a não profissionalização dos gestores escolares. Estes eram eleitos de entre os professores da escola mas não tinham, necessariamente de ter formação na área de gestão. Este facto condicionou a evolução do sistema educativo.

Na senda da atribuição de maior autonomia às escolas foi criado o Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de Maio. Com este decreto dá-se início ao modelo de “Autonomia contratualizada”. Através deste decreto pretende-se que as escolas tenham a possibilidade de aumentar a sua autonomia pela celebração de contratos.

Apesar da boa vontade por detrás deste decreto, “a tradição centralista do Estado, bem como da cultura burocrática que ainda parece determinar o povo português, mantém, em geral, a prática e culto do “funcionalismo”, da estabilidade (...) e inércia” (Vicente, 2004, p. 127). Significa isto que enquanto não houver uma mudança de mentalidades o modelo de administração e gestão das escolas também não irá mudar significativamente. Reportando-nos ao tema da participação, uma vez mais, este Decreto-Lei não difere muito do anterior, contudo tem a inovação de garantir a participação dos pais e Encarregados de Educação, ainda que na forma de representantes.

A este propósito citamos Santos Guerra, (2000, p. 68),

Porém, não basta mudar as atitudes se não transformarmos a prática quotidiana. As atitudes podem mudar sem que a realidade mude. Algumas vezes, tal é impossível em virtude das condições da organização, rotinas instauradas, resistências dos que permanecem imóveis ou ainda das dificuldades apresentadas pelos próprios alunos... Noutros casos, formulam-se desculpas, por medo, preguiça ou incompetência, que impedem que a mudança aconteça.

Podemos então observar que a participação nas escolas tem andado ao sabor da legislação sobre a administração e gestão das escolas, pois através destes documentos legais se constituem, organizam e definem as formas e os órgãos nos quais os pais e

Encarregados de Educação podem participar. Temos ainda de chamar a atenção para o facto de esta participação ser mais evidente a partir da gestão democrática das escolas.

#### **2.4. Gestão Democrática e Participação**

Iremos explorar um pouco mais o modelo de gestão democrática pois consideramos que este é o modelo de administração e gestão escolar que dá mais enfoque à abertura da escola aos pais e Encarregados de Educação bem como à comunidade.

A palavra democracia provém do grego e significa governo pelo povo. Aplicando este conceito à escola, teríamos uma escola governada pelas pessoas que a compõem e pela comunidade onde ela se integra. Contudo sabemos que esta não é a realidade da maioria das escolas.

Do ponto de vista político, não temos dúvidas de que numa sociedade democrática a instituição escolar deve ser um instrumento de difusão de valores democráticos e modelo de convivência e gestão participada (Guerra, 2002, p. 166).

No caso português, e como já focado anteriormente, o país esteve vários anos sob um regime político autoritário, ditatorial e repressivo. Este tipo de administração central reflectiu-se numa escola que não se governava a si própria, estando a sua administração a cargo dos serviços centrais. Este regime dominou o país, aproximadamente, durante 48 anos, desde a sua instauração em 1926, até à sua deposição em 1974. A partir daqui abriu-se um novo capítulo para o país e consequentemente para a escola. Deixou-se a ditadura para se dar início a um período democrático.

A gestão democrática teve a sua “1ª edição”, como referem Licínio Lima e Virgínio Sá (2002, pp. 43-47), exactamente após o fim do regime ditatorial, com uma espécie de autogestão por parte das escolas. Esta 1.ª edição acontece em simultâneo com período revolucionário e pode-se dividir em três fases distintas de acordo com “acontecimentos políticos relevantes e com a evolução da participação” (Lima, 1992, p. 346)

- I. A primeira, destas três fases, é caracterizada por uma participação espontânea;
- II. A segunda fase pode ser descrita como um tempo onde a participação acontece de uma forma mais organizada;
- III. Finalmente a terceira fase é definida por uma participação regulamentada e incluída num novo modelo de gestão.

Na 1.<sup>a</sup> edição a escola ainda se encontra dependente da administração central, mas ao mesmo tempo tem de prosseguir com a sua actividade, e no âmbito da revolução que se viveu no ano de 1974, na escola experimenta-se “o poder popular ou, pelo menos, se expande a sociedade civil, numa participação política e social” (Formosinho, 2003, p.32) nunca antes vista.

Neste ano foi publicado o Decreto-Lei n.º 221/74 de 27 de Maio com a intenção da administração central recuperar o controlo sobre a escola ao mesmo tempo que “remete para outra oportunidade a regulamentação do processo de escolha democrática dos órgãos de gestão dos estabelecimentos de ensino” (Formosinho, 2003, pp.32-33). Este Decreto-Lei concede espaço de participação aos alunos, professores, pessoal técnico, administrativo e auxiliar, segundo o disposto no artigo 1.º. Com esta redacção os pais e Encarregados de Educação não têm modos e espaços adequados para participar.

Segundo Lima & Sá (2002, p.44) os Encarregados de Educação parecem não se importar com sua exclusão dos processos de tomada de decisão dizendo que, “os próprios pais parecem não reivindicar essa participação, pelo menos de forma a emprestar-lhe visibilidade social. Há como que uma naturalização da exclusão dos pais das estruturas de governo das escolas”.

Alguns meses mais tarde, já no final do ano, é publicado o Decreto-Lei n.º 735-A/74 de 21 de Dezembro. Este tem por objectivo regular os órgãos de gestão dos estabelecimentos oficiais dos ensinos preparatório e secundário. Vem instituir o conselho directivo, pedagógico e administrativo em substituição das comissões de gestão e tornar mais efectiva a vontade do governo central retomar o controlo sobre as escolas, isto é, retorno à administração burocrática e centralizada.

Ainda assim “a partir da sua publicação que aumenta significativamente o número de escolas preparatórias e secundárias (...) com conselhos directivos eleitos, segundo os processos de democracia” (Formosinho, 2003, p. 33).

Em relação à participação dos Encarregados de Educação nos órgãos de direcção das escolas, esta lei não trás grandes inovações, pois apenas refere a importância deste grupo de actores educativos no seu preâmbulo. Isto significa que este decreto apenas veio conferir “alguma visibilidade à problemática da participação dos pais através das suas estruturas representativas” (Lima & Sá, 2002, p. 46).

No ano de 1976, é publicada a Constituição da República e realizaram-se eleições legislativas. Através destes actos cimentou-se a democracia representativa como modelo de governação do país.

O governo que se constituiu através das eleições, o 1.º Governo Constitucional, deu primazia à educação. Como forma de normalizar a educação e regulamentar a gestão das escolas foi produzido o Decreto-Lei n.º 769-A/76 de 23 de Outubro.

Com esta publicação inicia-se a 2.ª edição da gestão democrática e é oficializado o retorno a um sistema centralizado. Assim o confirmam os seguintes autores ao escreverem “ que durante a *segunda edição* da gestão democrática a escola perde definitivamente o poder de direcção” (Lima & Sá, 2002, p. 51).

No que diz respeito à participação, Lima (1992, p. 348) refere que esta “é definitivamente inscrita num quadro formalizado, regulamentada ao pormenor, sujeita ao cumprimento de múltiplos requisitos processuais”.

Em relação à participação, específica dos pais e Encarregados de Educação e da comunidade, Formosinho refere o facto de que até aos anos 80 “as discussões sobre o conteúdo substantivo da governação democrática das escolas não incluíam ainda preocupações com a participação dos pais e parceria com a comunidade” (2003, p. 35).

O Decreto-Lei, anteriormente falado, regulou a administração das escolas durante quinze anos, apesar de em 1989 se ter publicado um outro documento legal que estabelecia o regime jurídico da autonomia da escola. Este documento surge após a publicação da Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro, lei essencial da organização do sistema educativo, designada de Lei de Bases do Sistema Educativo.

Desta forma ficaram expressos os princípios orientadores de toda a organização do sistema educativo, dos quais se destacam “a democraticidade, representatividade e participação de todos os implicados no processo educativo” (Lima & Sá, 2002, p.57).

De acordo com estes princípios, e tendo em conta o contexto de reforma educativa, o Decreto-Lei n.º 43/89 de 3 de Fevereiro explicita no seu preâmbulo que “A reforma educativa não se pode realizar sem a reorganização da administração educacional, visando inverter a tradição de uma gestão demasiado centralizada e transferindo poderes de decisão para os planos regional e local”. Apesar desta publicação, as escolas continuaram a se organizar conforme o disposto no Decreto-Lei 769-A/76 de 23 de Outubro.

Foi, também, a partir da publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo que a problemática da participação dos pais e Encarregados de Educação ganhou mais visibilidade pois de acordo com um dos princípios organizativos, os alunos, os docentes e as famílias são intervenientes especiais no processo educativo e como tal deverão ter a



possibilidade de participar na definição da política educativa bem como na administração e gestão do sistema escolar, entre outras áreas.

A necessidade de um sistema educativo cada vez mais democrático também se faz sentir, com mais força, com a Lei de Bases do Sistema Educativo.

Em 1991, depois dos trabalhos efectuados pela Comissão de Reforma do Sistema Educativo (CRSE) e pela divulgação da Proposta Global de Reforma (PGR), foi publicado o Decreto-Lei n.º 172/91 de 10 de Maio. Este documento propunha um novo modelo de gestão baseado nas propostas constantes nos trabalhos anteriormente falados.

Uma vez que este decreto surgiu das propostas de outros trabalhos, iremos falar sucintamente destas. A CRSE foi composta por três professores da Universidade do Minho, e tinha como finalidade construir e apresentar um novo projecto de reorganização da gestão e administração das escolas. Este grupo elegeu, desde logo, a participação de todos os interessados no processo educativo como princípio orientador da sua acção. Este princípio coadunava-se com o disposto na Constituição da República e na Lei de Bases do Sistema Educativo. Na primeira proposta apresentada por esta comissão, é invocado “o princípio participativo enquanto valor central na realização da escola democrática” (Lima & Sá, 2002, p. 62).

Este grupo de trabalho apresentou propostas que deram origem a novos trabalhos e documentos, cujos fundamentos implicavam uma nova expressão de escola baseada na democracia e participação.

No que respeita à participação dos pais e Encarregados de Educação a CRSE, através dos seus trabalhos e propostas, consagrou-lhes um espaço de participação no Conselho de Direcção, conselho este que, segundo as propostas, é o mais alto órgão de direcção das escolas.

Retomando o Decreto-Lei n.º 172/91 de 10 de Maio, este estipula que as escolas passam ser administradas por um órgão unipessoal, isto é, o Director Executivo é o órgão máximo de administração e gestão do estabelecimento de ensino.

No que toca à participação dos pais e Encarregados de Educação, este diploma reserva-lhes um lugar no Conselho de Escola ou de área escolar, órgão de gestão das escolas e no Conselho de Turma. A estes está também garantido o lugar no Conselho Pedagógico, sendo que esta participação se faz através de dois representantes dos pais e Encarregados de Educação. Contudo esta participação não é aceite pacificamente por aqueles que defendem a participação dos pais, na medida em que a sua participação num

órgão tão técnico pode ser traiçoeira. Deste modo Licínio Lima e Virgínio Sá (2002, p. 70) explicam de que modo esta participação pode ser traiçoeira ao afirmarem que:

A dimensão perversa desta participação decorre da utilização que frequentemente se faz deste desempenho dos pais neste órgão, utilizando-a para legitimar a sua exclusão, de forma generalizada, dos processos de tomada de decisão no interior da escola. O carácter técnico da discussão, aliado ao facto de os representantes dos pais raramente receberem atempadamente, ou não receberem de todo, alguns dos documentos de trabalho necessários a um envolvimento informado nas discussões, explica, pelo menos em parte, esta falta de protagonismo dos pais.

Como podemos perceber, os regulamentos garantem o lugar dos pais na escola, contudo as formas de actuar no interior da escola podem optar pela utilização de estratégias que impedem os pais e Encarregados de Educação de participarem com todos os direitos e deveres. Guerra (2000, p. 16) refere que “O facto de cada pessoa que trabalha dentro da organização não ser perversa não evita o facto de serem peças de uma engrenagem, de uma estrutura, de um mecanismo perverso”

Apesar de tudo, este Decreto foi aplicado a um pequeno número de escolas a título experimental durante o ano lectivo seguinte, 1992/1993, em simultâneo com o Decreto-Lei n.º 769-A/76 de 23 de Outubro (Esteves, 2003, p. 67).

Resumindo este documento, apesar de não cumprir com todas as propostas feitas pela Comissão de Reforma do Sistema Educativo no que se destinava à participação dos pais e Encarregados de Educação, representou um ponto de viragem na temática da formalização da presença dos pais na escola.

Na procura por uma melhor forma de atribuir e aumentar a autonomia das escolas, o Ministério da Educação requisitou um estudo com o objectivo de construir um programa para reforçar a autonomia das escolas. Este estudo foi realizado por João Barroso. No relatório que construiu, o autor enunciou sete princípios através dos quais se podia reforçar a autonomia da escola. Resumidamente estes princípios eram:

*“1.º Princípio: O reforço da autonomia da escola não pode ser definido de um modo isolado, sem ter em conta outras dimensões complementares de um processo global de territorialização das políticas educativas.*

*2.º Princípio: No quadro do sistema público de ensino, a “autonomia das escolas” é sempre uma autonomia relativa, uma vez que é condicionada quer pelos poderes de tutela e de superintendência do governo e da administração pública quer do poder local, no quadro de um processo de descentralização.*

*3.º Princípio: Uma política destinada a “reforçar a autonomia das escolas” não pode limitar-se à produção de um quadro legal que defina normas e*

*regras formais para a partilha de poderes e a distribuição de competências, entre os diferentes níveis de administração, incluindo o estabelecimento de ensino. Ela tem de assentar sobretudo na criação de condições e na montagem de dispositivos que permitam, simultaneamente, “libertar” as autonomias individuais e dar-lhes um sentido colectivo, na prossecução dos objectivos organizadores do serviço público de educação nacional, claramente consagrados na Lei Fundamental.*

4.º Princípio: *O reforço da “autonomia” não pode ser considerado como uma “obrigação” para as escolas, mas sim como “possibilidade” que se pretende venha a concretizar-se no maior número possível de casos.*

5.º Princípio: *O reforço da autonomia das escolas não constitui um fim em si mesmo, mas um meio de as escolas prestarem, em melhores condições, o serviço público de educação*

6.º Princípio: *A autonomia é um investimento nas escolas, pelo que tem custos, baseia-se em compromissos e tem de traduzir-se em benefícios.*

7.º Princípio: *A autonomia também se aprende”* (Barroso, 2005, pp. 110-114).

Os 2.º e 5.º princípios incluem nas suas propostas de aplicação a participação dos Encarregados de Educação, ao referir, respectivamente, que os pais e Encarregados de Educação, em conjunto com professores e outros funcionários entre outros, são vistos como órgãos representativos das escolas que, em determinadas circunstâncias, saberão gerir melhor alguns recursos. O 5.º princípio refere que através da adequada participação, dos pais e Encarregados de Educação, alunos professores e outros membros da comunidade educativa, se pode efectuar um controlo social da escola.

Em 1998, e após a apresentação do projecto construído com base no relatório falado acima, é publicado o Decreto-Lei n.º 115-A/98, que regula o Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos da Educação Pré-escolar e dos Ensinos Básico e Secundário. “Este documento representa o corolário de um longo processo marcado por avanços e recuos” (Lima & Sá, 2002, p. 76).

De acordo com este documento legal a estrutura organizacional das escolas é formada por quatro órgãos, sendo a Assembleia o mais importante órgão da estrutura. A Assembleia é,

Constituída por representantes dos vários intervenientes e interessados na acção educativa da escola, a assembleia de escola pretende ser um órgão em que se assegurem os princípios de democraticidade e participação, em ligação com a comunidade, descentalizando a política educativa, abarcando todos os envolvidos no processo educativo tendo em conta as características específicas de cada escola e da região onde a mesma se insere (Ventura, Castanheira, Adelino, 2006, p. 131).

Apesar das boas intenções descritas, este decreto não introduz grandes diferenças no que toca à participação dos pais e Encarregados de Educação, a grande diferença é de facto a criação da Assembleia como órgão máximo da escola e como órgão privilegiado nas ligações da escola com a comunidade. Ainda hoje é este o modelo vigente nas escolas.

Podemos desta forma afirmar que a participação dos pais e Encarregados de Educação tem sido formalizada e regulada tanto de acordo com os modelos de administração pública como com os modelos administrativos das escolas. Esta varia igualmente com as mudanças que se operam nas sociedades, variando de acordo com as necessidades e exigências que as famílias e a comunidade fazem à escola e vice-versa.

A temática da participação dos pais e Encarregados de Educação é um tema cada vez mais estudado, desde o sucesso escolar à influência que a escola tem sobre as famílias. Nos dias que correm é ainda mais patente a preocupação com este tema, basta fazer uma pesquisa bibliográfica sobre os trabalhos que versam sobre este tema.

Actualmente, existe um *saber convencional*, relativamente generalizado, que impõe que qualquer discurso sobre educação assuma a referência aos pais como um dos seus elementos constituintes. O professor “moderno” integra como uma das suas valências e capacidade de “envolvimento” dos pais (Lima & Sá, 2002, pp. 77-78).

**Parte II: Revisão da Literatura**

**CAPÍTULO 2**

## CAPÍTULO 2

### ESCOLA E FAMÍLIA NA SOCIEDADE

#### 1. Definições, Funções e Mudanças

Não podemos falar em sociedade, sem antes nos referirmos à socialização, pois esta é um processo inerente à vida em comunidade. Conceição Alves Pinto suporta esta ideia ao referir que “existe socialização desde que existem comunidades humanas”. (Pinto, 1995, p. 116).

Tendo em conta a mesma autora, a socialização é processo através do qual os indivíduos de uma comunidade são “progressivamente postos em contacto com o mundo simbólico que é o tecido da cultura da sua própria comunidade, ou do seu grupo social, ou do seu grupo de referência, e assim aconteça a sua integração social” (1995, p. 117)

As sociedades, através da socialização, atribuem funções e papéis a todos os indivíduos e organizações que a compõem, por forma a que cada um desempenhe as suas funções sem interferir com as funções de outrem, mantendo assim a ordem e coesão social e diminuindo a possibilidade de ocorrerem situações de desordem e desacetos.

Numa perspectiva sociológica, existem teorias e autores que sustentam a ideia descrita acima. O autor de referência desta teoria é Émile Durkheim cuja reflexão incide na “necessidade de consenso social para que a vida em sociedade possa existir”. (Pinto, 1995, p. 75). O consenso, de que fala Durkheim, manifestou-se de modos distintos nas sociedades ao longo dos tempos. Nas sociedades modernas o consenso é o resultado da “diferenciação dos membros da sociedade e da interdependência que os liga com um correlativo sistema de direitos e deveres”. (Durkheim, 1960, p. 204, referido por Pinto, C., 1995, p. 76). Este é um autor que faz parte das correntes sociológicas que defendem a reprodução consensual, e segundo as quais o indivíduo é fabricado pela sociedade.

Contrariando Durkheim temos Max Weber que se insere numa corrente sociológica segundo a qual “a sociedade é também produzida nas e pelas interações entre os seus membros” (Pinto, C., 1995, p. 73) e como tal nega que o indivíduo seja produto da sociedade, afirmando que existe uma relação entre este e a comunidade da qual faz parte.

Ambas as teorias produziram concepções sobre o papel da educação e da escola nas sociedades. Estas concepções foram estudadas pela sociologia da educação e deram

origem a duas correntes de estudo das relações que se estabelecem entre os indivíduos e a sociedade no campo da educação.

Deste modo foram geradas as teorias que se inserem no Paradigma Determinista, no qual se incluem a reprodução consensual ou o funcionalismo estrutural (Pinto, 1995, pp. 93-99) e ainda a reprodução conflitual. Estas derivam da perspectiva sociológica criada por Durkheim.

Em contrapartida existe o Paradigma da Acção (Pinto, C., 1995, pp. 99-110), decorrente da perspectiva sociológica com origem nos estudos de Max Weber a qual compreende o indivíduo como membro de uma sociedade na qual é influenciado e sobre a qual também exerce uma certa influência, isto é, uma relação de dois sentidos entre sociedade e indivíduo, um não pode existir sem o outro.

Deixando de parte os paradigmas sociológicos da educação, centremo-nos nas organizações familiares e educativas.

Estas não estão imunes às regras e influências sociais, e também elas têm funções definidas no seio da sociedade em que se inserem, pois como observamos no nosso quotidiano, embora o indivíduo influencie a sociedade, a verdade é que a influência desta se faz notar muito mais.

A Enciclopédia VERBO da Sociedade e do Estado, vol.2, dá-nos pelo menos duas definições de escola. Uma primeira onde escola é tida como “o órgão da educação formal sistematizada e o local onde esta educação se realiza” (p. 1010). Mais adiante, escola é definida como “uma congregação ou reunião voluntária de um grupo profissional com funções pedagógicas e um grupo de indivíduos imaturos, em todos ou em alguns aspectos do seu desenvolvimento pessoal, tendo os primeiros a tarefa de instruir e educar e os segundos a de aprender e a de se educar.” (p. 1009). Apesar de apresentar esta definição, a coordenação da enciclopédia alerta para o facto de esta ser “pouco exacta” (p. 1010). A finalidade da escola é introduzir os “seres imaturos” no modo de vida dos adultos que formam o grupo do qual fazem parte.

No que toca às funções da escola, esta desempenha principalmente a função de educação da população e, “visa potenciar o desenvolvimento máximo de todos, em ordem a capacitar para o exercício da cidadania (...)” (Marques, 1993, p. 8).

Tendo em conta a Enciclopédia acima referida, a escola tem a função geral e abrangente de difundir e renovar a cultura. A escola tem ainda funções que derivam da sua finalidade. Estas são: condensação ou concentração dos conteúdos a transferir para o aluno; seleccionar o que vai transmitir de acordo com o fim a que se destina o aluno;

coordenar, de acordo com as vontades do aluno e da sua família, as forças dos vários ambientes a que o aluno pertence; amplificar, ou seja, fornecer o maior número de contactos com diferentes ambientes, de modo a ampliar a experiência e o conhecimento do aluno; por fim a escola tem a função de despertar e desenvolver o espírito crítico do aluno.

A escola tem também a função socializadora (Pinto, C., 1995), ou seja, transmitir todas as regras e comportamentos socialmente aceites que, por sua vez, irão determinar os papéis que cada pessoa irá representar e desenvolver no seio da comunidade.

Esta instituição que deve cumprir na sociedade a sua finalidade de construir melhores cidadãos para uma sociedade melhor. Esta dupla abordagem (cognitiva e afectiva) da escola deve ser colocada ao serviço da sua melhoria. Porque a finalidade última do conhecimento não é o saber pelo saber, mas sim a transformação das pessoas e das sociedades em função dos valores que nos dignificam e nos fazem mais felizes (Guerra, 2002, p. 10).

Contudo o sistema educativo tem um lado menos “bonito”, ligado ao capitalismo, através do qual a escola, por meio das suas estratégias educativas e dos seus currículos, valoriza um certo tipo de cultura e conhecimento aos quais apenas os grupos dominantes da sociedade têm acesso. Deste modo a escola selecciona e encaminha os cidadãos para diferentes posições económicas e sociais.

Diversos autores estudaram a relação entre a escola, sistema económico e o sistema político. Baudelot e Estabelet, Bowles e Gintis, produziram trabalhos, respectivamente, na América e na França, através dos quais concluíram que a escola promove a divisão das forças de trabalho, através da selecção dos alunos. Ou ainda Pierre Bourdieu (1977, referido por Pinto, C., 1995, pp. 97-98; Giddens, 2002, p. 502), que concluiu, com os seus trabalhos, que a escola contribui para o aumento e reprodução das desigualdades sociais, pois a escola é dominada pelas classes dominantes, e por essa razão valoriza e transmite a cultura a que apenas as famílias das classes médias e altas têm acesso.

No que concerne aos papéis e funções das famílias nas sociedades, estas devem proporcionar todos os cuidados básicos como a alimentação, vestuário, habitação, educação, carinho, amor, cuidados de saúde e higiene, entre outros. A família é também um, importantíssimo, elemento de socialização, sendo que a primária se realiza no seio da família. O objectivo desta primeira socialização é a transmissão das regras da sociedade e da família nas quais a criança está inserida.



À família são também atribuídas as funções de reprodução, protecção e aprendizagem escolar. (VERBO, 1984, vol.2, pp. 1372-1373)

Tendo em conta os estádios de desenvolvimento em que cada um dos membros da família se encontra, as funções desta podem variar ou se alterar, isto é, à medida que os filhos vão crescendo e os pais vão envelhecendo, as funções do agregado familiar também se alteram de modo a satisfazer as necessidades da família em cada momento. (Simionato & Oliveira, 2003)

Família é um conceito complexo pois depende da sua definição política, económica, social e da pessoa que a define. (Simionato & Oliveira, 2003) Contudo, são avançadas várias definições de família bem como tipos de família.

De um modo geral, família é definida como um conjunto de pessoas, normalmente com laços de consanguinidade e que partilham o mesmo espaço habitacional. Mais concretamente existem definições que frisam o facto de uma família ser composta por adultos de ambos os sexos, ou do mesmo sexo, com a presença ou não de filhos. As definições de família colocam muita ênfase nas relações de parentesco. Estas relações estabelecem-se por meio da consanguinidade ou por afinidade (i.e. casamento).

De acordo com Amaro (2006, p.15) existem três características pelas quais as famílias se caracterizam:

**1ª** – as famílias mantêm-se por um certo período de tempo, normalmente alargado, e cada um dos seus elementos têm duas famílias, a de orientação (família onde se nasce e onde é realizada a socialização) e a de procriação (família a que o indivíduo dá origem quando se junta com uma outra pessoa de uma família de orientação diferente da sua);

**2ª** – a família é inter-geracional, ou seja, pode compreender várias gerações;

**3ª** – os membros da família também podem estar ligados por laços de sangue ou laços de afinidade, que vão ligar o indivíduo a redes maiores de parentesco.

Para clarificar mais um pouco, parentesco define-se por “relações entre indivíduos estabelecidas através do casamento ou por meio de linhas de descendência que ligam familiares consanguíneos” (Giddens, 2002, p. 176).

As famílias podem ainda ser classificadas de famílias nucleares, extensas, unipessoais, reconstruídas, monoparentais, homossexuais, poliandria, poligâmica, segundo (Amaro, 2006).

Conforme as sociedades vão evoluindo, estes termos também evoluem, mudando de definição e de funções. Actualmente, a sociedade é um conjunto de diversas culturas e universos, sendo que esta diversidade cultural, a par da mudança constante, é a principal característica das sociedades modernas, distinguindo-a completamente das sociedades tradicionais.

Segundo Giddens (2002) os principais factores que promovem a mudança social são “o ambiente físico, a organização política e os factores culturais” (p. 618).

Nas sociedades tradicionais, as transformações ocorriam de forma lenta e progressiva, e as fronteiras entre universos culturais estavam bem demarcadas o que permitia que as organizações sociais tivessem funções bem definidas. Neste tipo sociedade eram os mais velhos quem detinham o saber, eram eles quem ensinava os jovens, e constituíam as figuras mais respeitadas na sociedade.

Por outro lado, as sociedades modernas, nas quais vivemos hoje, caracterizam-se por mudanças repentinas, que ocorrem a um ritmo diário. As transformações são de tal modo rápidas que as pessoas de uma cultura podem viver experiências de aculturação como se de estrangeiros se tratassem. Nas sociedades modernas, as fronteiras entre universos culturais não são tão claras, como acontecia nas sociedades tradicionais, e os papéis e funções podem, em alguns casos, ser transferidos de uma organização para outra.

“As transformações na sociedade e na estrutura da família, obrigam o poder político a exigir cada vez mais da escola e dos professores, atribuindo-lhes novas funções (...)” (Marques, 2000, p. 137).

As transferências de funções são bem visíveis entre a família e a escola. Como pudemos observar anteriormente, famílias e escola tinham funções sociais bem definidas. Actualmente este já não é o caso pois as mudanças que ocorreram na sociedade mudaram as famílias e as suas funções.

Hoje em dia o tempo que a família tem para partilhar experiências e para se dedicar às crianças e ao desenvolvimento de relações é cada vez menor. As mulheres estudam cada vez mais anos, têm filhos mais tarde, e trabalham cada vez mais horas fora de casa, e tendo em conta que o pelouro da educação, normalmente, faz parte das tarefas da mulher, estas mudanças obrigaram a escola a assumir diferentes papéis.

Ramiro Marques (1993, p. 12) escreve que,

A razão principal pela qual a escola se vê obrigada a desempenhar novas funções é a falta de tempo, disponibilidade e saber de muitas famílias,

sobrecarregadas com horários de trabalho extensos e obrigadas a perder muitas horas por dia para se transportarem para o emprego.

Como já foi possível perceber, família e escola não podem existir uma sem a outra.

Assim sendo, exploramos seguidamente os factores e motivos pelos quais estas duas entidades podem e devem colaborar.

## **2. Escola e Família: Porquê Cooperar**

Graça Maria Magalhães (2007, pp. 56-57) apresenta quatro perspectivas teóricas através das quais se estuda a influência das entidades em causa no que respeita ao desenvolvimento das crianças.

Tendo em conta estas teorias, as influências da escola e da família podem ser entendidas como **distintas** caso defendam a opinião de que famílias e escola devem trabalhar separadamente cada uma com diferentes funções, de modo a desempenharem com maior eficácia os seus papéis; **sequenciais** onde a família e a escola representam situações de aprendizagens sequenciais, isto é, a família é responsabilizada pelas primeiras aprendizagens, e a escola assume a responsabilidade pela criança quando esta ingressa na escola; **embutidas**, referem que o mundo da criança constitui-se de vários mundos que se influenciam, e nesta perspectiva escola e família têm influência uma na outra; por fim esta influência, da família e da escola, pode ser **sobreposta**, e segundo esta o desenvolvimento da criança está exposto às influências sobrepostas da família, escola e da comunidade as quais partilham responsabilidades.

Na senda destas perspectivas muitos estudos foram desenvolvidos, sendo que as perspectivas embutidas e sobrepostas têm sido as mais utilizadas como base nas investigações actuais.

Vários são os autores que dedicaram a sua investigação ao estudo das relações entre família e escola. Entre eles podemos referir Ramiro Marques (1990, 1993, 1992, 1994, 1997, 1998, 2001); Don Davies (1988, 1989, 1994, 1997); Allastair Macbeth (1984, 1988, 1989, 1990); Ana Diogo (1998, 2006, 2008), Pedro Silva (1994, 1996, 2002, 2003, 2007), Stephen Stoer (1986, 1992, 1999, 2005), Virgínio Sá (1997, 2001, 2004, 2007), Joyce Epstein (1984, 1986, 1992, 1996, 2001, 2002, 2004, 2005, 2006), e muitos outros, tanto de nacionalidade portuguesa como estrangeira.

No geral, estes investigadores referem que família e escola deviam andar de “mãos dadas” pois esta (a família) é a tutora legal dos alunos, é quem tem a

responsabilidade de prestar os cuidados básicos de higiene, saúde e alimentação aos educandos antes de os “deixarem na escola”, e ainda por ser constituída por unidades contribuintes que pagam o funcionamento das escolas através dos impostos cobrados pelo Estado.

A sua importância é ainda reconhecida por ser o espaço primordial onde ocorrem as primeiras experiências de socialização das crianças, conforme Conceição Alves Pinto (2003).

Segundo Alastair Macbeth (1989, p. 4) existem cinco razões pelas quais os pais são importantes para a escola:

- Os pais são legalmente responsáveis pela educação dos filhos;
- Os pais podem ser vistos como co-educadores;
- O efeito da educação de casa reflecte-se na aprendizagem realizada na escola;
- Os professores são vistos como um agente do Estado, dado que são responsáveis por observar se os pais cumprem com os seus deveres perante a escola;
- Os pais representam os filhos na tomada de decisões. Deviam ainda ter oportunidade de influenciar as políticas educativas.

Tendo em conta Ramiro Marques, em Portugal, desde a época do Marquês de Pombal que as escolas passaram a ser compreendidas como um conjunto de funções e serviços fornecido a um grupo de clientes específicos, ou seja, serviço disponibilizado às famílias, sem que estas tenham qualquer poder sobre esta instituição.

Em Portugal, todas as decisões em matéria de Educação passam ao lado das famílias e das comunidades a que as escolas pertencem. Pior que isso: instalou-se o descrédito e a suspeita e já ninguém acredita na possibilidade de conciliar a igualdade e excelência na educação” (Marques, 1990, p. 7).

Além dos papéis dos pais descritos anteriormente, a partilha de funções entre a escola e a família pode também ajudar a diminuir as desigualdades existentes na educação, por exemplo atenuando o choque cultural entre aquilo que o educando aprende em casa e o que lhe dizem na escola, “disfarçando” as diferenças de “bagagem” com que os educandos entram na escola.

Segundo Epstein (1985, in Marques, 1990, p. 10), “... a participação das famílias pode facilitar os papéis do professor, quando os pais participam na escola como auxiliares e fazem trabalho voluntário na realização de visitas de estudo, festas escolares e competições desportivas”

De acordo com a revisão de literatura realizada, além da ajuda que a participação das famílias pode proporcionar, esta relação promove o sucesso educativo dos alunos.

Magalhães (2007) na obra intitulada “Modelo de Colaboração Jardim-de-Infância/Família” refere Fruchter et al (1992), para apresentar alguns princípios que poderão ajudar a melhorar os resultados escolares das crianças.

- A família nuclear é responsável pelas primeiras aprendizagens e influencia os valores, atitudes e aspirações dos filhos;
- Os bons resultados escolares requerem uma continuidade entre aquilo que as crianças aprendem em casa e o que a escola lhes vai ensinar;
- Normalmente os pais preocupam-se com a educação, e podem ser uma ajuda de valor para a escola, desde que tenham oportunidade para tal, e se lhes forem transmitidos determinados conhecimentos;
- A aproximação entre família e escola deve partir da escola, diminuindo as barreiras que se impõem a esta relação;
- As famílias só se sentirão impelidas a participar e se envolver efectivamente, se sentirem um apoio contínuo por parte das escolas (Magalhães, 2007, p. 53);

Contudo, apesar de a escola reconhecer a necessidade desta participação, Lareau deixa isso claro ao escrever “Surveys of teachers show that most want parent involvement and ask for it” (1997, p. 3), receia também esta aproximação principalmente pela partilha de poder que daí advém e, pela possibilidade de fiscalização por parte dos Pais que participam na escola. Por outro lado, os professores reclamam que os pais nunca lá vão, e quando vão é só em época de entrega de avaliações ou quando existem problemas com o educando.

Para se desculpar, de certa forma, deste afastamento entre dois parceiros fundamentais na educação, a escola culpabiliza os pais por estes não se dirigirem à escola, em vez de se perguntar por que razão os Encarregados de Educação/Pais vão tão pouco à Escola.

Ramiro Marques (1990) refere que em vez da escola apelidar os pais de “difíceis de alcançar”, deveriam antes estas instituições a serem denominadas de “escolas difíceis de alcançar” (p. 11).

Ainda segundo Marques (1990) esta visão negativa da escola (professores) sobre a família (Encarregados de Educação/Pais) tende a acentuar-se quando se tratam de famílias economicamente menos favorecidas ou provenientes de minorias étnicas.

Não é pelo facto dos pais terem uma linguagem diferente da linguagem escolar ou viverem em condições ambientais degradadas que eles se mantêm alheados à escola. Isso acontece porque a escola está organizada em função dos pais de classe média [...] Isso acontece porque os pais económica e culturalmente em desvantagem e habituados a esperar dos professores e da escola apenas comentários negativos sobre os seus filhos (Marques, 1990, p. 12).

A maioria da literatura produzida conclui que as famílias desfavorecidas, económica e socialmente, são as que mais têm a ganhar com a relação entre a família e a escola, e são também as que menos participam.

Pesquisas efectuadas revelaram que os educadores têm baixas expectativas no que respeita à participação dos pais com baixos recursos económicos e culturais. Acresce que os pais com baixos recursos económicos e culturais, também sentem que a sua participação não é muito eficaz e, como tal, manifestam frequentemente atitudes negativas face à escola (Magalhães, 2007, p. 54).

Do lado das famílias, estas mostram-se cada vez mais interessadas em se imiscuir na vida escolar dos seus educandos. Contudo, descrevem sempre uma série de obstáculos que a Escola lhes coloca. Estes obstáculos ou queixas estão, na maioria das vezes, relacionadas com os horários de atendimento, a falta de um espaço apropriado e com o tipo de vocabulário utilizado pelos Professores.

Don Davies e Ramiro Marques (1988) realizaram um estudo em três escolas do centro de Portugal, em três níveis de ensino diferentes, a fim de averiguarem quais os principais obstáculos que se colocam a esta aproximação entre famílias e escolas. As conclusões, deste estudo, foram quatro:

- a legislação que regulamenta os órgãos de gestão das escolas não contempla a participação de representantes das famílias, excluindo-as dos processos deliberativos;
- a formação de professores não favorece a compreensão de estratégias de colaboração escola/famílias nem o conhecimento dos resultados dos estudos sobre este assunto;

- a tradição centralista da escola portuguesa criou hábitos e atitudes de passividade nas famílias e nos professores;
- os Directores de Turma não têm formação específica para se relacionarem com as famílias, nem a redução da carga horária lectiva é suficiente para o cumprimento das suas atribuições pedagógicas (Marques, 1990, p. 42).

As famílias/pais têm vindo a assumir esta participação na escola como uma forma de aumentar o seu poder de decisão nos temas em discussão na escola, e como uma forma de entrada nos órgãos de gestão das escolas. Exemplo disto é o número de Associações de Pais, que têm vindo a expandir-se e a ter direito a legislação própria sobre a sua criação, funcionamento e respectivas atribuições.

Apesar de tudo, e mesmo não participando nos órgãos de gestão como seria de esperar, é notória a importância que conferem a esta ligação, caso contrário não teriam queixas a fazer.

As famílias têm vindo a aumentar a sua participação e de diversas formas. Alguns dos autores que estudam esta relação focaram-se nas formas e tipos de participação entre estas duas entidades.

### **3. Escola e Família: Tipologias de Participação**

Neste ponto apresentamos uma recolha dos estudos e concepções sobre as tipologias de participação. Para tal foram pesquisados os trabalhos de Virgínio Sá, Ramiro Marques e Maria Emília São Pedro, que apresentam os modelos e tipologias de participação, desenvolvidos por outros autores, através dos quais se poderia promover e facilitar a colaboração entre a escola e a família, bem como se poderia auxiliar o desenvolvimento desta relação.

Sá (2003, p. 102) destaca Beattie, Joyce Epstein, Alastair Macbeth, Stoer & Cortesão, Carol Vincent, entre outros, como alguns dos autores que construíram modelos de participação, e contribuíram para que outros fossem desenvolvidos. Contudo explora com mais intensidade as teorias de Epstein e de Carol Vincent.

Joyce Epstein é uma referência para todos os estudos e investigações que se debruçam sobre a temática da participação, colaboração, envolvimento e qualquer outro tipo de relação que se possa estabelecer entre a escola e a família.

Esta autora concebeu uma tipologia influenciada pelas correntes que entendem o desenvolvimento da criança como um processo que acontece da sobreposição das esferas

que compõem o seu universo, escola-família-comunidade, sendo que estes têm uma responsabilidade compartilhada.

A tipologia desta autora admite seis níveis ou modos de participação (Sá, 2003, Montandon, 2001; Natércio Afonso, 1993; Ramiro Marques, 1994; Maria E. São Pedro, 2000):

**a) Ajuda das escolas às famílias** – este tipo de participação pretende ensinar e ajudar as famílias, mais concretamente os pais, a proporcionarem um melhor cuidado às crianças, desde a alimentação ao carinho, e prepará-las para a escola. “... os pais assumem sobretudo o estatuto de aprendizes que a escola educa para que, posteriormente, possam cumprir adequadamente uma das dimensões mais importantes do seu papel, ou seja, educar as crianças para o seu ofício de alunos” (Sá, 2003, p. 110).

**b) Comunicação estabelecida entre a escola e a casa** - nesta modalidade inserem-se todos os modos de comunicação que se possam estabelecer, como é o caso das reuniões ou chamadas telefónicas. “Esta modalidade de envolvimento constitui uma das formas mais antigas de cooperação entre estes dois agentes educativos consagradas na legislação portuguesa” (Sá, 2003, p. 115).

**c) Ações e actividades voluntárias desenvolvidas na escola** – o que se pretende é que todos os pais se possam envolver na escola sempre que tenham disponibilidade, queiram ou lhes seja solicitada essa participação, “todos os pais independentemente do seu estatuto socioeconómico e profissional, devem ter oportunidades para dar um contributo pessoal para o funcionamento da escola” (Sá, 2003, p. 118),

**d) Actividades de aprendizagem em casa** – este tipo de participação está direccionada, tal como o primeiro tipo, para ajudar os pais a desempenharem melhor as suas funções enquanto pais de alunos. Para cumprir com este pressuposto, normalmente, são desenvolvidos cursos para os pais.

**e) Exercício do direito de participação nas tomadas de decisão** – tal como se depreende este tipo “compreende a intervenção directa destes [pais] nos processos de tomada de decisão”. Os pais podem participar através das Associações de Pais, por exemplo. “Os pais e outros membros da comunidade participam em associações de pais, em órgãos consultivos e decisórios, em equipas de gestão escolar” (São Pedro, M., 2000, p. 29).

**f) Colaboração com a comunidade** – este modelo de participação pretende “identificar e integrar recursos e serviços da escola e da comunidade de modo a rentabilizá-los através da sua gestão partilhada” (Sá, 2003, p. 138). Defende a “partilha de



responsabilidades e de recursos entre a escola e as instituições comunitárias que trabalham com as crianças e os jovens” (Marques, R. 1994, In Inovação, nº7, p. 374).

Virgínio Sá (2003) chama a atenção para o facto de a maioria dos modelos de participação serem uma espécie de lista de várias actividades que podem ser desenvolvidas na escola para promover a participação e colaboração dos pais.

Para equilibrar, o mesmo autor apresenta a teoria desenvolvida por Vincent (1996, p. 44, referida por Sá, 2003, pp. 154-166). Esta autora desenvolveu a sua tipologia tendo por base a realidade política e educativa britânica. Neste sentido propõe quatro papéis distintos que os pais podem desempenhar:

- 1) papel de colaborador/aprendiz;
- 2) consumidor;
- 3) independente;
- 4) participante.

Os pais como colaboradores estão sob as orientações da escola, e deste modo são participantes passivos, pois este tipo de participação implica a “aceitação dos valores e normas da escola” (Vincent, 1996, p. 46 referida por Sá, 2003, p. 155).

Na categoria de pais como consumidores, o Estado reconhece aos pais o direito de escolher a escola em que colocam os seus filhos, no entanto não têm a liberdade para participar nos processos de decisão dessas escolas. “Os pais têm o direito a uma “boa educação” para os seus filhos, mas não têm o direito de decidir o que se deve entender por uma “boa educação” (Sá, 2003, p.157).

O terceiro tipo, pais independentes, está direccionado para o grupo de pais e Encarregados de Educação que consideram que não se devem imiscuir na escola, sendo que a sua função se prende com a preparação das crianças para a escola através da transmissão de regras que se coadunem com aquilo que a escola espera dos seus alunos.

Por último surge o papel de pais participantes que, segundo a autora, é o tipo menos praticado, contudo é aquele através do qual se pode promover a escola democrática. Este tipo de papel contempla tanto a participação directa na escola, através das associações ou órgãos de gestão, como a participação indirecta ao educarem os seus filhos (Sá, 2003, p.165).

Teoricamente, todas as famílias podem assumir e desempenhar qualquer um dos quatro tipos de papéis referidos anteriormente. Contudo os papéis que mais se evidenciam nas escolas são o primeiro e o segundo tipo, respectivamente, pais como colaboradores e pais como consumidores (Sá, 2003, p. 166).

Ramiro Marques, no livro “A Escola e os Pais – como colaborar” apresenta a metodologia proposta por Owen Heleen, a tipologia de Joyce Epstein, e ainda o modelo de Don Davies.

A primeira metodologia, desenvolvida por Owen Heleen, tem por base dois princípios. O primeiro refere que o indivíduo conhece melhor as suas necessidades do que qualquer outra pessoa; o segundo diz que qualquer pessoa tem a capacidade de definir as suas necessidades e de lutar por elas (Marques, 1990). Este modelo é composto por cinco níveis de envolvimento.

- 1) Participação na tomada de decisões – é o nível mais alto de participação;
- 2) Co-produção – envolve todas as actividades desenvolvidas, em casa ou na escola, com o propósito de melhorar a aprendizagem das crianças;
- 3) Defesa de pontos de vista – que se efectiva pelas pressões que os pais exercem sobre a escola através das associações de pais, por exemplo;
- 4) Apoio às escolas – concretiza-se através das parcerias que se formam entre pais e professores;
- 5) Educação de pais – acontece quando existem parcerias entre os pais e os professores, e é o nível mais baixo de participação (Marques, 1990, pp.16-17).

De entre estas cinco possíveis categorias, onde se enquadram diferentes níveis de participação, apenas a defesa de pontos de vista é mais evidente nas escolas portuguesas.

Don Davies é, de igual modo, um autor de referência nesta área e, como tal, também definiu quatro categorias dentro das quais se podem incluir e desenvolver várias estratégias de envolvimento, colaboração e participação dos pais. Estas categorias são:

- a) tomada de decisões;
- b) co-produção;
- c) defesa de pontos de vista;
- d) escolha das escolas pelos pais.

Como se pode observar, estas categorias, propostas por Don Davies, são em tudo semelhantes às categorias apresentadas por Owen Heleen, com excepção da quarta categoria.

Apesar de existirem tantas formas de colaborar e participar, escola e pais continuam a não ter tanta proximidade como os autores defendem. Contudo o mais certo é que com o avançar dos tempos e com o aumento da investigação na área, pais e escola acabem por compreender que a sua colaboração, desde que saudável, é benéfica para todos os intervenientes.

#### 4. Tipos e Níveis de Participação

Anteriormente apresentaram-se vários tipos e formas de participação que os Encarregados de Educação, especificamente, podem assumir na escola.

Contudo a participação é um fenómeno que pode ser praticado por todos os membros da sociedade, em determinadas alturas da sua vida, que se manifesta nas mais variadas organizações, contextos, por vários motivos e com diferentes objectivos.

Paterman (1970), referido por Natércio Afonso (1993, p. 138; Simões, M. 2006, p. 74) definiu três níveis de participação, consoante a capacidade de decisão garantida aos participantes:

- **Pseudo-participação:** os participantes não têm qualquer capacidade de influenciar as decisões a tomar. No caso específico da participação dos Encarregados de Educação nas escolas, esta “participação” verifica-se quando estes são convencidos de que as decisões da escola são as melhores e, não lhes é dada a oportunidade de participar na tomada de decisão;
- **Participação parcial:** apesar de a escola reconhecer aos participantes o direito de participarem nas tomadas de decisões, continua, ainda, a excluí-los das decisões mais importantes;
- **Participação total:** é reconhecida a cada participante a capacidade de influenciar as decisões a tomar, sendo estes considerados actores educativos tão importantes como todos os restantes que têm poderes efectivos nas tomadas de decisão.

Segundo Birou, (1973) pode existir dois níveis diferentes de participação:

- **1º nível** – participação em vários grupos, que se caracteriza pela “forma, natureza, intensidade, frequência dos contactos de uma pessoa com o grupo a que pertence”. (p.295), ou seja, participar activamente nos grupos sociais aos quais pertence.
- **2º nível** – este nível caracteriza-se pela pertença a um conjunto de grupos sociais dos quais se pode tirar partido. Esta participação é mais notória na vida económica, lazer, cultura e ainda nas responsabilidades sociais (políticas, cívicas...)

Licínio Lima (1992, pp.176-194), autor de referência na participação nas escolas secundárias, distingue, na sua obra *A escola como Organização e a Participação na Organização Escolar*, quatro áreas através das quais se pode caracterizar a *participação praticada*. Estas áreas são a “Democraticidade; Regulamentação; Envolvimento e Orientação” (Lima, 1992, pp.178-179).

De acordo com as categorias supracitadas é possível assistir a vários graus e tipos de participação dentro da organização escolar.

Na primeira área, *Democraticidade*, a participação é vista como um modo de controlo dos vários poderes dentro da organização e como orientador da administração da escola. Esta categoria engloba graus de participação que objectivam a liberdade de expressão, de modo a melhorar o sistema de tomada de decisões. Neste nível podemos diferenciar dois tipos de participação:

- *Participação directa*: cada um dos participantes têm poder de decisão através do voto e não necessitam de representantes. Contudo, esta participação está limitada pelo órgão a que cada um pertence e por normas próprias;

- *Participação indirecta*: este tipo de participação efectua-se através de representantes de um certo grupo (ex: representantes dos alunos, dos pais, dos professores, entre outros). Os representantes surgem dada a dificuldade “em fazer participar directamente todos os interessados no processo de tomada de decisões” (Lima, 1992, p. 180)

Na segunda área, *Regulamentação*, a participação está, obrigatoriamente, regulamentada dentro de cada instituição. Este sistema de regras permite orientar cada participante nas suas várias formas de participação. Deste modo distingue-se:

- *Participação formal*: participação que se realiza conforme as regras determinadas por decretos, regulamentos, e outros documentos legais. Através desta a pessoa que participa justifica a sua intervenção com base nos regulamentos. Habitualmente, estas regras e normas são designadas por uma instituição externa. Pode-se então dizer que esta é uma participação autorizada;

- *Participação não formal*: participação regulamentada por regras definidas internamente, isto é, definidas pela organização mas conforme as leis produzidas externamente. Estas regras contribuem para o aumento da participação e constituem uma forma de “contornar” e adaptar as leis vigentes à realidade de cada organização;

- *Participação informal*: como o próprio nome indica, este é um tipo de participação que se pauta por regras não escritas, isto é, implícitas à cultura da

organização. Esta participação nasce da relação entre actores, e é característica dos grupos mais pequenos.

Na terceira vertente, *Envolvimento*: o tipo de participação que cada membro desenvolve está intimamente ligado com o seu nível de envolvimento e ou empenho para com a organização da qual faz parte. Deste modo quanto mais empenho, mais activa será a participação. Nesta categoria distinguem-se três formas ou níveis de participação:

- *Participação activa*: caracteriza-se por grande envolvimento na organização, sendo os participantes dinâmicos e com capacidade de influenciar na tomada de decisões relativas à organização. Estes participantes são grandes conhecedores dos seus direitos e deveres;

- *Participação reservada*: rege-se pela cautela e pelo evitar de riscos. Este tipo de participação pode revelar um grande ou pequeno envolvimento dos participantes, tendo em conta a perspectiva de cada um, podendo-se caracterizar como um ponto médio entre os três graus que aqui se distinguem;

- *Participação passiva*: neste nível os participantes tomam uma posição de apatia, dúvida e descrédito em relação à organização. Em contraponto com a participação activa, definida anteriormente, a participação passiva traduz um grau de envolvimento menor.

Por fim, no quarto nível denominado de *Orientação*, é notória a ligação entre os comportamentos e os objectivos, quer sejam os da organização ou os do participante. Contudo, nem sempre estes objectivos são coincidentes. Deste modo temos:

- *Participação convergente*: neste tipo de participação os objectivos legais da organização conjugam-se com objectivos do participante, tornando a participação mais aprazível. Este tipo de participação pretende que exista um consenso dentro da organização, contudo, se o cumprimento destes objectivos formais for levado «à risca», a participação convergente pode transformar-se num obstáculo à inovação na organização;

- *Participação divergente*: neste caso os objectivos pessoais e os objectivos organizacionais entram em conflito. Esta “batalha” de objectivos pode ser vista como uma forma de contradição ou como um caminho de inovação.

Para este autor a participação nas escolas surge muito ligada ao desenvolvimento das regulamentações e produções legais para a implementação da gestão democrática nas escolas. Assim, segundo este, a participação e o tipo de participação que se experiencia nas escolas tem evoluído a par da legislação.

Para Conceição Alves Pinto (1995, pp. 164-167, Pinto, C., 1994, pp.57-61), o tipo de participação que se pode verificar na escola está ligado com a «forma de estar na escola» que o indivíduo adopta. Isto é, o indivíduo pode concordar e respeitar os métodos e regras que a escola propõe, ou pode optar por não concordar com a escola.

Neste sentido e, baseada no trabalho desenvolvido por Guy Bajoit, a autora propõe as seguintes formas de estar e participar na escola.

		Regras de interdependência	
		Consolidadas ou reproduzidas	Questionadas ou suprimidas
Cooperação	Conservada ou melhorada	Participação convergente	Participação divergente
	Deteriorada ou suprimida	Participação apática	Abandono

Tabela 1: Formas de participar e estar na escola

Adaptado de Pinto, C., 1995, p. 165

Pela leitura do quadro observamos que o tipo de cooperação adoptado pelo indivíduo está dependente da sua concordância ou não com as regras que a organização, neste caso a escola, impõe como uma forma de controlo social (Pinto, C. 1995, p. 165). Deste ponto de vista a participação surge do acordo ou não, entre a escola e o actor educativo, das regras de interdependência.

Importa ainda referir que o sujeito só vai investir na sua interacção com a escola se antever algum retorno positivo dessa interacção, isto é, se o sujeito perceber que consegue atingir os seus objectivos sem ir contra as regras da escola, esta interacção é facilitada. Assim refere Alves Pinto que “Para conseguir que os membros de uma organização invistam nas interacções vitais à organização é necessário que eles sintam que lhes vale a pena” (Pinto, C. 1995, p. 160).

Estas escolhas, de concordância ou não com as regras de interdependência irão dar origem a quatro modos de participar na escola.

Primeiramente temos a *Participação convergente*: esta participação rege-se pela articulação entre os objectivos da organização e os objectivos e projectos pessoais. Quando estes entram em conflito, há espaço para o debate e para o reajustamento, quer seja de modo formal ou informal. Este tipo de participação almeja a melhoria da eficácia da escola;

Seguidamente temos a *Participação divergente*: aqui os objectivos de cada um (organização Vs participante) estão em desacordo, e os participantes “fogem” às regras da

escola para concretizarem os seus objectivos e projectos pessoais, ou para submeter a organização a objectivos que lhe são indiferentes. Neste caso para acontecer a cooperação e participação, as regras de interdependência são ignoradas.

Podemos também classificar a participação de *apática ou apatia*: neste caso dá-se o desinvestimento, por parte dos actores educativos, na organização escola, preferindo conformar-se com as decisões que esta toma, tornando-se, por isso, participantes triviais, que em nada contribuem para o desenvolvimento da escola, e que deste modo apenas promovem a deterioração do sistema escolar. Na opção pela apatia em relação à organização “os actores fazem aquilo que lhes é formalmente exigido, mas não fazem mais nada. Se todos se reduzirem ao que é formalmente exigido, a instituição pára ou, pelo menos, não funciona adequadamente” (Pinto, C., 1995. p. 166).

Por último, os actores podem recorrer ao *Abandono*: tal como se prevê pela nomenclatura, neste nível a participação cessa, e dá-se a ruptura da ligação entre o participante e a organização. Podemos dizer que há uma perda de “fé” na organização, e uma vez que já não se antevê retorno positivo o sujeito prefere desistir e abandonar a organização.

A autora deixa-nos um alerta para o facto de os sujeitos não adoptarem sempre o mesmo modo de estar na escola. Algumas vezes poderão participar de modo convergente, se esta estratégia não servir os seus interesses e objectivos poderá se decidir pela divergência mostrando a sua indignação nos locais e instâncias próprias, sem perturbar o funcionamento da organização. Por outro lado, quando o actor educativo não consegue atingir os seus objectivos, mas também não quer entrar em confrontos, opta por se cingir ao indispensável tornando-se um sujeito apático. Quando os custos são superiores aos ganhos, e a ligação do sujeito à organização não é forte, o sujeito recorre ao abandono.

Esta variação de estados de participação está intimamente com a avaliação que o sujeito faz em cada momento. Podemos dizer que o sujeito escolhe o tipo de participação que mais lhe convém, tendo em conta o nível de gratificação que cada situação lhe proporciona.

De acordo com Ferreira (2002, pp.28-33) as formas de participação podem ser analisadas de acordo com algumas categorias. Estas são:

- “a) capacidade de decisão dos participantes;
- b) nível de profundidade da participação;
- c) proximidade dos participantes em relação aos órgãos de decisão;

- d) efeitos sociais da participação;
- e) estratégias de participação;
- f) atitudes políticas face à participação;
- g) congruência com os objectivos da organização;
- h) processo de participação;
- i) atitudes da administração face à participação” (Ferreira, 2002, p. 28).

De acordo com as categorias antes citadas, bem como baseado nos trabalhos de Canotilho (1981); Lima (1988); Baptista Machado (1982); Formosinho (1989); e Rensis Likert (1979), o autor definiu as seguintes formas de participação:

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO	
Categorias	Formas
a)	<u>Participação não-vinculante</u> que não necessita de um contrato.
	<u>Participação vinculativa</u> obrigando à existência de um contrato e compromisso.
	<u>Participação vinculativa e autónoma</u> possível pela detenção total dos poderes. Esta participação é por isso uma auto-gestão.
b)	<u>Participação consultiva</u> com o objectivo de informar a administração sobre as opiniões, interesses e preocupações. Esta acontece na fase preparatória do processo.
	<u>Participação na fase decisória do processo</u> , ou seja, participação através do voto, através do qual a vontade de cada participante tem uma determinada influência na decisão final.
	<u>Participação na implementação da decisão</u> . Esta participação acontece pela colaboração entre beneficiários e autoridades.
c)	<u>Participação directa</u> e presencial na decisão (ex. eleição do Presidente da República).
	<u>Participação indirecta</u> realizada por intermédio de representantes.
	Participação através de campanhas, entre outras acções. É uma participação cujos efeitos não são directos, sendo por isso denominada de <u>Participação diferida</u> .
d)	<u>Participação conformista</u> , na qual o sujeito acata, passivamente, as ordens da administração.
	<u>Participação por colaboração</u> , onde os indivíduos estão de acordo com as regras instituídas pela administração.
	<u>Participação pela tomada de iniciativa</u> , através do qual o indivíduo toma atitudes de mudança.
e)	<u>Participação pela comunicação pessoal ou em grupo presencial</u> . Através desta comunicação os sujeitos dão a conhecer, à administração, os



	<p>problemas e ou soluções. Semelhante à participação na categoria b).</p> <p><u>Participação pela comunicação em grupo</u>, como por exemplo participação nas associações, com características informais.</p> <p><u>Participação na tomada de decisão através do voto</u>. Esta participação acontece através da votação para a eleição de representantes ou na votação para pedido de opinião sobre temas de interesse geral (ex. referendos).</p> <p><u>Rejeição da participação</u>, é a posição que os defensores da administração centralizada e burocratizada.</p> <p><u>Aceitação reservada da participação</u>, posição dos que compreendem a participação como uma forma de eleger os representantes no seio de uma democracia representativa centralizada.</p> <p><u>Aceitação total da participação</u>.</p> <p><u>Participação como agente de mudança</u></p>
f)	<p><u>Participação conformada ou passiva</u>, onde os sujeitos aceitam os objectivos da organização mas não os defendem.</p> <p><u>Participação convergente</u> através da qual os indivíduos agem de acordo com os objectivos da organização.</p> <p><u>Participação divergente</u>, através da qual os membros da organização procuram mudá-la com as suas acções</p> <p>Estas três formas de participação assemelham-se às definidas no trabalho de Conceição Alves Pinto (1995), já referenciado anteriormente.</p>
g)	<p><u>Participação formal</u> que acontece de acordo com os regulamentos e regras da instituição.</p> <p><u>Participação mista</u>, caracterizada por se desenvolver num meio que valoriza tanto as regras formais como as relações interpessoais e informais.</p> <p><u>Participação informal</u> produto das relações interpessoais que acontecem entre as pessoas que formam a organização.</p>
h)	<p><u>Atitude autoritária perante a participação</u>, através da qual a administração proíbe todas as formas de participação.</p> <p><u>Atitude autoritária-benevolente</u> através da qual a administração permite que aconteçam processos participativos desde que estes tenham um carácter formal e convergente.</p> <p><u>Atitude consultiva</u>, isto é, a participação acontece como uma forma da administração obter informações.</p> <p><u>Atitude participativa</u> que reconhece a necessidade e os benefícios da participação em todas as fases do processo de decisão.</p>

**Tabela 2: Formas de Participação**

Adaptado de Ferreira, H., 2002, pp. 28-33.

## 5. Escola e Família: Relação Legalizada

Uma vez abordadas as formas de colaborar e os níveis de participação que os pais e Encarregados de Educação podem assumir na escola, passemos ao estudo da legislação que permite que tal colaboração se possa efectivar.

Legalmente a educação é um elemento de grande importância em qualquer país. É importante ao ponto de ser tida em conta na Declaração Universal dos Direitos do Homem:

Artigo n.º26:

1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.
2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.
3. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos.

A nível Nacional, segundo Ramiro Marques (1993), “podemos dizer que estão criadas as condições legislativas para a participação das famílias na vida das escolas” (p.12)

Em primeiro lugar, a Constituição da República, publicada em 1976, atribui o ensino como uma das tarefas fundamentais do Estado, no Artigo 9.º.

Continuando para o Capítulo III, da Constituição podemos encontrar cinco artigos todos dedicados à educação nos diversos níveis de Ensino.

No que concerne à importância dos pais neste processo temos o ponto n.º5 do Artigo 36.º: “5. Os pais têm o direito e o dever de educação e manutenção dos filhos.” Focando ainda mais o tema, temos a Lei de Bases do Sistema Educativo, publicada em 1986, alterada pela Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto. Nesta Lei existem três artigos que na sua redacção deixam claro que a escola, enquanto organização no seio de uma comunidade, deve se abrir às comunidades externas, às famílias e a todos os agentes educativos. Estes artigos são: o Artigo 3.º, Artigo 9.º e Artigo 46.º.

No Capítulo VI, da Lei de Bases do Sistema Educativo, o Artigo 46.º, n.º2, refere que:

O sistema educativo deve ser dotado de estruturas administrativas de âmbito nacional, regional autónomo, regional e local, que assegurem a sua interligação com a comunidade mediante adequados graus de participação dos professores, dos alunos, das famílias, das autarquias, de entidades representativas das actividades sociais, económicas e culturais e ainda de instituições de carácter científico.

A Lei n.º 30/2002 de 20 de Dezembro, que aprova ao Estatuto do Aluno do Ensino não Superior, foi alterada pela Lei n.º 39/2010 de 2 de Setembro, e no Artigo 6.º destinado ao Papel especial dos pais e Encarregados de Educação, dispõe o seguinte:

1 - Aos pais e Encarregados de Educação incumbe, para além das suas obrigações legais, uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder-dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos, no interesse destes, e de promoverem activamente o desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos mesmos.

2 - Nos termos da responsabilidade referida no número anterior, deve cada um dos pais e Encarregados de Educação, em especial:

a) Acompanhar activamente a vida escolar do seu educando;

b) Promover a articulação entre a educação na família e o ensino na escola.

d) Contribuir para a criação e execução do projecto educativo e do regulamento interno da escola e participar na vida da escola.

e) Cooperar com os professores no desempenho da sua missão pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino e aprendizagem dos seus educandos.

i) Integrar activamente a comunidade educativa no desempenho das demais responsabilidades desta, em especial informando-se e informando sobre todas as matérias relevantes no processo educativo dos seus educandos;

j) Comparecer na escola sempre que julgue necessário e quando para tal for solicitado.

3 – Os pais e Encarregados de Educação são responsáveis pelos deveres de assiduidade e disciplina dos seus filhos e educandos.

Como já foi referido por diversos estudos, a participação dos Encarregados de Educação/Pais nas escolas está directamente relacionada com a sua presença nos órgãos de gestão das escolas.

Deste modo, Decreto-lei n.º 769-A/76, destinado à gestão das escolas, foi das primeiras produções legais a admitir a participação dos Encarregados de Educação em órgãos de tomada de decisão, desde que fossem nomeados por uma associação de pais.

Mais tarde, surgiu o Decreto – Lei n.º 172/91 de 10 de Maio, que define o regime de direcção, administração e gestão dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos

ensinos básico e secundário. Segundo este decreto a participação dos pais e Encarregados de Educação é garantida nos seguintes órgãos de direcção: conselhos de escola e de área escolar. (Capítulo II, Artigo 7.º) Os pais ou Encarregados de Educação estão igualmente representados no Conselho Pedagógico e Conselho de Turma. (Artigo 33.º; Artigo 39.º)

Em 1998, foi publicado o Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de Maio, que vem substituir o decreto anterior, e que introduz o conceito complexo de autonomia das escolas, conceito este que, volvidos treze anos, não se percebe se realmente existe e se se pratica, apesar de todos os instrumentos de autonomia que a lei propõe.

Tendo em conta o disposto no Artigo 4.º do presente decreto, a democraticidade e a participação de todos os intervenientes no processo educativo, fazem parte dos princípios que norteiam a administração das escolas.

Este decreto aprova a participação dos pais e Encarregados de Educação nos seguintes órgãos: **Assembleia** – “órgão de participação e representação da comunidade educativa, devendo estar salvaguardada na sua composição a participação de representantes dos docentes, dos pais e Encarregados de Educação, dos alunos, do pessoal não docente e da autarquia local” (Capítulo II, Artigo 9.º n.º2); **Conselho pedagógico** – órgão de coordenação e orientação educativa da escola (Secção III, Artigo 25.º n.º1).

A participação parental está também presente na **organização das actividades de turma**. Estas actividades destinam-se a “promover a melhoria das condições de aprendizagem e a articulação escola-família”. (Artigo 36.º n.º1) Nas escolas secundárias estas actividades estão a cargo do **Conselho de Turma**, o qual é constituído por professores, alunos e representantes dos pais e Encarregados de Educação.

O Capítulo V do Decreto-lei em causa é consagrado à Participação dos Pais e Alunos. Este capítulo compreende dois artigos, Artigo 40.º e Artigo 41.º, os quais reconhecem o direito à participação, e esclarecem que esta participação se desenvolve de acordo com o disposto na Lei de Bases do Sistema Educativo.

Consoante a redacção do n.º1 do Artigo 41.º as actividades desenvolvidas por estes agentes têm com finalidade a “melhoria da qualidade e da humanização das escolas (...)”.

Um dos propósitos do decreto é a celebração de contratos de autonomia, os quais, de acordo com o Artigo 48.º, orientam-se por vários princípios entre os quais a “Consagração de mecanismos de participação do pessoal docente e não docente, dos alunos no Ensino Secundário, dos pais e de representantes da comunidade.”

Actualmente, a lei vigente, a nível Nacional, é o Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de Abril. Tal como o decreto supra referido, este aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.

A participação dos pais está consagrada, mais uma vez, como um dos princípios básicos e orientadores da administração das escolas. No que toca à participação na administração e gestão, os pais têm representação obrigatória na composição do Conselho geral que é o órgão de direcção estratégica. (Artigo 11.º)

Tal como anteriormente, os pais têm representação no Conselho Pedagógico. Contudo, os pais e Encarregados de Educação que façam parte do Conselho geral não podem participar no Conselho Pedagógico.

Os pais e Encarregados de Educação estão também presentes nas actividades de turma. O desenvolvimento destas actividades está a cargo do conselho de turma, órgão este que conta também com a participação dos pais e Encarregados de Educação.

A Região Autónoma da Madeira tem também legislação específica para este tema. Actualmente está em vigor o Decreto Legislativo Regional n.º 21/2006/M de 21 de Junho, que altera o Decreto Legislativo Regional 4/2000/M de 31 de Janeiro.

O decreto legislativo regional 21/2006/M estabelece que os pais têm representantes nas seguintes estruturas: **Conselho da Comunidade Educativa** (“é o órgão de participação e representação da comunidade educativa” – Artigo 6.º, n.º2); e **Conselho de Turma** (órgão que promove a melhoria da aprendizagem bem como a articulação entre a escola e a família – Artigo 42.º, n.º1 alínea a). Devemos, no entanto, referir que esta é uma participação condicionada.

O Director de Turma é o elemento privilegiado para desenvolver a proximidade entre famílias e escola (Artigo 42.º). A este competem, entre outras coisas “a) Promover a realização de acções conducentes à aplicação do projecto educativo da escola, numa perspectiva de envolvimento dos Encarregados de Educação e de abertura à comunidade.” (Artigo 43.º).

Como se observa, a participação está bem documentada e legalizada. Foram criados espaços para a participação destes a vários níveis no interior da escola, e existem condições legais para que esta participação e colaboração se tornem cada vez mais efectivas.

As questões que se colocam são: será que esta participação realmente acontece? Qual a influência que os pais podem exercer sobre a escola no que toca a decisões escolares?

Em relação aos representantes dos pais e Encarregados de Educação, que fazem parte dos órgãos escolares, são eleitos pelas associações de Pais e Encarregados de Educação, sempre que existam, ou por assembleias designadas para este efeito. Torna-se assim pertinente referir alguma legislação dedicada às Associações de Pais e Encarregados de Educação.

As Associações de Pais e Encarregados de Educação surgem em 1977, após sair o primeiro Decreto-Lei, o Decreto-Lei n.º 7/77 destinado a esclarecer os direitos destas Associações.

Em 1979, sai nova legislação, na forma do Despacho Normativo 122/79, que estabelece o regulamento das relações entre as Associações de Pais e os Conselhos Directivos das escolas. Este despacho confere a oportunidade de participação de um representante da Associação de Pais nas reuniões do Conselho Pedagógico, contudo o representante dos pais, não tem direito ao voto. Segundo as palavras de Pedro Silva (1994) “Pode dizer-se que este Despacho constitui, assim, uma primeira aceitação clara das Associações de Pais nas escolas (...) (p. 310). Ainda assim este Despacho estava apenas destinado ao ensino preparatório e ao Ensino Secundário.

Ainda no ano de 1979, sai o Decreto-Lei n.º 542/79, que legisla sobre o Estatuto dos Jardins-de-Infância, conferindo enorme importância à relação entre a Escola e a Família.

Em 1980 observou-se um retrocesso na participação dos Encarregados de Educação/Pais, através do Decreto-Lei n.º 376/80, que refere que o representante da Associação de Pais, só pode participar nas reuniões do Conselho Pedagógico quando para tal for solicitado.

Neste ano é também publicado o Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo, através do Decreto-Lei n.º 553/80, e que introduz uma inovação, o número de representantes dos pais e dos professores, em órgãos nacionais, deve ser igual.

Finalmente em 1984, o Decreto-Lei n.º 315/84 define a legislação sobre as Associações de Pais para todos os níveis de ensino.

Em 1990, após a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo e do Decreto-Lei n.º 372/90, as possibilidades de as associações participarem efectivamente nas escolas

tornam-se mais reais. A publicação do Despacho n.º 239/ME/93 de 25 de Novembro só veio reforçar esta possibilidade.

A aprovação da CONFAP - Confederação Nacional das Associações de Pais, também transmitiu força para que os pais e Encarregados de Educação se unissem e lutassem pelo direito à participação nas escolas.

Por fim, a 16 de Março de 1999 foi publicado o Decreto-Lei n.º 80/99, que vem alterar a lei anterior sobre as associações de pais, o qual esclarece e estabelece as normas que regem o exercício da participação dos pais no sistema educativo.

A evolução da legislação sobre as associações de pais acompanhou desde sempre as leis dedicadas à administração e gestão das escolas. A autonomia consagrada às escolas contribuiu para que estas conferissem cada vez mais importância aos pais como agentes que podem auxiliar a escola no desempenho das suas funções.

Deste modo verifica-se cada vez mais a chamada da escola para a participação dos pais e Encarregados de Educação, ainda que esta participação não se revele muito evidente.

**Parte III: METODOLOGIA**

**CAPÍTULO 3**



## CAPÍTULO 3

### METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

#### 1. Natureza do Estudo

Os principais objectivos da investigação são a exploração e descrição do fenómeno da participação das famílias no Ensino Secundário nas escolas da RAM.

A literatura produzida sobre esta temática é vasta e já estão identificadas muitas das variáveis que influenciam a participação dos pais e/ou Encarregados de Educação na escola, ou as variáveis que influenciam a aceitação, por parte da escola, da participação dos pais e/ou Encarregados de Educação.

Assim, a intenção do estudo será procurar conhecer as opiniões e atitudes dos seguintes membros da comunidade educativa: Directores de Turma, Pais e Encarregados de Educação e Presidentes dos Conselhos Executivos face ao tema da colaboração e participação nas escolas do Ensino Secundário da RAM.

Foram eleitos estes públicos alvos porque:

“O Director de Turma é o órgão especialmente vocacionado para o relacionamento com os pais” (Marques, 1990, p.43).

O director encontra-se numa posição institucional complexa. É um dos professores que representa a comunidade educativa e, ao mesmo tempo (e é assim que ele se sente), é um representante da Administração encarregue de garantir o bom funcionamento da escola (Guerra, 2000, p159).

1 — Aos pais e Encarregados de Educação incumbe, para além das suas obrigações legais, uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder -dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos, no interesse destes, e de promoverem activamente o desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos mesmos. (Artigo 6.º. Lei n.º39/2010 de 2 de Setembro).

O objectivo será então descrever a situação da participação e colaboração nas escolas do Ensino Secundário da RAM, as opiniões e sentimentos do grupo docente (Directores de Turma e Presidentes do Conselhos Executivos) e dos Encarregados de Educação e, avaliar as diferenças de opinião entre estes dois grupos.

Por esta razão a investigação será de natureza descritiva. Segundo Marie-Fabienne Fortin (2009) os estudos desta natureza objectivam “denominar, classificar, descrever uma população ou conceptualizar uma situação” (p. 138) Este tipo de pesquisa “caracteriza-se como um estudo que procura determinar opiniões (...)” (Reis, 2010, p.

61). Teresa Freire sustenta também esta escolha ao escrever que a investigação descritiva se caracteriza por “descrever um fenómeno; identificar variáveis e inventariar factos” (Freire, 1997, p. 20).

Um outro autor faz a distinção entre a pesquisa descritiva e a experimental. Segundo este “a pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar os factos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los” (Carvalho, 2002. p. 122).

Dentro deste tipo de estudos, este será um estudo descritivo simples, no qual se procura “descrever um fenómeno ou conceito relativo a uma população, de maneira a estabelecer as características desta população” (Fortin, M., 2009, p.164).

Em relação à abordagem utilizada na recolha de informação e dados, esta será maioritariamente quantitativa, através da aplicação de inquéritos por questionário aos Encarregados de Educação e aos directores de turma. Inicialmente, o plano de investigação conduzia-nos para a aplicação de entrevista aos Presidentes dos Conselhos Executivos de modo a complementarmos a informação recolhida através dos inquéritos por questionário, pois “enquanto a pesquisa qualitativa oferece melhor visão e compreensão do problema, a pesquisa quantitativa tenta quantificar os dados” (Reis, 2010, pp. 62-63).

Contudo, as limitações temporais forçaram-nos a criar um questionário aberto especificamente para este grupo da amostra.

## **2. Recolha e Registo dos Dados**

Os primeiros dados foram recolhidos através de uma revisão da literatura sobre o tema da colaboração e participação dos pais e Encarregados de Educação na escola. Esta revisão permitiu construir uma série de perguntas de investigação bem como definir os objectivos que irão guiar o estudo, a amostra, a metodologia e dos métodos de análise de dados.

Para a recolha e registo de dados da amostra, optou-se pelo Inquérito por questionário. Foi eleito este método por se adequar não só ao objectivo do estudo, mas também por ser o método de recolha de dados que mais se adequa ao tempo disponível.

“Os questionários (...) são processos para adquirir dados acerca das pessoas, sobretudo *interrogando-as* (...)” (Tuckman, 2000, p. 308).

A escolha da utilização do questionário deveu-se ao número de Encarregados de Educação que compõe a amostra, e por se mostrar ser um instrumento capaz de ajudar a responder aos objectivos da investigação.

Um dos objectivos da investigação é a descrição da amostra. Assim sendo e baseados no objectivo de “descrever uma população” (Reis, 2010, p. 92), seleccionámos o questionário como método de recolha primordial.

O questionário será aplicado aos Encarregados de Educação e pais, aos directores de turma, e ao Presidente do Conselho Executivo.

Para os Presidentes do conselho foi elaborado um questionário com as perguntas maioritariamente abertas pois este questionário vem, por assim dizer, substituir a entrevista.

Os questionários, tal como todos os métodos de recolha de dados, têm vantagens e desvantagens. Entre as vantagens encontramos a facilidade em garantir a representatividade da amostra, a facilidade em analisar os dados, o facto de ser anónimo transmite segurança ao inquirido. As suas desvantagens prendem-se com a baixa taxa de retorno, dificuldade em perceber o vocabulário usado pelo inquirido, entre outras (Reis, 2010.p. 95).

Manuel Freixo (2009, p. 204) apresenta também várias vantagens e desvantagens do questionário consoante o tipo de questões colocadas. Segundo este autor o questionário “permite contextualizar melhor a questão”, “facilita a categorização das respostas para posterior análise”, possibilita “respostas mais representativas e fiéis da opinião do inquirido”.

Recorremos a este método por se destinar essencialmente à recolha de informações relativas a factos, ideias, comportamentos, expectativas e atitudes dos grupos da amostra,

Salientamos que, de modo a aumentar a taxa de resposta, irá ser dada a garantia de que todos os dados obtidos serão confidenciais e de carácter anónimo. Iremos, de igual modo, apresentar os resultados obtidos às escolas em estudo para deste modo poder chegar também aos alunos e aos Encarregados de Educação/Pais.

Antes de proceder a qualquer recolha de dados serão efectuados os devidos pedidos de autorização a todas as escolas seleccionadas para poder efectuar a investigação (ver Anexo I).

Salienta-se ainda que todos os inquiridos serão precedidos de uma breve explanação sobre o tema e objectivos do estudo em causa, e ainda será realizado um pré-

teste a fim de averiguar se o questionário está de acordo com os objectivos da investigação, e se poderá fornecer os dados necessários às respostas que se pretendem obter pelo estudo.

## **2.1. Construção dos Instrumentos de Recolha de Dados: Inquéritos por Questionário**

Cada método de recolha de dados e informações está mais adequado a determinados tipos de investigação dado o seu objecto de estudo, população e objectivos. O tempo, material e a disponibilidade financeira são, também, grandes condicionadores na determinação dos meios que se escolhem para obter dados empíricos nas investigações.

Neste estudo, o universo, do qual foi retirado uma amostra, é composto por Presidentes dos Conselhos Executivos, Directores de Turma e Encarregados de Educação. Como podemos observar este universo conta com muitos elementos distribuídos por cada um dos grupos. O número aproximado de cada grupo só pode ser dado para o caso dos Encarregados de Educação e para os Presidentes do Conselhos Executivos, pois o número de Directores de Turma é um dado específico de cada escola, e ao qual não tivemos acesso.

O objectivo principal, referido previamente, é a exploração e descrição da participação e colaboração dos Encarregados de Educação nas escolas de Ensino Secundário da RAM.

Assim sendo, o instrumento de recolha de dados que mais se adequa à linha de investigação que orienta a nossa pesquisa, é o inquérito por questionário, pois permite-nos cumprir com os objectivos a que nos propusemos para este estudo.

Ghiglione & Matalon (2001) referem que “o recurso ao inquérito é necessário de cada vez que temos necessidade de informação sobre uma grande variedade de comportamentos de um mesmo indivíduo [...] recorre-se igualmente ao inquérito quando a observação directa de certos comportamentos pressupõe uma intimidade frequente” (p. 13).

Para este estudo, os questionários construídos incluem perguntas abertas onde os inquiridos têm a oportunidade de expor a sua opinião por escrito, e perguntas fechadas nas quais o inquirido escolhe a sua resposta entre as alternativas dadas. São por isso questionários mistos com perguntas abertas e fechadas. Este tipo de questionário “é útil

quando se pretende obter informação qualitativa para complementar e contextualizar a informação quantitativa obtida pelas outras variáveis” (Hill & Hill, 2009, p. 95).

Os questionários destinados aos Encarregados de Educação e aos Directores de Turma são exactamente o tipo de questionário descrito atrás, e foram construídos com base na revisão de literatura bem como nos questionários apresentados e construídos por Virgínio Sá (2003), Armanda Zenhas (2006) e Celeste Vieira (2002).

A estrutura dos questionários dirigidos aos Encarregados de Educação (ver Apêndice 1) está dividida em cinco blocos ou áreas as quais se passam a explicar no quadro seguinte:

<b>BLOCOS</b>	<b>OBJECTIVOS</b>
<b>Dados Pessoais</b>	Caracterizar a amostra com base no sexo, idade, habilitações académicas, profissão, situação profissional e rendimentos mensais aproximados.
<b>Caracterização da Família</b>	Caracterizar os agregados familiares tendo por base o número de elementos do agregado, número de elementos que se encontram a estudar e idades e, ainda o ano em que o educando, da escola em causa, estuda.
<b>Contacto com a escola</b>	Saber o que leva os Encarregados de Educação a comunicarem com o Director de Turma, este que é um elemento primordial nesta relação escola-casa-escola, e se a boa avaliação destes encontros aumenta o número de vezes que estes acontecem. Deste modo as perguntas aqui colocadas destinam-se a apurar o número de vezes que o EE se dirigiu à escola, quantas reuniões frequentou e com que elemento contacta mais vezes quando vai à escola. Pretende-se saber se o encarregado de educação tem conhecimento e se utiliza o horário de atendimento. A este propósito foi criada uma pergunta aberta que pretende aferir se os Encarregados de Educação iriam mais vezes à escola caso este horário fosse mais adequado. As últimas três perguntas desta secção pretendem conhecer quais as razões que levam os Encarregados de Educação a se dirigirem ao Director de Turma se por iniciativa própria ou se por convocatória. Por fim pretende-se saber qual a avaliação que os Encarregados de Educação fazem dos encontros com o Director de Turma.

<b>Participação na escola</b>	Saber qual a opinião dos Encarregados de Educação sobre a sua participação na escola, à parte dos encontros com os directores de turma, em que áreas consideram a sua participação importante, com que frequência participa e/ou colabora com a escola. Pretende-se ainda saber qual a opinião sobre o número de representantes de Encarregados de Educação que compõem o Conselho da Comunidade Educativa e o Conselho de Turma. Procuramos saber como avaliam os Encarregados de Educação a sua participação na escola, que factores podem impedir a participação e ainda se têm conhecimento da existência da Associação de Pais e Encarregados de Educação.
<b>Representações dos Encarregados de Educação</b>	Conhecer a atitude/opinião dos EE em relação à frequência e razões que a escola os convoca, qual a sua opinião sobre o Director de Turma e ainda saber o que os EE consideram que pode ser feito para melhorar esta ligação.

**Tabela 3: Blocos operacionais e objectivos do questionário destinado aos Encarregados de Educação**

O questionário criado especificamente para os Directores de Turma (ver Apêndice 2) está organizado em quatro blocos cada um com objectivos diferentes. O quadro seguinte tem como finalidade explicar cada um dos blocos.

<b>BLOCOS</b>	<b>OBJECTIVOS</b>
<b>Dados Pessoais</b>	Caracterizar a amostra com base no sexo, idade, habilitações académicas
<b>Dados Sócio-Profissionais</b>	Situar profissionalmente os inquiridos com base no tempo de serviço, número de vezes que foi Director de Turma e situação profissional.
<b>Participação na Escola</b>	Conhecer qual a sua opinião, enquanto directores de turma, sobre a participação e colaboração dos Encarregados de Educação na escola. Procuramos também saber se durante a sua formação inicial tiveram formação para esta relação e de que modo poderá, ou não, ter tido influência no seu desempenho enquanto directores de turma.
<b>Representações</b>	Saber se o Director de Turma, enquanto docente de uma escola, faz

<b>sobre a participação</b>	uma avaliação desta e dos seus colegas no que toca à aceitação e solicitação da participação e colaboração dos EE
-----------------------------	---

**Tabela 4: Blocos operacionais e objectivos do inquérito destinado aos Directores de Turma**

O questionário dirigido aos Presidentes dos Conselhos Executivos (ver Apêndice 3) é formado por questões, maioritariamente, abertas, pois este questionário veio como que substituir a aplicação de entrevistas a este grupo da amostra.

<b>BLOCOS</b>	<b>OBJECTIVOS</b>
<b>Dados Pessoais</b>	Caracterizar a amostra com base no sexo, idade, habilitações académicas.
<b>Dados Sócio-Profissionais</b>	Caracterizar profissional dos inquiridos com base no tempo de serviço e no tempo ao qual exerce o cargo de Presidente do Conselho Executivo.
<b>Participação na Escola</b>	Conhecer qual a sua opinião, enquanto Presidente do Conselhos Executivos, sobre a participação e colaboração dos EE na escola. Procuramos também saber se o Conselhos Executivos solicita os Encarregados de Educação para saber a sua opinião sobre o funcionamento da escola e em que áreas.
<b>Representações sobre a Participação</b>	Saber a opinião do Presidente do Conselho Executivo sobre a importância deste órgão na relação entre a escola e a família. É também objectivo deste bloco a avaliação da escola, aos olhos do Presidente do Conselho Executivo, no que toca à aceitação e solicitação da participação e colaboração dos EE.
<b>Participação na Legislação</b>	Conhecer a opinião e atitude face ao que está regulado nas leis e regulamentos específicos.

**Tabela 5: Blocos operacionais e objectivos do inquérito destinado aos Presidentes**

Com o intuito de testar estes questionários procedeu-se à aplicação de pré-testes a uma amostra representativa da nossa população de estudo. Os inquiridos visados nestes pré-testes não participaram no estudo.

Estes pré-testes foram entregues a vinte e três Encarregados de Educação, sete Directores de Turma e um Presidente do Conselho Executivo de uma escola secundária da RAM, a qual não fez parte do nosso estudo.

A última questão destes pré-testes tinha como objectivo saber quanto tempo o inquirido levou a preencher e de que forma poderia ser melhorado o questionário.

Em relação ao tempo de preenchimento, as respostas foram unânimes, e todos afirmaram que utilizaram 15 minutos para o seu preenchimento. No que toca a sugestões de melhoramentos, muitos dos inquiridos não responderam. Os que responderam, deixaram opiniões favoráveis e outros deram sugestões para capítulos que podiam ser explorados no trabalho.

### **3. População ou Universo do Estudo e Amostra**

Gostaríamos de relembrar que a investigação incidirá, apenas, sobre a rede de Escolas Públicas do Ensino Secundário da Região Autónoma da Madeira.

Uma vez que se pretende explorar e descrever a participação nas escolas da RAM, bem como possíveis factores a este fenómeno associados, os inquéritos foram aplicados a todas as escolas secundárias da Região Autónoma da Madeira. Para uma melhor visualização optou-se por construir uma tabela que ilustra a distribuição das escolas públicas, dos vários níveis de ensino na RAM. (Ver Tabela 6).

	Calheta	Câmara de Lobos	Funchal	Machico	Ponta do Sol	Porto Moniz	Ribeira Brava	Santa Cruz	Santana	São Vicente	Porto Santo
<b>1º Ciclo</b>	8	17	29	6	7	2	9	9	6	4	3
<b>2º/ 3º Ciclos</b>	-	3	5	1	-	-	1	2	1	-	-
<b>Secundária</b>	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Básica e Secundária</b>	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1
<b>EB 1º,2º e 3º ciclo</b>	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-

**Tabela 6: Distribuição das Escolas Públicas da RAM**

Como podemos observar todos os concelhos têm uma escola onde o Ensino Secundário é leccionado. A excepção é o concelho do Funchal que conta com quatro escolas onde o Ensino Secundário é leccionado, sendo que duas são escolas Básicas e Secundárias e duas, exclusivamente, Secundárias.



Segundo as regras da representatividade da amostra, todos os elementos de uma população devem ter a mesma probabilidade de participar. Ora, se no Funchal existem quatro escolas com o Ensino Secundário, e admitindo a hipótese de escolher uma escola por concelho, as escolas do Funchal têm menos hipóteses de constituírem a amostra, facto que coloca a representatividade em causa.

### **3.1. População**

O termo população ou universo do estudo define-se por “conjunto total dos casos sobre os quais se pretende tirar conclusões” (Hill & Hill, 2009, p. 41).

A população do presente estudo será constituída por Directores de Turma, Encarregados de Educação e Presidentes dos Conselhos Executivos das escolas do Ensino Secundário da RAM.

Uma vez que existe uma escola secundária por cada concelho, não haverá problemas de amostragem pois as hipóteses são nulas. Apenas as escolas do concelho do Funchal serão eleitas por amostragem aleatória simples. Assim sendo será utilizada a técnica da lotaria que, apesar de não ser aconselhada, é a que se adequa melhor ao caso. Esta técnica será elaborada da seguinte forma: a cada uma das quatro escolas do concelho do Funchal será atribuído um número. Estes números serão novamente escritos em papéis diferentes, e serão colocados dentro de um recipiente que permita baralhar os números de modo a ser escolhida uma escola de forma completamente aleatória. (Hill & Hill, 2009, pp. 45-46).

Os Presidentes dos Conselhos Executivos serão tantos quantas as escolas seleccionadas para o estudo. Deste modo existe uma população de 14 Presidentes dos Conselhos Executivos distribuídos pelas 14 escolas que têm o Ensino Secundário na sua oferta educativa. Destes 14, apenas 11 constituirão, efectivamente, a amostra desta tranche da população.

Os Directores de Turma são em número idêntico ao número de turmas seleccionadas. Contudo, não os podemos enumerar ainda pois existem dados essenciais aos quais não tivemos acesso nesta fase do projecto. De salientar que foi enviado um e-mail para todas as escolas a solicitar algumas informações. Até à presente data não obtivemos resposta.

O número de Encarregados de Educação foi calculado através dos dados de demografia escolar, os quais serviram de base para a construção das tabelas nº 2 e nº3.

<b>Número de Alunos da RAM</b>					
	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secundário	TOTAL
<b>Calheta</b>	485	315	385	290	1475
<b>Câmara de Lobos</b>	2027	1163	1327	280	4797
<b>Funchal</b>	3778	2491	3491	5243	15003
<b>Machico</b>	963	680	865	619	3127
<b>Ponta do Sol</b>	450	254	368	185	1257
<b>Porto Moniz</b>	91	67	99	52	309
<b>Porto Santo</b>	148	147	187	129	611
<b>Ribeira Brava</b>	752	460	633	408	2253
<b>Santa Cruz</b>	1348	920	1128	236	3632
<b>Santana</b>	252	179	227	181	839
<b>São Vicente</b>	237	130	196	147	710
<b>TOTAL REGIONAL</b>	10531	6806	8906	7770	34013

**Tabela 7: N.º de alunos por cada ciclo e Concelho da RAM**

Os valores aqui apresentados, para o ensino secundário, incluem os seguintes cursos: Científico Humanísticos, Cursos Tecnológicos e Cursos profissionalizantes. Excluindo os Cursos CEF (Cursos de Educação Formação); CEFA (Cursos de Educação e Formação de Adultos)

A tabela n.º7 foi elaborada de acordo com os dados constantes nas plataformas Placemiúdos e Place21. Estas plataformas fornecem várias informações na forma de relatórios. Neste caso concreto, acedeu-se aos relatórios de demografia escolar disponíveis em [http://placemiudos.madeira-edu.pt/\(1gr2pn55uv5yyw55ouwomgm1\)/Entities/Public/Public\\_L0\\_NAV\\_Login.aspx](http://placemiudos.madeira-edu.pt/(1gr2pn55uv5yyw55ouwomgm1)/Entities/Public/Public_L0_NAV_Login.aspx) para o 1º ciclo do ensino básico, e aos relatórios demográficos do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário disponíveis em [http://place.madeira-edu.pt/\(q4l4gk24sxxtakvurmd5k1u4\)/entities/public/Public\\_L0\\_DLG\\_Login.aspx](http://place.madeira-edu.pt/(q4l4gk24sxxtakvurmd5k1u4)/entities/public/Public_L0_DLG_Login.aspx).

Partindo da hipótese de existência de um encarregado de educação por cada aluno, existirão, aproximadamente, 34013 Encarregados de Educação na RAM. Contudo estamos alerta para o facto de não podermos ser tão lineares com esta hipótese, pois poderão haver casos de Encarregados de Educação partilhados (i.e. no caso de irmãos a frequentar a mesma escola).

Uma vez que o Ensino Secundário constitui a população-alvo ou amostra do estudo, foi elaborada uma terceira tabela, de onde constam apenas os alunos do Ensino Secundário.

<b>Número de Alunos no Ensino Secundário Público na RAM</b>				
	<b>10º Ano</b>	<b>11º Ano</b>	<b>12º Ano</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Calheta</b>	104	106	80	<b>290</b>
<b>Câmara de Lobos</b>	93	107	80	<b>280</b>
<b>Funchal</b>	1985	1728	1530	<b>5243</b>
<b>Machico</b>	249	186	184	<b>619</b>
<b>Ponta do Sol</b>	67	56	62	<b>185</b>
<b>Porto Moniz</b>	19	17	16	<b>52</b>
<b>Porto Santo</b>	45	54	30	<b>129</b>
<b>Ribeira Brava</b>	193	107	108	<b>408</b>
<b>Santa Cruz</b>	92	78	66	<b>236</b>
<b>Santana</b>	65	51	65	<b>181</b>
<b>São Vicente</b>	45	59	43	<b>147</b>
<b>TOTAL REGIONAL</b>	<b>2957</b>	<b>2549</b>	<b>2264</b>	<b>7770</b>

**Tabela 8:Nº de alunos do Ensino Secundário, público, na RAM**

**NOTA:**

Os valores aqui apresentados incluem, apenas, os alunos que frequentam os cursos Científico-Humanísticos, Profissionalizantes e os Tecnológicos.

Como se observa o número de educandos matriculados no Ensino Secundário é de 7770. À partida este corresponde ao mesmo número de Encarregados de Educação.

### **3.2. Cálculo e Caracterização da Amostra**

A técnica de amostragem utilizada foi a de Amostra por Conveniência. Neste género de amostra “o investigador adopta como amostra grupos de sujeitos que já existem” (Sousa, A., 2009, p. 70). Este tipo de amostra tem como vantagem o não haver necessidade de se realizarem sorteios para agrupar os sujeitos da amostra.

A amostra por conveniência foi utilizada para seleccionarmos os grupos de Encarregados de Educação e de Directores de Turma, aos quais seriam entregues os questionários.

Assim sendo o processo desenrolou-se do seguinte modo:

1. Selecção das Escolas que fizeram parte do nosso estudo. Como já foi referido, no decorrer do trabalho, a selecção da escola do concelho do Funchal foi feita de forma aleatória.
2. Cálculo proporcional de questionários a serem distribuídos por cada escola (ver Tabela n.º11).

3. Contacto com a escola e distribuição dos questionários pelas turmas que mais se enquadravam com o número de questionários necessário.
4. Os directores de turma seleccionados, foram os directores de turma das turmas nas quais foram entregues os inquéritos com destino aos Encarregados de Educação

Assim se justifica a utilização da amostra por conveniência pois os sujeitos da amostra já se encontravam previamente agrupados.

Uma vez mais relembramos que a população do estudo é composta pelos Encarregados de Educação dos alunos do Ensino Secundário Público, pelos Directores de Turma, e ainda pelos Presidentes dos Conselhos Executivos. Contudo, os cálculos foram apenas feitos para os Encarregados de Educação, pois os Directores de Turma dependem da amostra de Encarregados de Educação.

Assim sendo e, admitindo que existe uma relação de 1 para 1 entre alunos e Encarregados de Educação, os 34013 alunos da RAM correspondem ao mesmo número de Encarregados de Educação.

Destes 34013 alunos, 7770 são alunos do Ensino Secundário o que perfaz um total de 7770 Encarregados de Educação no Ensino Secundário distribuídos pelas 14 escolas secundárias da RAM.

Para determinar o tamanho da amostra, de acordo com a população-alvo, utilizamos as tabelas constantes na obra de Cohen, L; Manion, L; Morrison, K. (2007, p. 104). Destas tabelas constam números pré-determinados de população e respectivos mínimos amostrais.

Se calcularmos, por interpolação com base nas tabelas dadas na obra referida anteriormente, a amostra para estes 7770 Encarregados de Educação temos o seguinte:

N	Nível de confiança	N
7500	95%	365
7770	95%	<i>x</i>
10000	95%	370

**Ilustração 1: Cálculo do tamanho mínimo da amostra**

$$\begin{aligned}
 (x - 365) &= (7770 - 7500) \times (370 - 365) \div (10000 - 7500) = \\
 &= (270 \times 5) \div 2500 = 1350 \div 2500 = 0,54 \cong 1 \\
 x &= 365 + 1 = 367
 \end{aligned}$$

Se por outro lado calcularmos a população tendo em conta o número de alunos que fazem, de facto, parte da nossa amostra, isto é, os alunos que frequentam o 10º, 11º, e 12º ano das escolas secundárias que fazem parte do estudo, os valores são totalmente diferentes.

Como foi referido ao longo da metodologia, será escolhida uma escola secundária em cada concelho. Tendo em conta que cada concelho, excepto o concelho do Funchal, tem apenas uma escola secundária, o problema da selecção das escolas coloca-se apenas no Funchal.

De igual modo, foi anteriormente referido que, a escolha desta escola seria realizada de modo aleatório. No sorteio, a escola seleccionada tem um total de 573 alunos, divididos pelos três anos (10º, 11º, 12º).

A tabela seguinte demonstra a distribuição dos alunos pelas escolas onde foram distribuídos os questionários.

<b>Número de Alunos no Ensino Secundário Público na RAM, <u>nas escolas</u> Seleccionadas</b>				
	10º Ano	11º Ano	12º Ano	TOTAL
<b>Calheta</b>	104	106	80	290
<b>Câmara de Lobos</b>	93	107	80	280
<b>Funchal</b>	204	189	180	573
<b>Machico</b>	249	186	184	619
<b>Ponta do Sol</b>	67	56	62	185
<b>Porto Moniz</b>	19	17	16	52
<b>Porto Santo</b>	45	54	30	129
<b>Ribeira Brava</b>	193	107	108	408
<b>Santa Cruz</b>	92	78	66	236
<b>Santana</b>	65	51	65	181
<b>São Vicente</b>	45	59	43	147
<b>TOTAL REGIONAL</b>	1176	1010	914	3100

**Tabela 9: Número de alunos nas escolas seleccionadas**

Segundo a tabela anterior observamos que o número de encarregados que compõe a nossa população é de, aproximadamente, 3100 elementos. Calculando, de novo, o tamanho da amostra para um novo tamanho da população, temos o seguinte:

N	Nível de confiança	N
2500	95%	333
3100	95%	x
5000	95%	357

**Ilustração 2: Cálculo do tamanho mínimo da amostra para uma população de 3100 elementos**

$$\begin{aligned}
 (x - 333) &= (3100 - 2500) \times (357 - 333) \div (5000 - 2500) = \\
 &= (600 \times 24) \div 2500 = 14400 \div 2500 = 5,76 \cong 6 \\
 x &= 333 + 6 = 339
 \end{aligned}$$

Os resultados indicam-nos que o tamanho mínimo da amostra, tendo em conta o valor da nossa população, deverá ser de 339 membros.

Este número indica também o número de questionários que deverão ser distribuídos pelas escolas que serão alvo do nosso estudo.

Para sabermos quantos inquéritos deveriam ser distribuídos por cada escola, foi utilizada a seguinte fórmula de proporção:

$$\text{Inq.} = \frac{\text{Número de Alunos}}{\text{Universo}} \times \text{Tamanho da Amostra}$$

Através da fórmula acima referida, construímos a seguinte tabela:

<b>Total de Inquéritos a Distribuir pelos Encarregados de Educação</b>								
	10º ano	N.ºde Inq.	11º ano	N.ºde Inq.	12º ano	N.ºde Inq.	TOTAL	TOTAL POR CONCELHO
<b>Calheta</b>	104	11	106	19	80	16	290	46
<b>Câmara de Lobos</b>	93	14	107	19	80	16	280	49
<b>Funchal</b>	204	31	189	33	180	36	573	100
<b>Machico</b>	249	38	186	33	184	37	619	107
<b>Ponta do Sol</b>	67	10	56	10	62	12	185	32
<b>Porto Moniz</b>	19	3	17	3	16	3	52	9
<b>Porto Santo</b>	45	7	54	10	30	6	129	22
<b>Ribeira Brava</b>	193	29	107	19	108	21	408	70
<b>Santa Cruz</b>	92	14	78	14	66	13	236	41
<b>Santana</b>	65	10	51	9	65	13	181	32
<b>São Vicente</b>	45	7	59	10	43	9	147	26

<b>TOTAL REGIONAL</b>	1176	175	1010	178	914	182	3100	535
-----------------------	------	-----	------	-----	-----	-----	------	-----

**Tabela 10: N.º de inquéritos distribuídos pelos Encarregados de Educação**

Ao ler os dados da tabela n.º 10, nota-se que o total regional de inquéritos a serem distribuídos ultrapassa, em 185 questionários, o valor calculado da amostra. Esta circunstância verifica-se pelo facto de ter havido necessidade aumentar este valor, não só para poder garantir o mínimo obrigatório, mas também porque o número 535 é o menor valor para o tamanho da amostra que garante que são entregues mais do que 1 (neste caso 3) inquérito por cada ano na escola secundária do concelho do Porto Moniz.

Da tabela seguinte constam, não só o número de inquéritos distribuídos aos Encarregados de Educação mas também o número de inquéritos distribuídos aos Directores de Turma. Este número foi estipulado tendo em conta o número de alunos de cada escola, assim foi distribuído um inquérito para cada turma com, até, 21 alunos, e dois questionários para as turmas com mais de 21 alunos. Deste modo, obtivemos uma soma de 41 Directores de Turma.

A estes dois grupos da população falta acrescentar os 11 inquéritos destinados aos 11 Presidentes das escolas do Ensino Secundário.

A distribuição dos questionários teve início no dia 21 de Março de 2011 e término a 3 de Junho de 2011 e foi precedida de um pedido de autorização realizado junto da Direcção Regional da Educação e a operacionalização do pedido junto da escola feito de modo presencial e em conversa com o Presidente do Conselho Executivo, ou na falta deste, com um membro do Conselho Executivo. Este procedimento foi igual em todas as escolas com excepção da Escola do Porto Santo (cujos inquéritos foram enviados através dos Correios, com respectivo pedido, (Anexo II) e posterior chamada telefónica) e escola do Concelho de Câmara de Lobos (cujo pedido teve de ser operacionalizado através do correio electrónico da escola e posteriormente submetido a conselho pedagógico).

A tabela seguinte apresenta o número de questionários distribuídos aos Encarregados de Educação e aos Directores de Turma das Escolas Secundárias que participaram no nosso estudo.

<b>Total de Inquéritos distribuídos aos EE e aos DT das Escolas Secundárias da RAM</b>									
	<b>10º ano</b>	Nº. de Inq.	<b>11º ano</b>	Nº. de Inq.	<b>12º ano</b>	Nº. de Inq.	TOTAL DE EE	<b>TOTAL DE INQ. POR ESCOLA</b>	<b>TOTAL DE DT</b>

<b>Calheta</b>	104	11	106	19	80	16	290	46	3
<b>Câmara de Lobos</b>	93	14	107	19	80	16	280	49	3
<b>Funchal</b>	204	31	189	33	180	36	573	100	6
<b>Machico</b>	249	38	186	33	184	37	619	107	6
<b>Ponta do Sol</b>	67	10	56	10	62	12	185	32	3
<b>Porto Moniz</b>	19	3	17	3	16	3	52	9	3
<b>Porto Santo</b>	45	7	54	10	30	6	129	22	3
<b>Ribeira Brava</b>	193	29	107	19	108	21	408	70	5
<b>Santa Cruz</b>	92	14	78	14	66	13	236	41	3
<b>Santana</b>	65	10	51	9	65	13	181	32	3
<b>São Vicente</b>	45	7	59	10	43	9	147	26	3
<b>TOTAL REGIONAL</b>	1176	175	1010	178	914	182	3100	535	41

**Tabela 11: Nº de inquéritos distribuídos aos Encarregados de Educação e aos Directores de Turma**

Destes 535 inquéritos distribuídos aos Encarregados de Educação, foram recolhidos 350, o que garante logo o cumprimento dos mínimos estipulados de 339 questionários tendo em conta uma população de 3100 elementos.

Se calcularmos a taxa de devolução relativa aos 535 questionários distribuídos, obtemos o seguinte:

$$x = \frac{350 \times 100}{535} = \frac{35000}{535} = 65,4\%$$

O resultado indica-nos que a taxa de devolução do nosso estudo é de 65,4%, significando isto que por cada 100 inquiridos, aproximadamente, 65 devolveram, preenchidos, os seus questionários.

Estes são os resultados para os questionários entregues e devolvidos pelos Encarregados de Educação

O número de questionários distribuídos pelos directores de turma foi de 41 inquéritos. Destes 41, foram devolvidos 32 inquéritos. A taxa de devolução para os Directores de Turma é a seguinte:

$$x = \frac{32 \times 100}{41} = \frac{3200}{41} = 78\%$$



Para o caso dos Presidentes dos Conselhos Executivos, foram distribuídos 11 questionários e até ao momento foram devolvidos 6. Esta dá-nos uma taxa de devolução de:

$$x = \frac{6 \times 100}{11} = \frac{600}{11} = 54,5\%$$

No geral, podemos considerar que tivemos uma boa taxa de devolução pois conseguimos atingir o mínimo obrigatório para os Encarregados de Educação, no caso dos Directores de Turma dos 41 questionários distribuídos mais de metade (78%) foram devolvidos. A taxa de devolução mais baixa aconteceu no grupo de Presidentes do Conselhos Executivos.

#### **4. Métodos de Análise e Interpretação dos Dados**

Para a análise e interpretação dos dados recolhidos através dos inquiridos, como não poderia deixar de ser, vamos analisá-los de uma vertente quantitativa, procedendo ao tratamento estatístico dos dados, com o apoio de polígonos de frequência, cálculos de mediana e média, elaboração e tabelas e gráficos que sejam capazes de sintetizar os dados obtidos. Poderão ainda ser utilizados programas informáticos de tratamento de dados estatísticos. (Statistical Package for the Social Sciences, versão 19, e Microsoft Office Excel, 2007).

No que concerne ao tratamento dos dados obtidos pelos questionários abertos, serão analisados numa vertente qualitativa e quantitativa. Sendo que cada resposta será analisada e irão ser procurados os pontos em comum de forma a podermos construir uma imagem geral daquilo que os Presidentes pensam e acreditam no que toca à participação e colaboração dos pais e Encarregados de Educação.

No término da análise e interpretação dos dados, procederemos à triangulação dos dados obtidos pelos inquiridos, para elaborar conclusões mais concretas e reveladoras das vivências das escolas da RAM, no que respeita à temática em estudo. (Fortin, M., 2009, p. 322; Sousa, 2005, p. 172)

**Parte IV: Resultados da Investigação**

**CAPÍTULO 4**

## CAPÍTULO 4

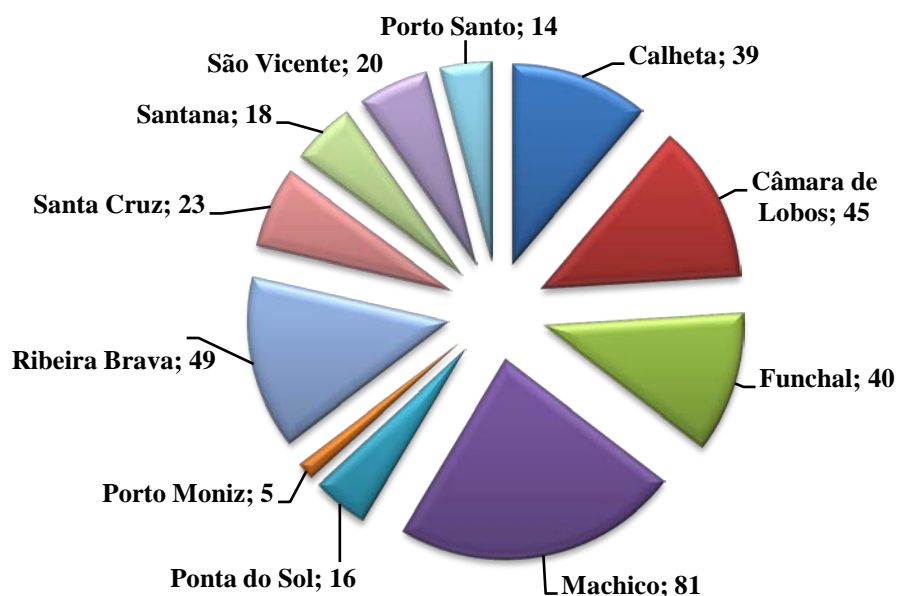
### ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

#### 1. Encarregados de Educação

Iniciamos agora a fase final desta investigação. Depois de recolhidos e tratados os dados, vamos agora apresentá-los. Os dados foram trabalhados com o auxílio do programa informático denominado Statistical Package for the Social Sciences (SPSS versão 19). Utilizamos também o Microsoft Office Excel 2007.

Começemos por caracterizar a nossa amostra com base no concelho, idade, sexo, habilitações, rendimentos e profissão.

##### 1.1. Dados Pessoais



**Gráfico 1: Distribuição dos Inquiridos por Concelho**

Os Encarregados de Educação da nossa amostra distribuem-se de acordo com os dados do Gráfico 1.

Podemos desde já observar que Machico foi o concelho onde um maior número de Encarregados de Educação preencheu e devolveu o seu questionário, neste caso obtivemos 81 inquéritos o que corresponde a 23,1% do total.

Por ordem decrescente podemos então organizar da seguinte forma:

**1.º Machico (23,1%);**

**2.º Ribeira Brava** (14%);

**3.º Câmara de Lobos** (12,9%);

**4.º Funchal** (11,4%);

**5.º Calheta** (11,1%);

**6.º Santa Cruz** (6,6%);

**7.º São Vicente** (5,7%);

**8.º Santana** (5,1%);

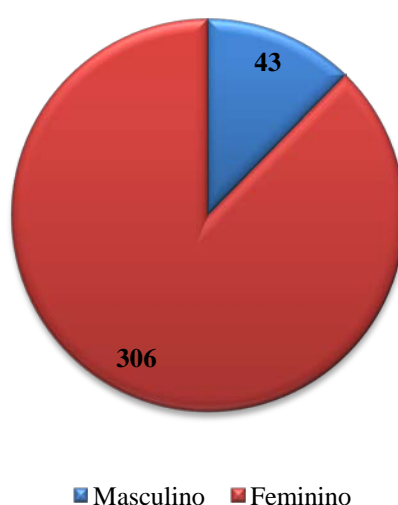
**9.º Ponta do Sol** (4,6%);

**10.º Porto Santo** (4%)

**11.º Porto Moniz** (1,4%).

Temos, porém, de salientar que Machico, devido à proporção de alunos na escola, foi também o concelho onde se distribuíram mais inquéritos 107 no total. (ver Tabela n.º10)

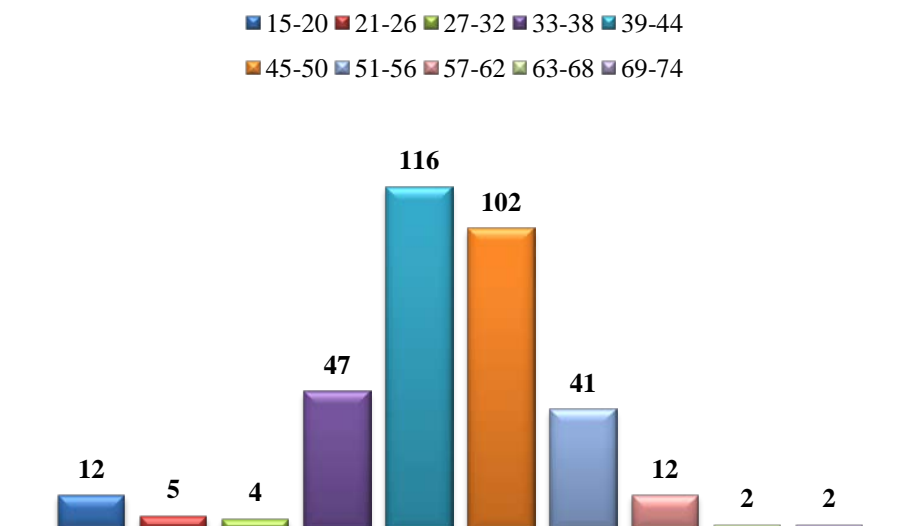
Para a caracterização dos inquiridos por sexo foi construído o seguinte gráfico.



**Gráfico 2: Distribuição dos Inquiridos por Sexo**

A nossa amostra é essencialmente constituída por Encarregados de Educação do sexo feminino, com 87,4%. Apenas 12,3% dos inquiridos são do sexo masculino. Houve um elemento que não respondeu a este item.

Durante muito tempo a educação das crianças e jovens era uma tarefa destinada às mulheres. Com as mudanças que se efectuaram nas sociedades esta função foi mudando de actores, sendo que nos dias que correm esta tarefa tanto cabe às mulheres como aos homens. No entanto, na nossa amostra, a educação e o contacto com a escola parece estar a cargo do sexo feminino.

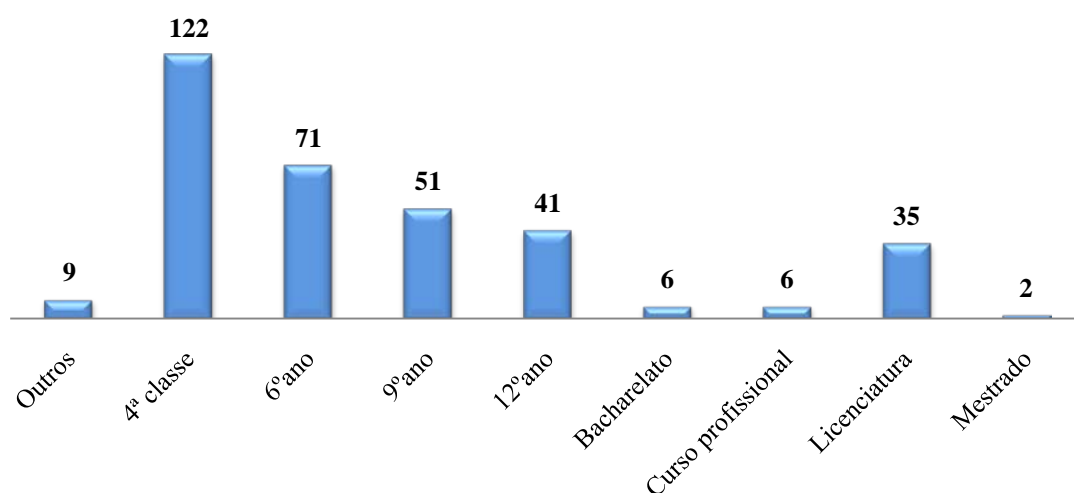


**Gráfico 3: Idade dos Inquiridos**

No gráfico anterior estão as idades dos nossos inquiridos. Como podemos notar a idade dos indivíduos distribuí-se dos 15 aos 72 anos. O grupo etário que mais se destaca é o que abrange os Encarregados de Educação com idades compreendidas entre os 39 e os 44 anos (33,1%). Seguidamente temos o grupo que tem idades entre os 45 e os 50 anos (29,1%). Os grupos com idades jovens ou já relativamente adiantadas são os que contam com menos elementos.

Salientamos que sete dos inquiridos não indicaram a sua idade, sendo que estes têm uma percentagem de 2% do total dos inquiridos.

De seguida apresentamos o gráfico que espelha as habilitações académicas da nossa amostra.



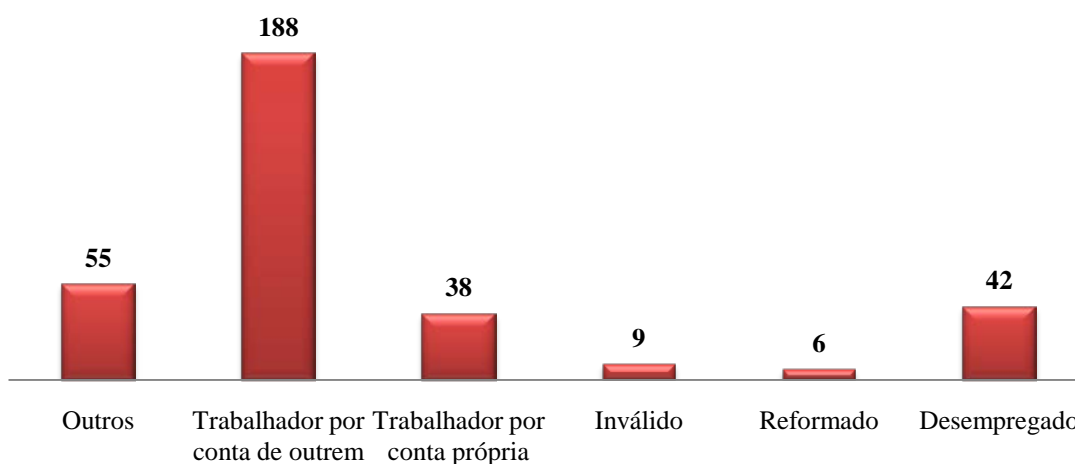
**Gráfico 4: Habilitações Académicas dos Inquiridos**

A maioria dos Encarregados de Educação (34,9%) tem apenas a 4.<sup>a</sup> classe. Nos tempos de hoje é objectivo do país aumentar a literacia da população. Contudo, observa-se que esse objectivo é apenas visível nos jovens. Os pais têm ainda um nível de educação relativamente baixo. Apesar deste facto, também é de notar que temos 37 inquiridos com habilitações superiores (35 licenciados e 2 mestrados).

A categoria Outros foi criada para que os inquiridos escrevessem as suas habilitações caso estas não estivessem entre as opções dadas. Entre as respostas dadas temos pessoas que estão inscritas na Universidade, pessoas a fazer cursos das Novas Oportunidades, outros que tinham a 2.<sup>a</sup> classe e temos ainda quem tenha focado o facto de não ter qualquer tipo de educação escolar.

Neste item tivemos sete não respostas, isto é, sete inquiridos não responderam a esta pergunta.

O próximo item de caracterização é a situação profissional dos respondentes



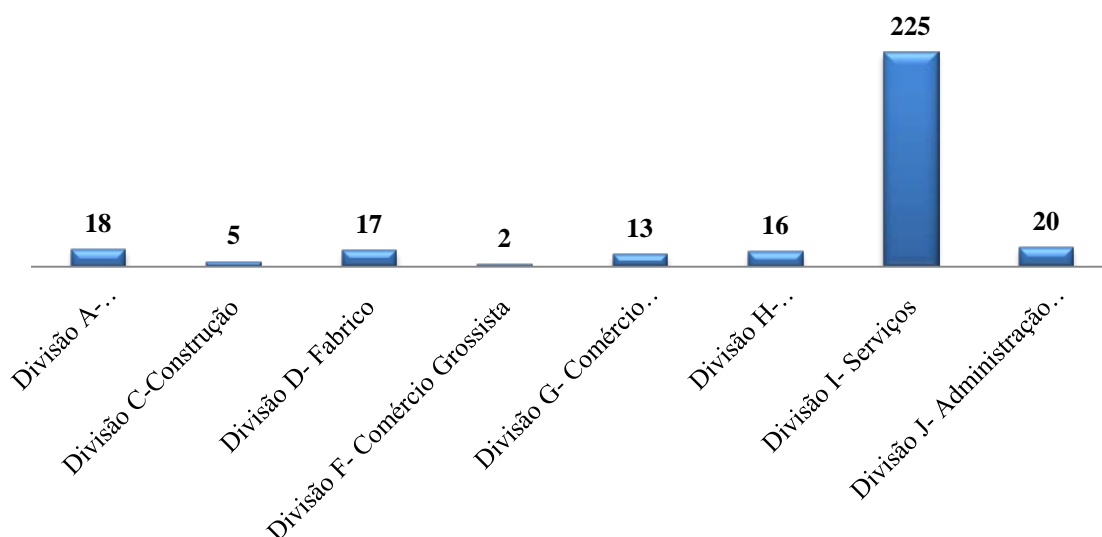
**Gráfico 5: Situação Profissional dos Inquiridos**

No que toca à situação profissional dos inquiridos, podemos verificar que 188 (53,7%) dos inquiridos está empregado e trabalha por conta de outrem. É de salientar que existem mais desempregados (12%) do que trabalhadores por conta própria (10,9%). A categoria Outros, conta também com algumas respostas (15,7%). Na sua maioria provêm de inquiridos que têm profissões realizadas em casa ou estudantes que são seus Encarregados de Educação.

Nem todos os inquiridos responderam a esta questão. Assim sendo, 12 deles não responderam, o que corresponde a 3,4% das respostas.

O próximo gráfico é respeitante às profissões dos nossos inquiridos. Optámos por organizá-las segundo a divisão, realizada pela ONU, proposta pela *Standard Industrial Classification*. Esta classificação distribui as actividades económicas em dez grupos sendo eles: **A-** agricultura, silvicultura e pesca; **B-** minério; **C-** construção; **D-** fabrico e manufactura; **E-** transporte, comunicações, electricidade, gás e serviços sanitários; **F-** comércio grossista; **G-** comércio retalhista; **H-** finanças, seguros e imóveis; **I-** serviços; **J-** administração pública. Dentro destes dez grupos as actividades subdividem-se em outras categorias, mas por ser uma lista muito extensa, utilizamos apenas a classificação geral. A lista completa pode ser acedida através de [http://www.osha.gov/pls/imis/sic\\_manual.html](http://www.osha.gov/pls/imis/sic_manual.html).

Através desta divisão construiu-se o seguinte gráfico de barras.



**Gráfico 6: Categorias profissionais dos Encarregados de Educação**

A maior parte dos Encarregados de Educação que fazem parte da nossa amostra desempenham actividades ligadas ao sector dos serviços. Nesta podemos encontrar profissões como professores, cabeleireiros, empregadas domésticas, de limpeza, entre outras. Esta categoria integra todas as actividades que impliquem proporcionar um serviço a terceiros. Podemos desta forma equipará-la ao sector terciário da divisão de actividades em três sectores.

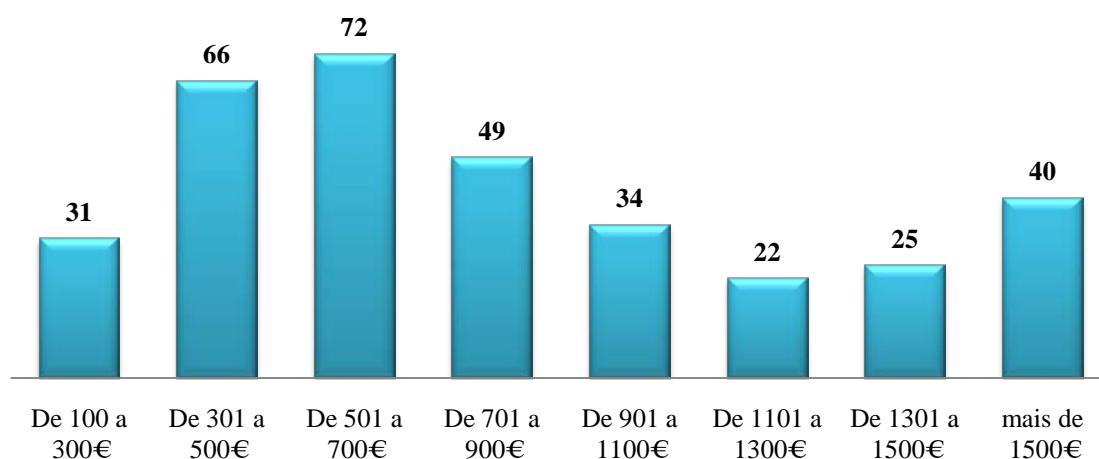
A categoria que se segue a esta é a décima categoria destinada à Administração Pública. Aqui foram incluídos todos aqueles que realizam actividades profissionais relacionadas com a segurança pública, empregos do Estado, militares. Aqui encontram-se também as actividades que não encontram classificação nas nove categorias anteriores.

Os seguintes sectores com mais destaque são a agricultura e pescas (18), fabrico e manufactura (17), finanças, seguros e imóveis (16) e por fim o comércio retalhista (13).

As categorias que têm menor expressão são o comércio grossista (2) e a construção (5).

A esta pergunta 21 inquiridos não deram qualquer resposta. Acrescentamos ainda que na classificação anterior não estão incluídos os desempregados, inválidos e reformados.

O gráfico seguinte é a apresentação dos dados da última questão para a caracterização da amostra. Este trata dos rendimentos mensais aproximados. Optámos por colocar a palavra “aproximados” para que os inquiridos não se sentissem melindrados com a questão



**Gráfico 7: Rendimentos mensais aproximados da família**

Pelo gráfico podemos notar que os Encarregados de Educação do nosso estudo auferem, na maioria, entre 501 e 700 Euros. O patamar seguinte é o de 301 a 500 Euros, seguindo-se o escalão dos 701 a 900 Euros. Salientamos ainda o último patamar de Mais de 1500 € que conta com uma frequência de 40 respostas. A zona com menos número de respostas é a de 1101 a 1300 Euros.

Este padrão parece-nos coincidir com as profissões e habilitações dos nossos inquiridos (relembramos que a maioria tem apenas a 4ª classe). No que toca a profissões, e apesar da divisão utilizada não o deixar explícito, existem várias Empregadas Domésticas, Empregadas de Limpeza e Agricultores. Para contrastar temos alguns Professores, Enfermeiros e Educadores de Infância.

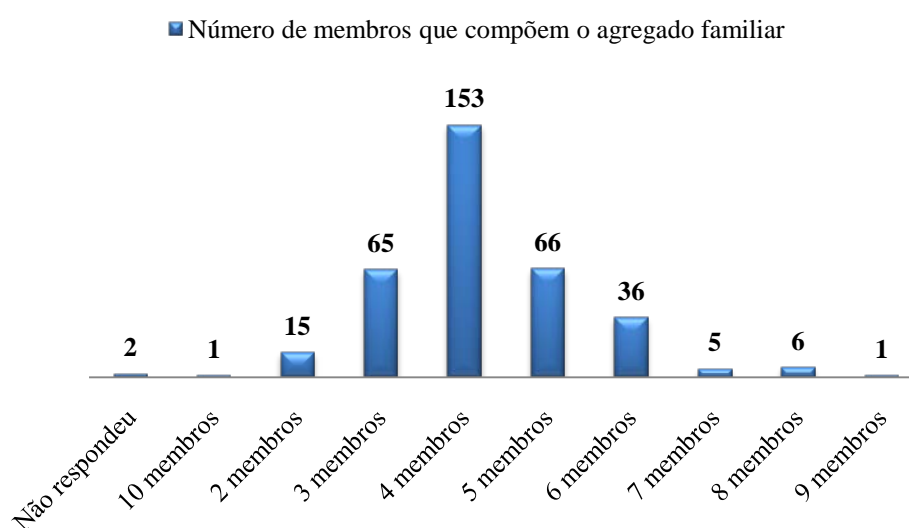


Em jeito de resumo, podemos então caracterizar a nossa amostra como sendo a grande maioria do sexo feminino com idades compreendidas entre os 39-44 anos. Tem a 4ª classe, trabalha por conta de outrem e a actividade que desempenha está ligada com o fornecimento de serviços sejam eles de saúde, educação, limpeza ou outros e auferem entre 501 e 700 Euros.

## **1.2. Caracterização da Família**

A caracterização da família será realizada com base no número de membros que formam o agregado familiar, no número de elementos que se encontram a estudar. Seleccionámos estas variáveis a fim de averiguar se estas têm alguma influência nas respostas, isto é, a fim de observar se as famílias com mais membros a estudar se dão maior importância à participação e colaboração com a escola e se a põem em prática.

Assim sendo, e nesta linha de organização apresentamos o gráfico de onde constam os números de membros do agregado familiar.

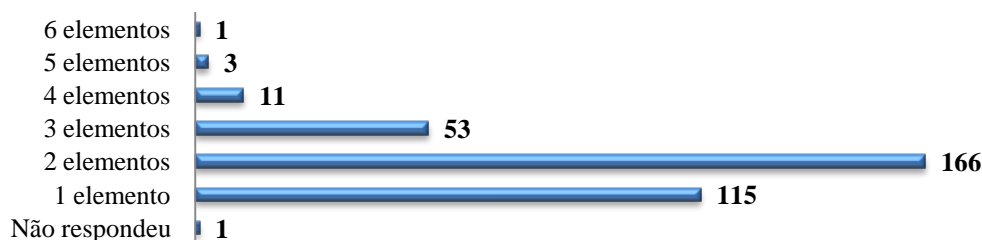


**Gráfico 8: Número de membros que compõem o agregado familiar**

Observa-se que a distribuição do número de membros que formam o agregado familiar vai desde dois membros até dez membros, havendo assim várias organizações do agregado.

No caso da nossa amostra, o género de agregado mais comum é o formado por quatro membros com 153 respostas (43,7%). Contudo não podemos concluir que esta organização do agregado seja formada pelos pais e dois filhos. As organizações que mais se destacam, depois das famílias com quatro membros, são as famílias com três membros (18,6%) e as famílias com cinco membros (18,9%).

Tivemos a curiosidade de saber destas famílias quantos eram os elementos a estudar e colocamos essa questão no questionário. O resultado dessas respostas está representado no gráfico.



**Gráfico 9: Número de elementos que se encontram a estudar**

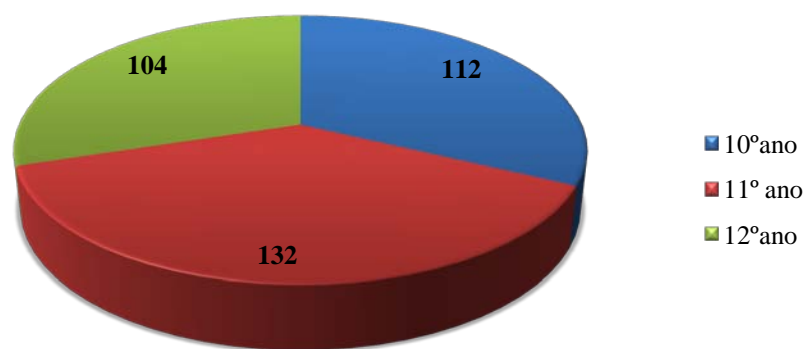
O gráfico anterior mostra-nos que, nos agregados familiares dos nossos inquiridos, o mais comum é existirem dois elementos a estudar com uma frequência de 166 respostas que corresponde 47,4% do total das respostas. Apesar de não termos conseguido ilustrar, a relação mais comum entre estes dois gráficos é a das famílias com um agregado de quatro membros dois deles são estudantes. Contudo, existe, pelo menos, um caso em que os quatro elementos da família estão todos a estudar.

Depois desta, a configuração que reúne maior número de respostas é a de famílias com apenas um elemento a estudar com 115 respostas (32,9%).

As famílias com três elementos a estudar têm também se expressam aqui como a terceira configuração com mais respostas, 53 no total.

Apesar da nossa curiosidade, podemos desde já adiantar que o número de elementos do agregado familiar bem como o número de elementos a estudar em nada influencia as respostas aos itens seguintes.

A última questão da caracterização da família estava relacionada com o ano em que o educando, que estuda no ensino secundário, se encontra. A distribuição destes é a seguinte.

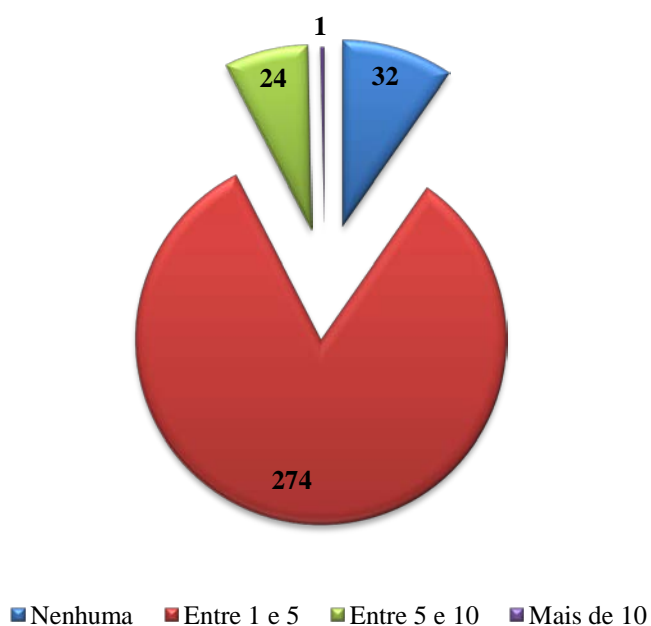


**Gráfico 10: Distribuição dos educandos por ano em que estudam**

Os educandos distribuem-se de uma forma quase igual pelos três anos do ensino secundário. Desta forma podemos ver se o facto de o educando estar no 10.º, 11.º ou 12.º influencia a forma de estar, dos Encarregados de Educação, perante a escola.

### **1.3. Contacto com a Escola**

Terminada a caracterização da família, iremos explorar a relação com a escola através dos contactos estabelecidos com os diversos órgãos, mas iremos dar primazia aos contactos com o Director de Turma.

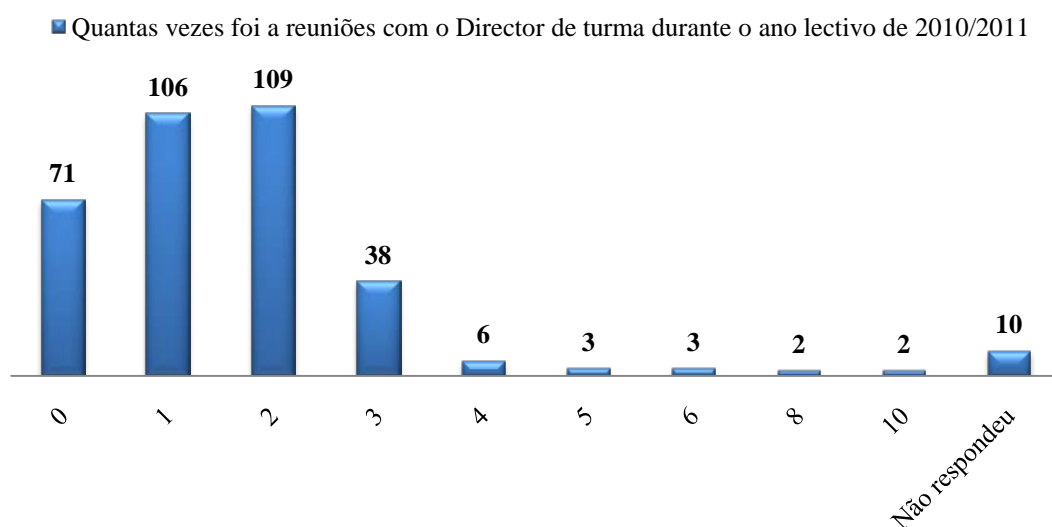


**Gráfico 11: Número de vezes que se dirigiu à escola no ano lectivo 10/11**

No que diz respeito ao número de vezes em que o encarregado de educação se dirigiu à escola, podemos referir que a maioria (78,3%) se deslocou no mínimo uma vez e no máximo cinco vezes durante o ano lectivo 2010/2011. Existem 32 encarregados que educação que, até à data do preenchimento do questionário, ainda não se tinham deslocado à escola durante o ano lectivo referido. Temos ainda 24 Encarregados de Educação que se dirigiram à escola entre cinco e dez vezes, e ainda um último caso que refere ter ido mais de dez vezes.

Salientamos que obtivemos respostas como “todos os dias” e “sempre”. Como não foi possível traduzir tais respostas em dados numéricos, as mesmas não foram contabilizadas como não respostas. Desta forma acrescentamos que o número de não respostas é 19. Esta soma faz-se dos casos acima referidos bem como daqueles que realmente não deram resposta a este item.

Procurámos saber também a quantas reuniões tinham assistido no ano lectivo 2010/2011. Das respostas obtidas construímos o gráfico seguinte.



**Gráfico 12: Número de reuniões às quais assistiram no ano lectivo 10/11**

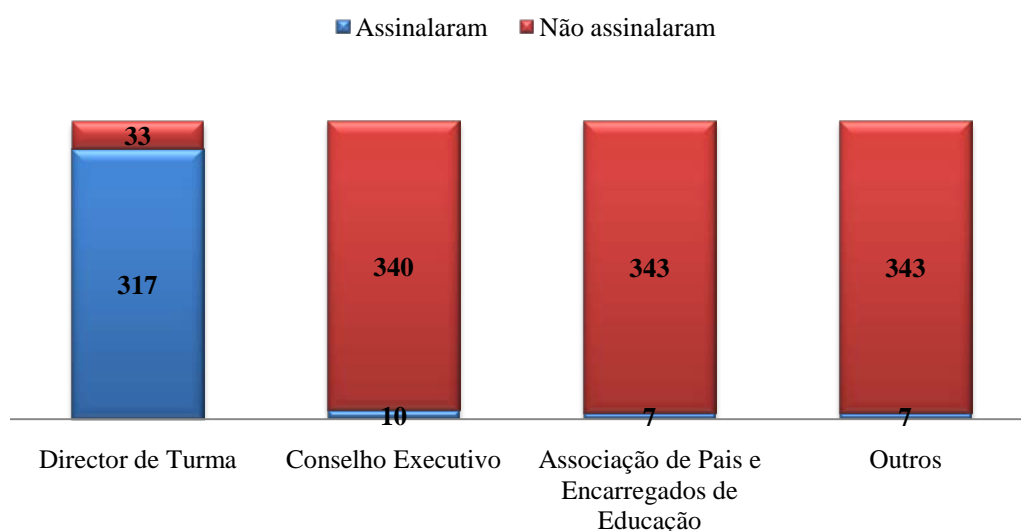
As respostas dos inquiridos variam principalmente entre uma (30,3%) e duas vezes (31,1%). Admitimos a hipótese de estas reuniões serem reuniões de entrega de avaliações, pois à data da entrega dos inquéritos, o segundo período estava a terminar, contudo não o podemos afirmar com toda a certeza, pois não temos elementos que possam sustentar esta hipótese.

A percentagem de inquiridos que admitiu não ter assistido a nenhuma reunião é de 20,3% o que corresponde a 71 respostas.

Como podemos observar existem inquiridos que revelam ter ido a dez reuniões com o Director de Turma. Acreditamos que este número elevado se prende com o facto de o inquirido poder se ter encontrado com o Director de Turma fora das reuniões destinadas a todos os Encarregados de Educação da turma, para discutirem apenas a sua situação.

Apesar de tudo, é de salientar que a maioria dos nossos Encarregados de Educação foi a pelo menos uma reunião no ano lectivo em estudo.

Quisemos também saber se o Director de Turma é o membro da escola com o qual os Encarregados de Educação contactam mais vezes, ou se se dirigem a outros órgãos na escola.

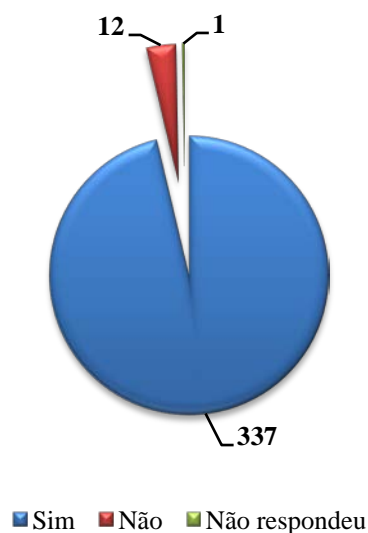


**Gráfico 13: Órgão com o qual contactam mais vezes na escola**

Pelo elevado número de respostas é evidente que o Director de Turma é sem dúvida o elemento mais procurado pelos Encarregados de Educação, com 90,6% das respostas, o que faz deste um elo privilegiado nas relações escola-família.

Na categoria *Outros* temos respostas como “Acção Social, Papelaria e Reprografia”; “Professores” e “Colegas de trabalho”.

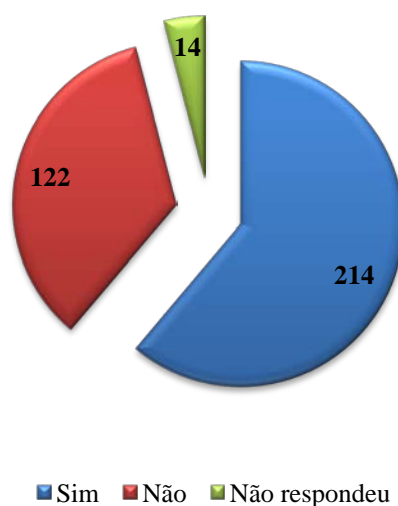
As perguntas seguintes estão relacionadas com o contacto específico com o Director Turma.



**Gráfico 14: Tem conhecimento do horário de atendimento do Director de Turma**

Das respostas obtidas apurou-se que 96,3% dos inquiridos têm conhecimento do horário de atendimento, sendo que 3,4% não conhecem este horário. Ainda assim tivemos uma não resposta.

Uma vez que conhecer o horário não é o mesmo que utilizar este horário, colocamos essa questão.

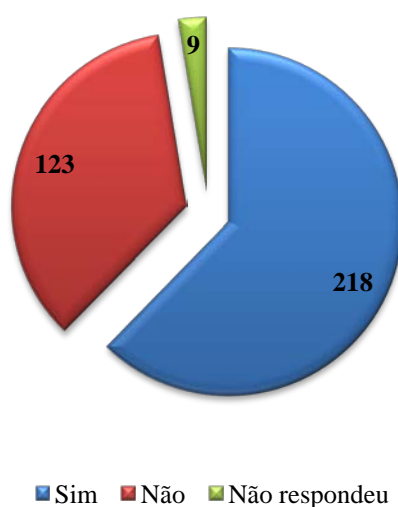


**Gráfico 15: Costuma utilizar o horário disponibilizado pelo Director de Turma**

O número de pessoas que costuma utilizar este horário é já bem menor do que aqueles que têm conhecimento deste.

Assim sendo, 61,1% dos inquiridos tem por hábito utilizar este horário, 34,9% dos inquiridos refere que não costuma utilizá-lo, e 4% dos inquiridos não deram qualquer tipo de resposta.

Com a questão seguinte procurámos saber se o horário de atendimento está adequado aos Encarregados de Educação.



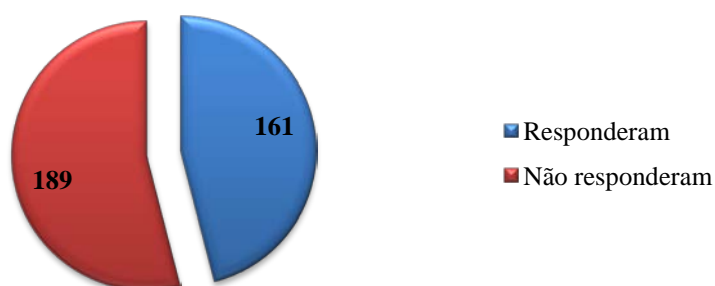
**Gráfico 16: O horário de atendimento está adequado**

À questão colocada sobre a conveniência do horário de atendimento, 62,3% referem que sim que este horário está adequado à sua disponibilidade. Por outro lado 35,1% destes apontam que o horário não está adequado à sua disponibilidade, e 2,6% não responderam à questão.

Notou-se que o número de Encarregados de Educação que afirma utilizar o horário próprio para o seu atendimento, é menor do que o número de Encarregados de Educação que refere a adequação entre o seu horário disponível e o horário disponibilizado pelo Director de Turma.

Para os casos em que o horário não estava adequado colocámos a seguinte questão: *Se respondeu NÃO, considera que se o horário de atendimento fosse mais favorável isso o faria participar mais vezes?*.

Nas situações que responderam afirmativamente à questão em causa, a distribuição das respostas está ilustrada no gráfico seguinte.



**Gráfico 17: Se o horário fosse mais favorável participava mais vezes**

Das respostas dadas salientamos as seguintes:

O horário de atendimento encontra-se no meu horário de trabalho por isso não posso comparecer. Se o horário fosse mais favorável participaria para saber mais acerca dos meus educandos. (EE n.º220, Feminino, 40 anos, 6º ano de escolaridade).

É evidente que o horário de atendimento não pode ser favorável a todos os Encarregados de Educação, uma vez que os horários laborais destes são variados. No meu caso, em particular, não é compatível, mas consigo todas as informações que necessito por via telefónica. (EE n.º116, Feminino, 34 anos, Curso profissional).

Porque poderia ir à escola mais vezes falar com o Director de Turma, para me inteirar da situação do meu educando no que respeita a aproveitamento e comportamento. (EE n.º90, Feminino, 45 anos, Licenciatura).

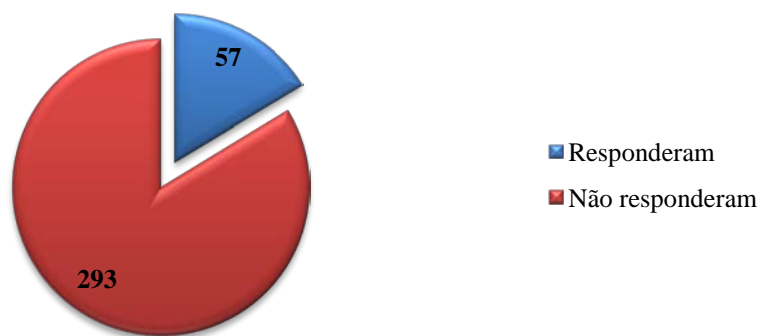
O número de Encarregados de Educação que refere que iria mais vezes à escola se o horário de atendimento fosse mais favorável tem alguma relevância pois representa 46% do total.

Quando não podem comparecer pessoalmente, optam por contactar telefonicamente, combinar uma outra hora de atendimento fora o horário estipulado ou até enviar uma outra pessoa no seu lugar.

Habitualmente, e de acordo com as respostas dadas, estes encontros são utilizados, sobretudo, para os Encarregados de Educação se informarem sobre o desempenho escolar e comportamento dos seus educandos.

Por outro lado, 16,3% dos inquiridos referem que mesmo que o horário fosse mais favorável isso não os faria participar mais vezes. Os sujeitos que optaram por esta resposta fizeram-no por ter o dia cheio, outros porque estabelecem este contacto de outras formas. Uma outra razão para não irem à escola é o facto de os educandos não darem problemas nem a nível de comportamento nem de desempenho.





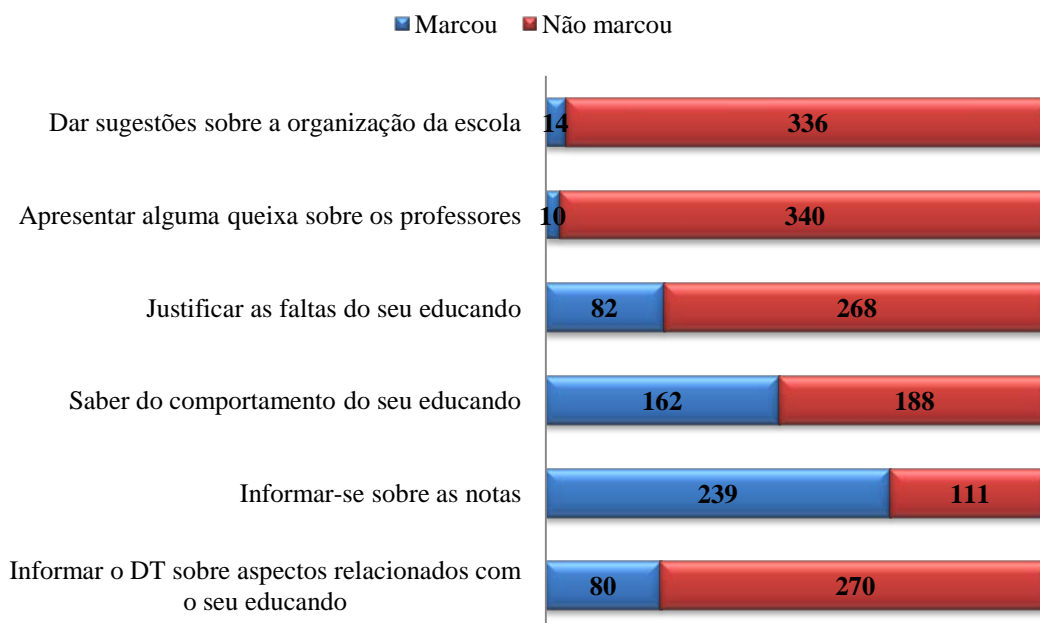
**Gráfico 18: Um horário favorável não o faria participar mais**

Seleccionamos as seguintes respostas como representantes das principais ideias exprimidas pelos inquiridos neste item.

Não é necessário mais contactos porque o educando não causa problemas e em caso urgente a directora de turma entra em contacto. (EE n.º101, Feminino, 53 anos, 12ºano).

Não, porque apesar do horário de atendimento não estar adequado à minha disponibilidade, encontramos (eu e a DT), em concordância uma ou outra hora em que isso seja possível. Estabelecemos também, no horário disponibilizado, uma ou duas vezes, contacto telefónico. (EE n.º212, Feminino, 42 anos, 12º ano).

Não. Porque o meu educando tem boas notas e é bem comportado. (EE n.º170, Feminino, 49 anos, Licenciatura).



**Gráfico 19: Motivo dos contactos por Iniciativa Própria**

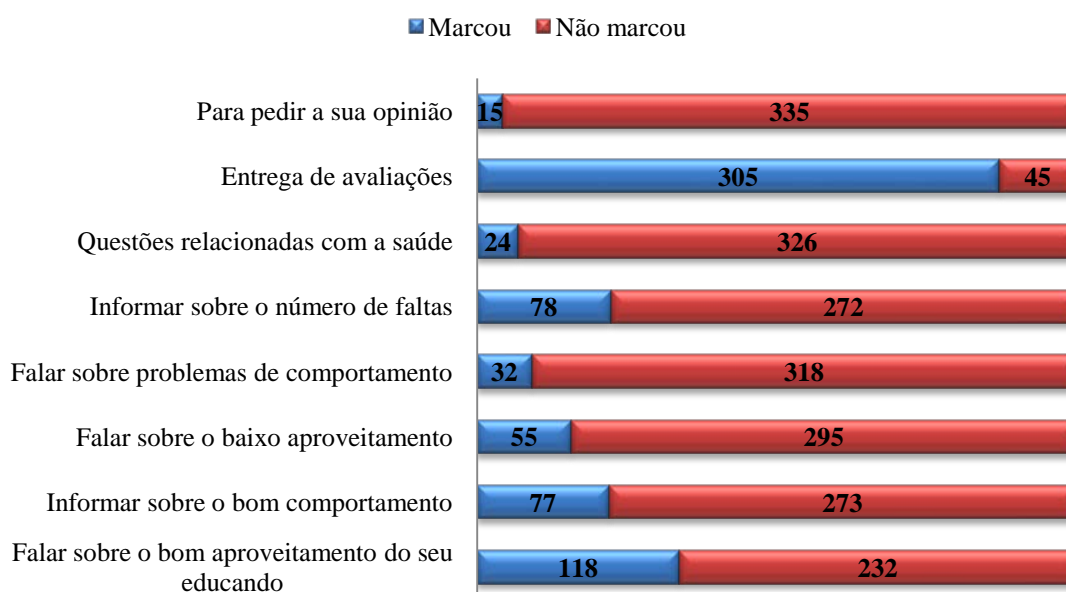
Os contactos com o Director de Turma acontecem de duas maneiras, por iniciativa dos Encarregados de Educação ou por convocatória do Director de Turma.

No gráfico 19 estão representadas as alternativas que colocamos no questionário para que os Encarregados de Educação escolhessem aquelas que mais se adequam às suas razões para contactar o Director de Turma por iniciativa própria.

Como se observa, a razão que leva mais Encarregados de Educação à escola é a obtenção de informação sobre o desempenho escolar do educando, ou seja, informar-se sobre as notas. A motivação seguinte é a informação sobre o comportamento e ainda a justificação das faltas.

Estas razões coadunam-se com o que os Encarregados de Educação já haviam focado na pergunta anterior.

Quando o contacto se realiza mediante convocatória, as razões não diferem muito das anteriores.



**Gráfico 20: Motivo dos contactos por Convocatória**

Pelos dados recolhidos podemos afirmar que o director convoca os Encarregados de Educação para entrega de avaliações, falar sobre o aproveitamento do aluno, sobre o comportamento e ainda para informar os Encarregados de Educação sobre o número de faltas do educando.

Em ambas as questões demos oportunidade aos Encarregados de Educação de responderem de outra forma que não tivesse sido contemplada nas possibilidades dadas. Desta forma obtivemos respostas como:

Não contacto o Director de Turma por iniciativa própria. (EE nº251, Feminino, 40 anos, 6º ano).

Sempre que fui às reuniões de pais, o que lhes propus nunca foi atendido. (EE nº104, Feminino, 54 anos, 4ª classe).

A última questão deste bloco do questionário tem como objectivo realizar uma avaliação dos contactos com o Director de Turma.

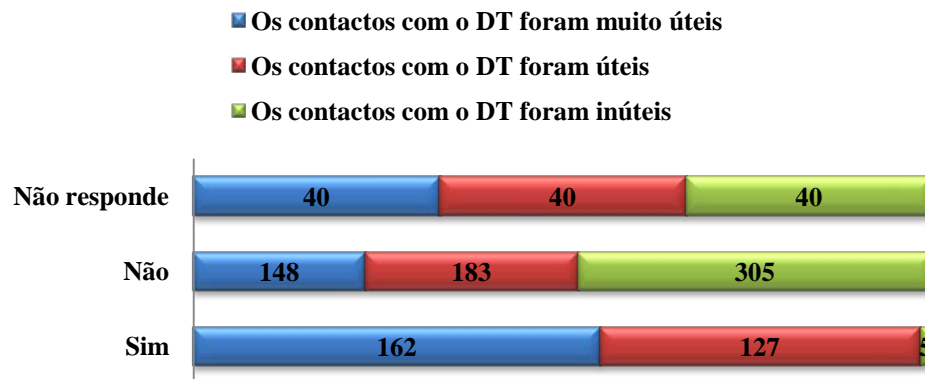


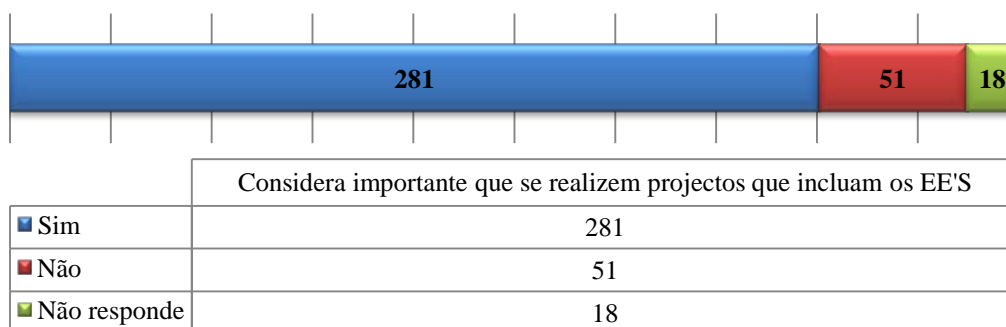
Gráfico 21: Avaliação dos contactos com o Director de Turma

Em geral a avaliação que os Encarregados de Educação fazem dos contactos com o Director de Turma é positiva, pois 46,3% afirma terem sido muito úteis, 36,3% referem que os contactos foram úteis e apenas 1,4% dos inquiridos diz que os contactos foram inúteis. Para as três hipóteses a taxa de não resposta foi de 11,4%.

Resumindo, os contactos com o Director de Turma, quer despoletados pela iniciativa dos Encarregados de Educação ou de uma convocatória, têm basicamente as mesmas razões: desempenho escolar, comportamento e justificação ou informação do número de faltas.

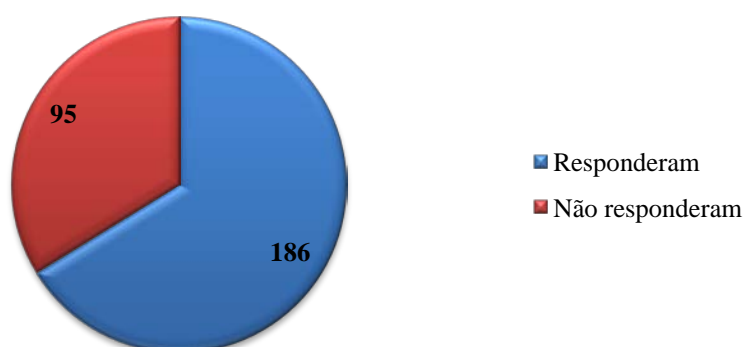
#### ***1.4. Participação na Escola***

A primeira questão deste bloco pretende aferir a importância que os pais e Encarregados de Educação atribuem às actividades que se desenvolvem na escola, e que os têm como público-alvo.



**Gráfico 22: Considera importante que se realizem projectos e actividades que incluam os Encarregados de Educação**

Mais de metade dos Encarregados de Educação inquiridos (80,3%) considera importante a realização de projectos e actividades que incluam os Encarregados de Educação e a comunidade. Desta pergunta fez parte um espaço onde os Encarregados de Educação tinham a oportunidade de justificar a sua escolha. Contudo, este espaço não foi utilizado por todos os inquiridos.



**Gráfico 23: Se considera importante, justifique a sua opção**

Das respostas a favor destas actividades salientamos as seguintes:

Acho, que hoje em dia, cada vez mais é fundamental a participação dos Encarregados de Educação, por variadas razões, uma delas é a falta de tempo que os pais têm com os seus filhos e por outro lado a convivência dos pais no meio escolar, ajuda às relações sociais, à interacção com o meio envolvente melhora essas relações. (EE n.º116, Feminino, 34 anos, Curso Profissional).

Porque era um modo de ver como a escola funciona. (EE n.º29, Feminino, 44 anos, 4ª classe).

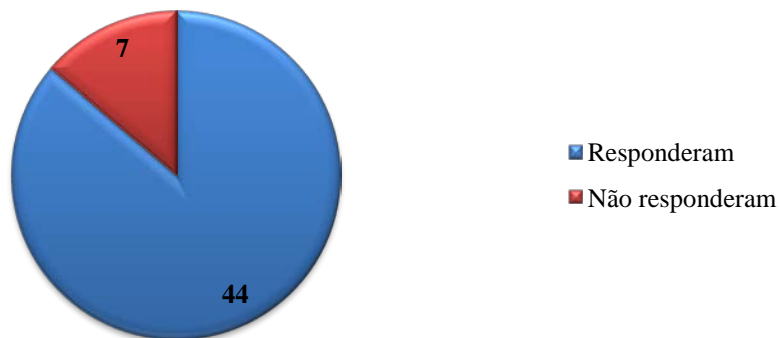
Porque os Encarregados de Educação são base/pilares de educação dos seus educandos, por isso é fundamental a participação activa na vida escolar do educando. (EE n.º314, Feminino, 49 anos, 4ª classe).

Os Encarregados de Educação são os primeiros elementos na educação dos seus educandos, logo tem toda a legitimidade estes serem chamados a participar/colaborar nos projectos e actividades da escola. Acho que isso não acontece. A escola não sabe aproveitar esses meios. (EE n.º335, Feminino, 42 anos, Licenciatura).

No geral, as justificações da importância destes projectos e actividades concentram-se em torno de vários pontos em comum:

- Permitem conhecer melhor a escola e o seu funcionamento;
- Aumentam a possibilidade de controlar o que os educandos fazem na escola;
- Possibilitam um melhor acompanhamento do percurso escolar, contribuindo para a melhoria dos resultados escolares e da motivação;
- Promovem a participação de mais Encarregados de Educação;
- Incrementam as relações e interações que se estabelecem entre os Encarregados de Educação e toda a comunidade educativa;
- Melhorar a escola, torná-la num sítio mais agradável à presença de todos;
- A escola passa a reconhecer as famílias como um recurso valioso;
- Dá oportunidade de os pais obterem mais formação em determinadas áreas;

Existem também Encarregados de Educação que afirmam não ser importante a realização de tais actividades.



**Gráfico 24: Se não considera importante, justifique a sua opção**

A resposta mais utilizada para justificar esta opção é a falta de tempo e disponibilidade para participar. A falta de interesse em participar nestas actividades é também uma das justificações mais recorrentes.

Contudo também temos justificações como:

A intervenção dos encarregados só vem desvalorizar os professores. (EE n.º336, Masculino, 45 anos, 6º ano).

Porque os Encarregados de Educação têm o seu trabalho, a escola é apenas lugar dos alunos. (EE n.º63, Feminino, 38 anos, 6º ano).

A importância que os Encarregados de Educação parecem conferir à participação nas actividades pode ser um passo importante para que esta relação seja melhorada.

O gráfico seguinte apresenta a atitude dos Encarregados de Educação em relação a algumas afirmações sobre a relação entre a família e a escola.

Para avaliar estas atitudes, foi utilizada uma escala de resposta. A numeração foi atribuída da seguinte forma:

Concordo Plenamente	1
Concordo	2
Não Concordo nem Discordo	3
Discordo	4
Discordo Plenamente	5

	<b>Média das Respostas</b>	<b>Não respondeu</b>
A colaboração entre a escola e os pais/Encarregados de Educação é benéfico para o percurso escolar dos alunos	1,81	3
Os Encarregados de Educação interessam-se pela vida escolar dos seus educandos	1,99	5
A escola deve se abrir mais aos Encarregados de Educação	2,17	4
Os Encarregados de Educação raramente são chamados para ouvir coisas positivas sobre o seu educando	2,75	8
Os Encarregados de Educação quando vão à escola é quase sempre para falar de problemas com os seus educandos	2,81	10
Não é tradição os Encarregados de Educação participarem activamente na escola	2,85	12
Os Encarregados de Educação desconhecem os seus direitos e deveres em relação à sua participação na escola	2,87	8
Os Encarregados de Educação não se sentem à vontade na escola	3,52	9
Os Directores de Turma não estimulam os Encarregados de Educação a participar	3,65	10
Os Encarregados de Educação não se interessam pela vida escolar dos seus educandos	3,78	10
Não vale a pena ir à escola, pois apenas a opinião dos professores é que conta	3,85	6

O que se passa na escola é da exclusiva responsabilidade dos professores	4,07	8
--	------	---

**Tabela 12: Grau de concordância com as afirmações feitas**

As médias de resposta que se encontram no intervalo de 1 a 2,99 significam que os inquiridos concordam em absoluto ou concordam com a afirmação realizada. As médias que se situam no 3, são aquelas cujos inquiridos não concordam nem discordam da afirmação. As médias que se situam entre 4 e 5, dão conta das discordâncias dos inquiridos.

Deste modo podemos ver que a afirmação que reúne um maior número de concordantes é *A colaboração entre a escola e os pais/Encarregados de Educação é benéfico para o percurso escolar dos alunos*. A afirmação com maior número de discordantes é *O que se passa na escola é da exclusiva responsabilidade dos professores*.

A tabela demonstra que as afirmações que reúnem maior consenso entre os Encarregados de Educação estão relacionadas com o seu interesse na educação, a maior abertura da escola, o facto de o director só lhes comunicar más notícias, a falta de tradição participativa e ainda o desconhecimento dos seus direitos enquanto Encarregados de Educação.

Tendo em conta as médias das respostas, apenas numa questão os encarregados foram veementes na sua discordância. As restantes afirmações representam uma atitude um pouco indecisa, pois nem concordam nem discordam. Estas estão ligadas com o pouco à vontade dos Encarregados de Educação, a falta de estímulo por parte do Director de Turma, a falta de interesse pela educação e ainda o descrédito em participar e/ou se dirigir à escola.

A tabela seguinte traduz as respostas dos inquiridos quanto às áreas onde consideram ser importante a participação dos Encarregados de Educação.

Foi utilizada a seguinte escala de resposta.

Nada Importante	1
Pouco Importante	2
Indeciso	3
Importante	4
Muito Importante	5

	<b>Média das respostas</b>	<b>Não respondeu</b>
Actividades de decoração da escola	2,61	9
Avaliação dos funcionários	2,75	10
Colaborar em actividades na sala de aula	2,91	10
Definição do Calendário escolar	3,22	11
Definição do que se deve ensinar na escola	3,24	11
Formação das turmas	3,27	11
Organização de actividades na escola	3,28	11
Angariação de fundos para actividades na escola	3,47	7
Avaliação dos professores	3,49	7
Definição dos horários escolares	3,60	10
Definição das penas disciplinares a aplicar aos alunos	3,76	8
Criação de novos cursos na escola	3,92	7
Avaliação dos alunos	4,01	4
Escolha da escola que desejam	4,02	12
Ajuda aos filhos na elaboração dos trabalhos de casa	4,22	6
Ajudar os filhos a organizarem melhor o seu tempo	4,53	6
Incentivar os filhos a serem mais aplicados e a valorizar mais aquilo que se aprende na escola	4,55	7

**Tabela 13: Áreas em que consideram importante a sua participação**

Analisando os dados constantes na tabela anterior, podemos agrupar as respostas em três níveis. O primeiro que se situa na categoria Pouco Importante, o segundo na categoria Indeciso e por fim o terceiro nível Importante.

Notamos também que, tendo em conta as médias, não existe uma área em que não seja importante ou que seja muito importante participar e/ou intervir.

Posto isto, podemos então dizer que na categoria de Pouco Importante temos as áreas ligadas às, actividades decorativas, avaliação dos funcionários e ainda a colaboração nas actividades desenvolvidas na sala de aula.

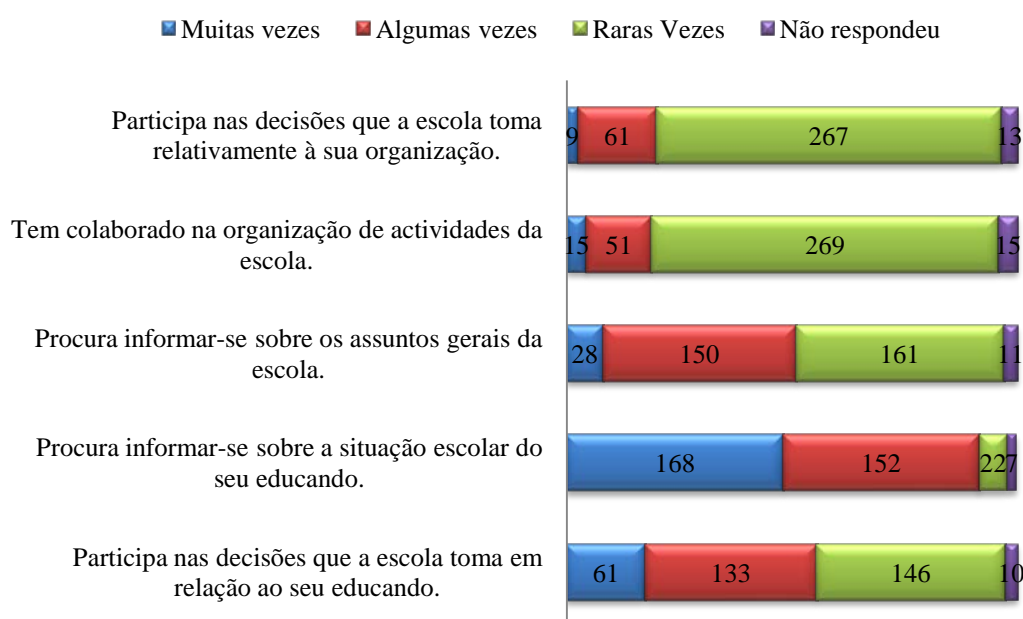
Os inquiridos manifestam indecisão quanto à sua participação nas áreas relacionadas com a elaboração do calendário do ano lectivo, determinação do que se deve ensinar na escola, estruturação das turmas, organização de actividades na escola, angariação de fundos, avaliação dos professores, definição dos horários e penas disciplinares e por fim a criação de novos cursos na escola.



As áreas em que os Encarregados de Educação consideram mais importante a sua participação estão voltadas para o seu educando. Estas áreas são a avaliação dos alunos, a escolha da escola, a ajuda nos trabalhos escolares, orientação, dos educandos, para uma melhor organização do tempo e ainda incentiva-los a serem mais aplicados e valorizar as aprendizagens escolares.

Foi colocada a hipótese de os Encarregados de Educação darem outra resposta além das estipuladas na tabela anterior. Este espaço foi utilizado por 15 dos 350 Encarregados de Educação da nossa amostra. As respostas focaram áreas como a organização e funcionamento da escola, saídas e passeios dos alunos, existência de Associação de Pais e Encarregados de Educação e ainda a participação nas acções de formação.

Com o gráfico seguinte procuramos perceber com que frequência os Encarregados de Educação participam na escola em diversas vertentes.



**Gráfico 25: Frequência destes acontecimentos na óptica dos Encarregados de Educação**

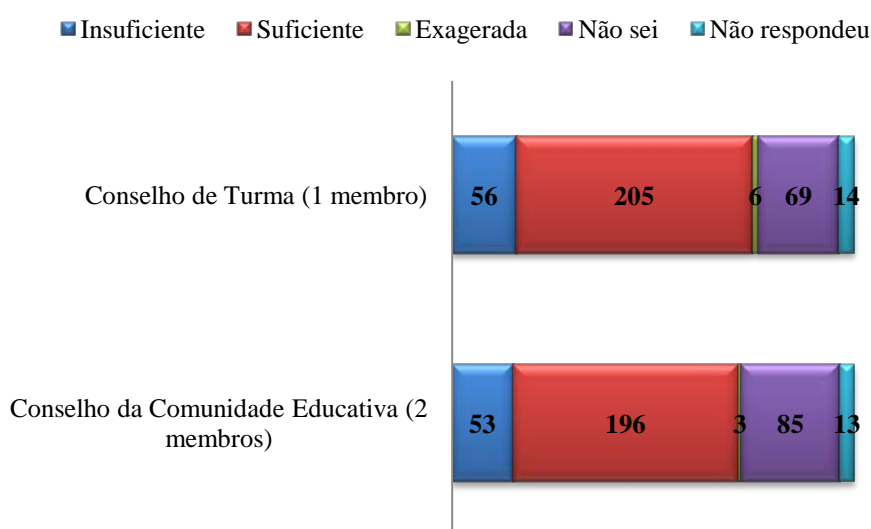
Segundo as respostas dadas, podemos aferir que a maioria destas acções acontece com muito pouca frequência. A opção que acontece mais vezes é a procura da escola para obter informações sobre a situação escolar do educando. Esta resposta vem, uma vez mais, reforçar a ideia de que os Encarregados de Educação procuram a escola, principalmente, para obter informação sobre o desempenho e comportamento do aluno.

Todas as acções que estão relacionadas com a participação nas tomadas de decisão, organização de actividades e informação sobre os assuntos gerais da escola, estão cotadas com uma frequência muito baixa.

O número de não resposta varia entre 7 e 15 dependendo da hipótese.

Uma vez que os Encarregados de Educação tem direito à participação, ainda que uma participação por meio de representantes, no Conselho da Comunidade Educativa e no Conselho de Turma, procurámos saber qual a opinião destes em relação ao número de representantes definidos por lei.

O gráfico seguinte apresenta a opinião dos encarregados relativamente a esta representação.

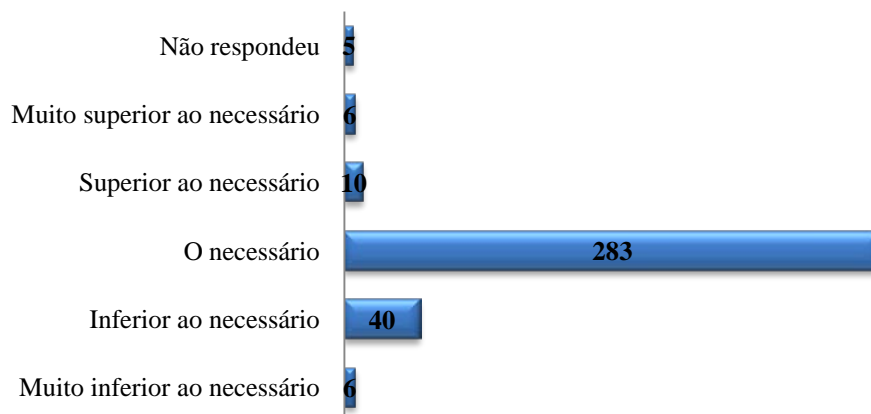


**Gráfico 26: Opinião sobre o número de representantes**

De acordo com a opinião geral, o número de representantes em ambos os órgãos é suficiente. Isto significa que os Encarregados de Educação concordam que o número estipulado é o que basta para que as suas opiniões sejam defendidas.

O número de inquiridos que não sabe o que responder é superior ao número de pessoas que o considera insuficiente. Este facto pode ser revelador do desconhecimento dos Encarregados de Educação no que toca a esta matéria. Por outro lado, aqueles que optaram pela resposta “Não sei” podem querer dizer que este número pode ser suficiente em algumas situações mas insuficiente em outras.

Depois de sabermos a opinião sobre o número de representantes, foi colocada uma questão que lhes permitia avaliar a sua participação na e com a escola no ano lectivo 10/11.

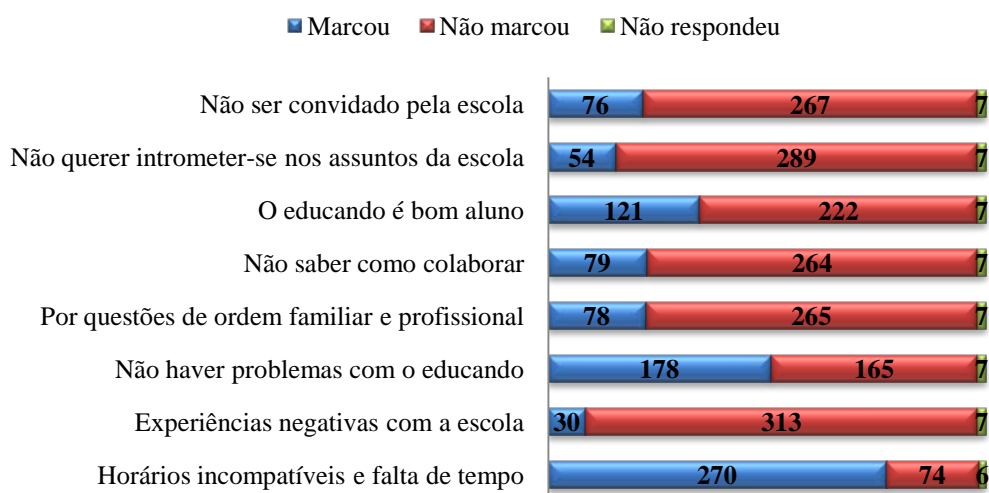


**Gráfico 27: Auto-avaliação do nível de participação**

A maioria dos Encarregados de Educação (80,9%) considera que participa o necessário. Não é possível saber que critérios utilizaram para se auto-avaliar neste ponto, contudo, e tendo em conta o que leva os pais e Encarregados de Educação a se dirigirem à escola, talvez possamos referir que o facto de se sentirem satisfeitos com as informações que obtêm possa conduzir a uma avaliação satisfatória da sua participação.

Cinco pessoas não responderam, seis consideram a sua participação muito inferior ao necessário, o mesmo número considera ter uma participação muito superior ao necessário. O número de inquiridos que se avalia abaixo do necessário é de 40, e 10 inquiridos consideram que têm uma participação superior ao necessário.

Os motivos que dificultam esta ligação são vários. Mas quisemos saber a opinião dos Encarregados de Educação.



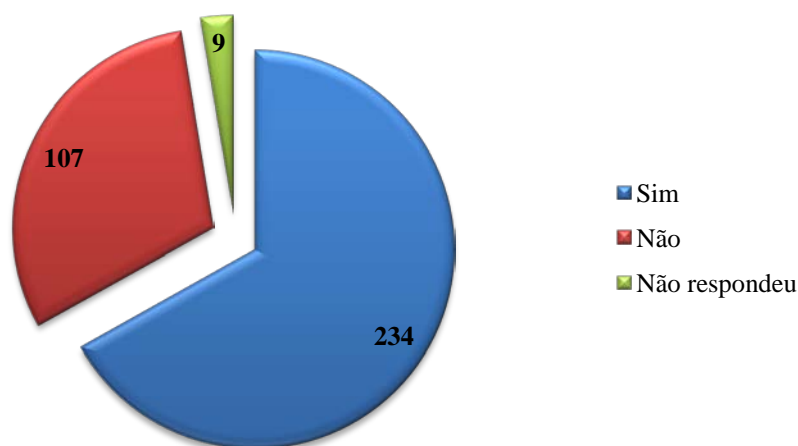
**Gráfico 28: Possíveis obstáculos à participação e colaboração**

De acordo com os Encarregados de Educação os três principais obstáculos são os horários incompatíveis e falta de tempo, o facto de não haver, qualquer tipo, problemas com o educando e ainda o educando ser bom aluno. A hipótese menos considerada é “Experiências negativas com a escola”.

Uma vez mais se confirma que os horários são o maior obstáculo para que se estabeleça uma relação sólida entre a escola e os Encarregados de Educação.

Houve ainda alguns encarregados que referiram outras razões. Estas foram a falta de transporte, a falta de interesse com o seu educando, a escola não saber cativar e a maneira de agir de alguns professores em relação aos Encarregados de Educação.

No que toca à Associação de Pais e Encarregados de Educação, apresentamos o seguinte gráfico.



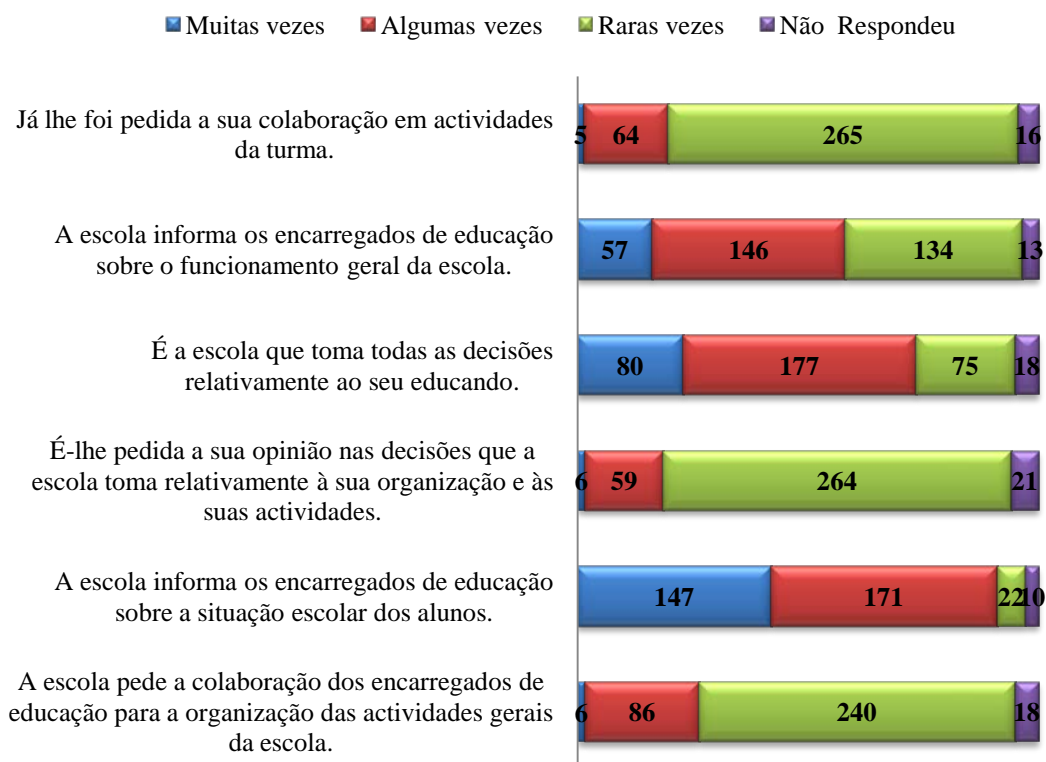
**Gráfico 29: Sabe se a escola tem Associação de Pais e Encarregados de Educação**

De acordo com as respostas obtidas verificamos que todas as escolas visadas no estudo têm Associação de Pais e Encarregados de Educação, pois 66,9% dos inquiridos responderam afirmativamente a esta questão. Do total, 30, 6% não sabe da existência desta associação. Tivemos 7 não respostas.

Apesar do conhecimento desta associação os encarregados não costumam recorrer a esta para reclamarem alguma situação. Os dois inquiridos que referem já ter recorrido, utilizaram a Associação de Pais e Encarregados de Educação para reclamar do transporte escolar. Assim sendo, existem duas hipóteses – os Encarregados de Educação não recorrem de todo, ou quando recorrem não o fazem para reclamar alguma situação que os perturbe.

### 1.5. Representações dos Encarregados de Educação

Neste último bloco da análise de dados, iremos tratar da imagem que os pais e Encarregados de Educação têm da escola, e do Director de Turma. Neste bloco foi também pedido aos inquiridos que deixassem as suas sugestões para que a relação entre a escola e os Encarregados de Educação fosse mais produtiva.



**Gráfico 30: Tendo em conta a escola do seu educando, com que frequência acontecem as seguintes acções**

A partir da avaliação dos inquiridos conclui-se que a acção que se manifesta com mais frequência é a partilha de informações sobre a situação escolar dos alunos. As que se verificam algumas vezes têm a ver com a tomada de decisões relativamente ao educando. A acção que se manifesta com menos frequência é a solicitação da opinião dos pais e Encarregados de Educação no que respeita à organização geral da escola e criação de actividades.

	Sim	Não	Não Sei	Não Respondeu
Estado atento/a aos problemas da turma.	293	6	41	10
Apoiado os alunos no seu dia-a-dia na escola e na resolução dos seus problemas.	261	20	55	14

Ajudado a controlar o comportamento dos alunos nas aulas e na escola.	254	21	60	15
Informado os EE sobre o aproveitamento, comportamento e a assiduidade dos seus educandos.	300	13	23	14
Comunicado, aos outros professores, as informações dadas pelos EE.	202	11	121	16
Comunicado, aos EE, as informações dadas pelos outros professores.	251	14	71	14
Utilizado uma linguagem fácil de compreender, nas reuniões, nos atendimentos e nas convocatórias.	297	8	28	17
Realizado reuniões com os EE.	244	43	42	20
Organizado convívios com os EE e com os alunos.	49	203	72	26
Pedido a colaboração dos EE para actividades realizadas na escola.	61	184	81	24
Fornecido indicações/sugestões aos EE, nas reuniões e nos atendimentos, sobre formas de apoiarem o estudo dos filhos em casa.	215	49	68	18
Pedido a colaboração de serviços da comunidade para apoiar a turma.	62	121	141	26
Mostrado disponibilidade para atender os EE, em horas convenientes para estes, fora do horário de atendimento.	228	39	64	19
Tido bom relacionamento com os EE.	289	7	37	17
Tido bom relacionamento com os alunos.	280	16	39	15
Contribuído para haver um bom ambiente na turma.	287	12	35	16
Pedido a colaboração dos EE para verificarem a assiduidade e a pontualidade dos alunos.	235	40	57	18

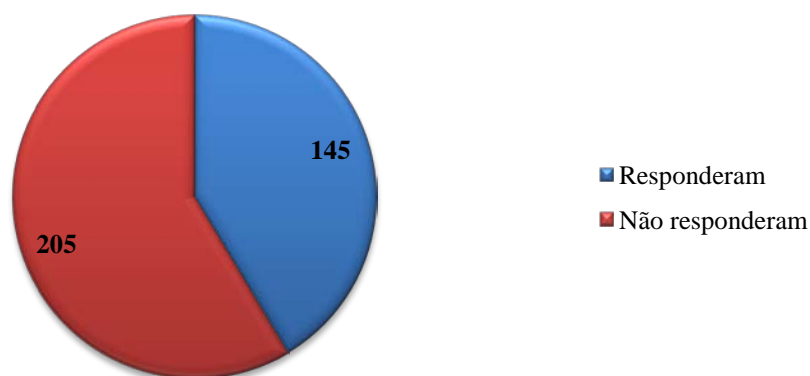
**Tabela 14: Pensando no Director de Turma do seu educando dirá que este tem realizado as seguintes acções**

Pelas respostas dadas, os Directores de Turma das turmas onde foram distribuídos os questionários têm tido em atenção os alunos e o seu comportamento e desempenho, tem utilizado uma linguagem fácil nas reuniões, tem sido uma ponte de ligação entre os Encarregados de Educação e todos os professores bem como tem fornecido aos Encarregados de Educação sugestões de ajuda aos seus educandos na realização dos trabalhos de casa.

Ainda assim os inquiridos referem que as acções como convívios com os alunos e Encarregados de Educação e a colaboração dos Encarregados de Educação nas actividades realizadas na escola são as que pouco acontecem.

O número de não respostas é um pouco elevado em algumas das hipóteses, mas poderá estar relacionado com a fraca ligação que existe entre a escola e os Encarregados de Educação, principalmente a relação que se estabelece através do Director de Turma.

Por fim, a última questão do questionário, como já referimos anteriormente, dava a oportunidade dos inquiridos deixarem as suas sugestões para melhorar a relação entre a escola e a família.



**Gráfico 31: Número de respostas à questão “Quais as suas sugestões para que a relação entre a escola e os Encarregados de Educação seja mais efectiva e maximizada?”**

Destas 145 respostas, algumas não acrescentam nada pois são respostas como “Nada a acrescentar”.

No geral, as respostas dadas deixaram sugestões como:

- Criação de sítios na Internet onde os Encarregados de Educação pudessem ter acesso, por exemplo, aos resumos das reuniões;
- Realização de mais reuniões com os Encarregados de Educação;
- Criação de *workshops* e formações de interesse para os Encarregados de Educação;
- Maior sensibilização dos Encarregados de Educação para a importância da sua participação na escola;
- Aumentar a comunicação entre a escola-família;
- Melhorar a divulgação das actividades;
- Reconhecer os Encarregados de Educação como recursos valiosos ouvindo mais as suas opiniões, e até aplicando-as;

→ A iniciativa deverá partir da escola.

Depois de um resumo das propostas dadas, iremos transcrever algumas das respostas.

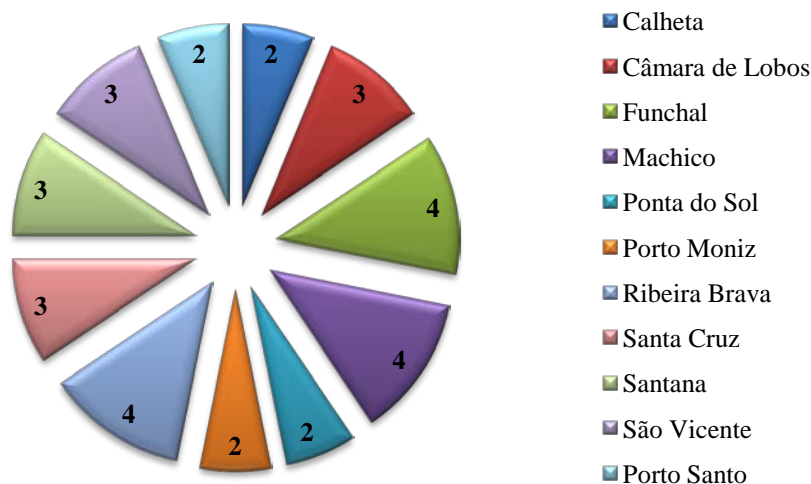
A escola deveria/poderia promover mais actividades que exigissem a participação dos Encarregados de Educação; poderia facultar algumas acções de formação para elucidar os Encarregados de Educação dos seus direitos e deveres de forma a terem uma participação mais activa na comunidade escolar. (EE n.º227, Feminino, 38 anos, Licenciatura).

Reuniões de pais e docentes, para que os Encarregados de Educação tenham melhor conhecimento do estabelecimento de ensino, das regras, problemas, actividades relacionadas com os seus educandos. Informações sobre a escola num *site* da mesma destinado exclusivamente aos Encarregados de Educação, devido a nem todos os Encarregados de Educação terem a disponibilidade de assistir às reuniões de pais, devido a motivos profissionais, ou ate mesmo de disponibilidade dos mesmos. (EE n.º320, Feminino, 37 anos, 6º ano).

## 2. Directores de Turma

### 2.1. Dados pessoais

O primeiro gráfico desta parte da análise de dados apresenta a distribuição, por concelho, dos directores de turma que fizeram parte do nosso estudo.



**Gráfico 32: Distribuição dos Directores de Turma por Concelho**

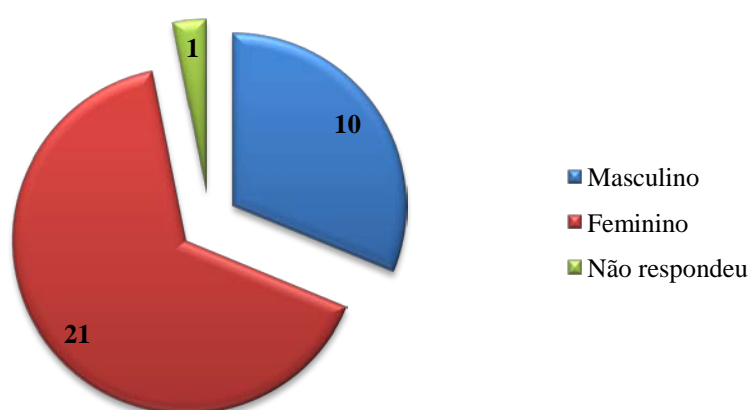
Os concelhos onde tivemos maior taxa de devolução dos questionários destinados aos directores de turma foram o Funchal, Machico e Ribeira Brava cada um com uma percentagem de **12,5%**. Os concelhos que se seguem são Câmara de Lobos, Santa Cruz, Santana e São Vicente cada um com **9,4%** do total de inquéritos. Em último



lugar, com menos inquéritos devolvidos temos a Calheta, Ponta do Sol, Porto Moniz e Porto Santo, sendo que cada um destes tem uma percentagem de **6,3%**.

Salientamos que o número de inquéritos, destinados aos directores de turma, distribuídos por cada uma das escolas foi calculado tendo em conta o número de alunos de cada um dos anos de ensino (10.º, 11.º e 12.º), assim o número não foi o mesmo para todas as escolas. (ver Tabela n.º11)

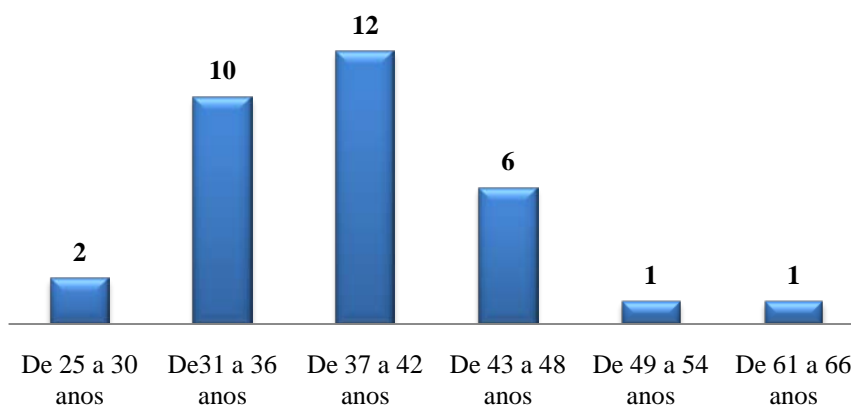
Seguidamente fazemos a caracterização por sexo.



**Gráfico 33: Sexo dos Directores de Turma**

Tal como o que se verificou na caracterização dos Encarregados de Educação, o sexo feminino está em maioria com 65,6% do total, e o sexo masculino está representado com uma percentagem de 31,3%. Houve um Director de Turma que não respondeu a esta questão.

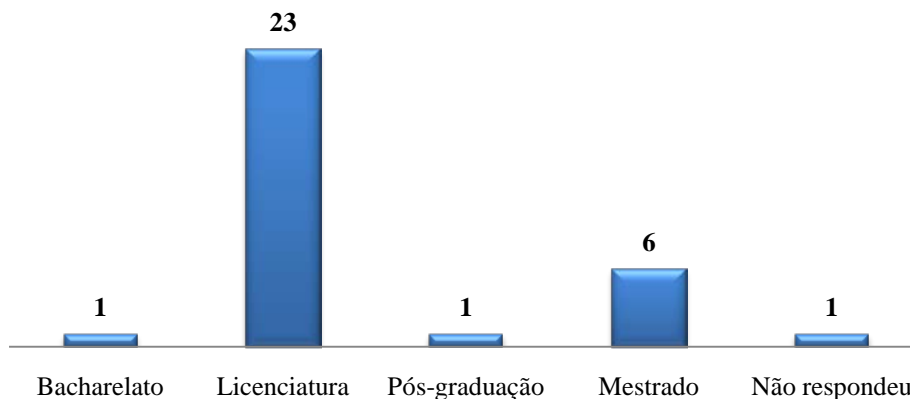
A idade dos inquiridos da nossa amostra de directores de turma distribui-se da seguinte forma



**Gráfico 34: Idades dos Directores de Turma**

Os grupos onde se inserem a maior parte dos directores de turma, são os grupos dos 31 a 36 anos com 31,3% e o dos 37 a 42 anos com uma percentagem de 37,5%.

O último ponto desta caracterização pessoal trata das habilitações de cada um dos inquiridos.



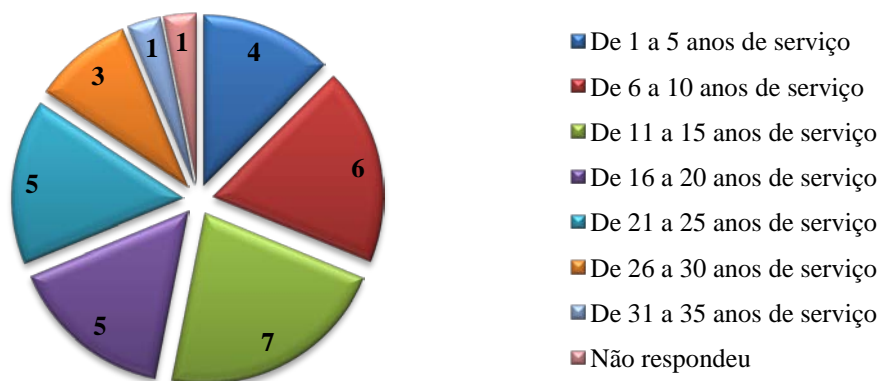
**Gráfico 35: Habilitações dos Directores de Turma**

Mais de metade (71,9%) dos directores de turma são licenciados. O nível que se segue é o de Mestrado com 18,8%. Temos uma pessoa com o grau de Bacharel e um com pós-graduação. Um elemento não respondeu.

## **2.2. Caracterização Sócio-Profissional**

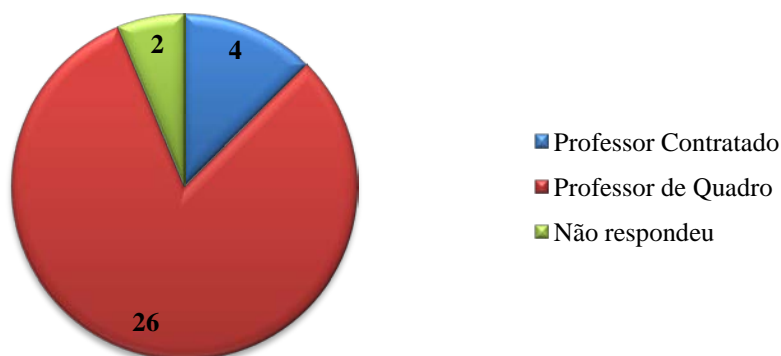
Neste ponto iremos caracterizar os directores de turma quanto ao número de anos ao que exercem funções docentes, situação profissional e número de vezes que já foi Director de Turma.

Nesta linha de organização, apresentamos o gráfico com o tempo de serviço docente.



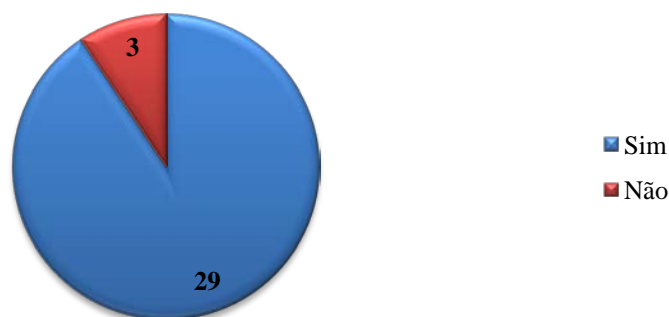
**Gráfico 36: Tempo de serviço docente**

Analisando os dados concluímos que **21,9%** dos inquiridos tem entre 11 e 15 anos de serviço, são 6 os inquiridos que têm entre 6 e 10 anos de serviço, que corresponde a **18,8%**, e o mesmo número de inquiridos tem entre 16 e 20 anos de serviço e de 21 a 25 anos de serviço, cada um com **15,6%**. Registamos uma não resposta.



**Gráfico 37: Situação profissional dos Directores de Turma inquiridos**

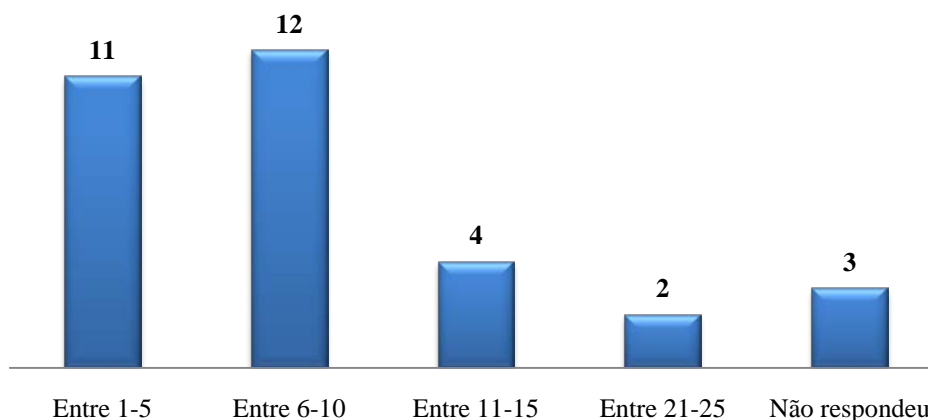
No que respeita à situação profissional, a grande parte, **81,25%**, são professores de quadro. Os professores contratados constituem **12,5%** da amostra. Dois dos docentes não nos indicaram a sua situação profissional, o que corresponde a **6,25%** do total de 32 inquiridos.



**Gráfico 38: Já foi Director de Turma mais do que uma vez**

Dos 32 inquiridos, apenas três foram directores de turma, pela primeira vez, este ano lectivo de 2010/2011. Os restantes 29 já foram directores e turma várias vezes.

O número de vezes que desempenharam esta função está representado no gráfico seguinte.

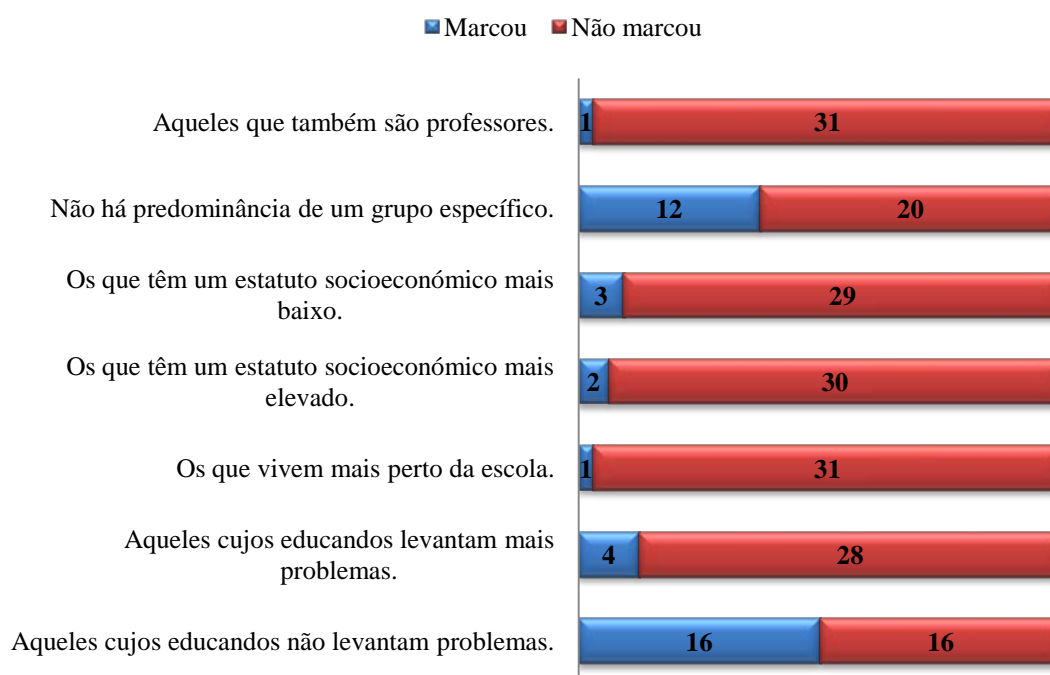


**Gráfico 39: Número de vezes que foram Directores de Turma**

Os directores de turma que fizeram parte do nosso estudo, já desempenharam este cargo no mínimo e duas vezes e no máximo dez vezes, se juntarmos as duas primeiras colunas do gráfico Os três inquiridos que aparecem na categoria “Não respondeu” são aqueles que pela primeira vez foram directores de turma, logo não faz sentido responderem a esta questão.

### **2.3. Participação na Escola**

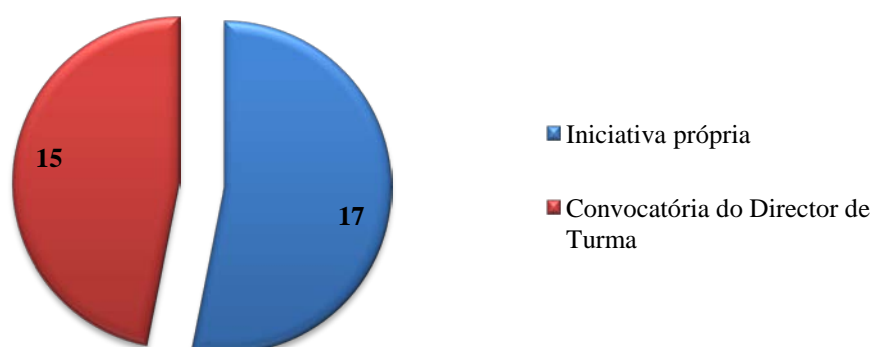
Para começar este bloco, iremos apresentar o gráfico que ilustra a opinião dos professores em relação aos pais e Encarregados de Educação que se dirigem à escola.



**Gráfico 40: Que Encarregados de Educação se dirigem mais à escola**

A resposta mais concreta é a de que não existe um grupo específico que se dirija mais à escola. Por outro lado, os Encarregados de Educação cujos educandos não levantam problemas são um grupo que deixam os directores de turma numa situação de indecisão pois metade refere este grupo como um dos que mais se dirige à escola, e a outra metade não assinala.

Após perguntar quem vai mais, perguntamos se estes vão por iniciativa ou por convocatória. As respostas são apresentadas no gráfico seguinte.



**Gráfico 41: Os Encarregados de Educação vão à escola por iniciativa própria ou por convocatória**

Segundo os directores de turma, os Encarregados de Educação participam e dirigem-se mais à escola por iniciativa própria do que por convocatória, ainda que a diferença não sejam muita entre estes.

De seguida apresentamos a opinião dos directores de turma relativamente a algumas afirmações sobre a relação escola-família. Para avaliar as suas respostas foi utilizada a seguinte escala de resposta.

Concordo Plenamente	1
Concordo	2
Não Concordo nem Discordo	3
Discordo	4
Discordo Plenamente	5

	<b>Média das Respostas</b>	<b>Não respondeu</b>
A colaboração entre a escola e os pais/Encarregados de Educação é benéfico para o percurso escolar dos alunos	1,28	0
A escola deve se abrir mais aos Encarregados de Educação	2,25	0

Os Encarregados de Educação interessam-se pela vida escolar dos seus educandos	2,47	0
Os Encarregados de Educação quando vão à escola é quase sempre para falar de problemas com os seus educandos	2,74	1
Não é tradição os Encarregados de Educação participarem activamente na escola	2,84	0
Os Encarregados de Educação raramente são chamados para ouvir coisas positivas sobre o seu educando	2,91	0
Os Encarregados de Educação desconhecem os seus direitos e deveres em relação à sua participação na escola	3,13	0
Os Encarregados de Educação não se interessam pela vida escolar dos seus educandos	3,41	0
Os Encarregados de Educação não se sentem à vontade na escola	3,72	0
Os Directores de Turma não estimulam os Encarregados de Educação a participar	4,22	0
Não vale a pena ir à escola, pois apenas a opinião dos professores é que conta	4,56	0
O que se passa na escola é da exclusiva responsabilidade dos professores	4,66	0

**Tabela 15: Grau de concordância, dos Directores de Turma, com as afirmações feitas**

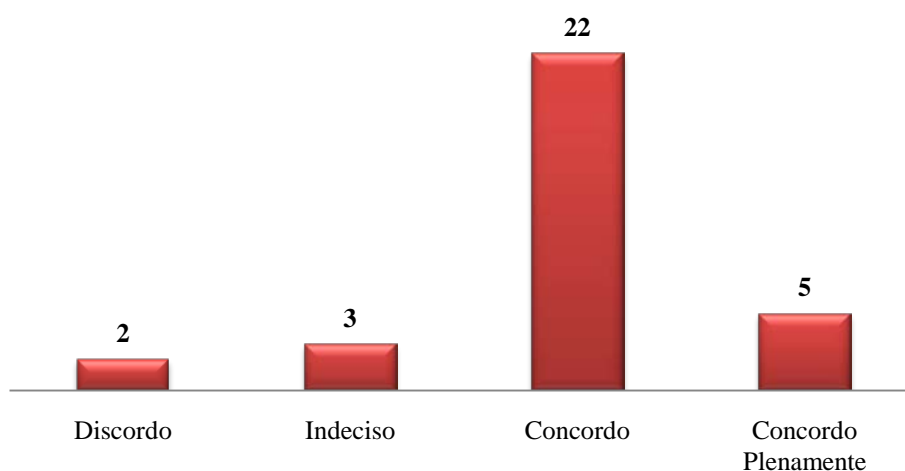
As afirmações que reúnem em maior número o grau de concordo são:

- Os benefícios da colaboração entre a escola e os Encarregados de Educação;
- A escola deve se abrir mais;
- Os Encarregados de Educação interessam-se pela vida escolar dos seus educandos;
- Normalmente, quando os Encarregados de Educação vão à escola é para falar de problemas com o educando;
- Não é tradição os Encarregados de Educação participarem activamente;
- Os Encarregados de Educação raramente são chamados para ouvir coisas boas.

Relativamente ao grau de indecisão, podemos observar que algumas afirmações têm esta classificação ainda que esta vá variando. Deste modo, estas afirmações estão relacionadas com o desconhecimento, por parte dos Encarregados de Educação, dos direitos e deveres de participação, com a afirmação que refere que os Encarregados de Educação não se interessam pela vida escolar dos educandos e ainda com o facto de os Encarregados de Educação não se sentirem à vontade na escola.

As afirmações que causam maior discordância são as últimas três da tabela anterior, e estão ligadas à falta de estímulos aos Encarregados de Educação, ao facto de os Encarregados de Educação acreditarem que não vale a pena ir à escola, pois a sua opinião não é tida em conta e ainda por crerem que o que se passa na escola apenas diz respeito aos professores.

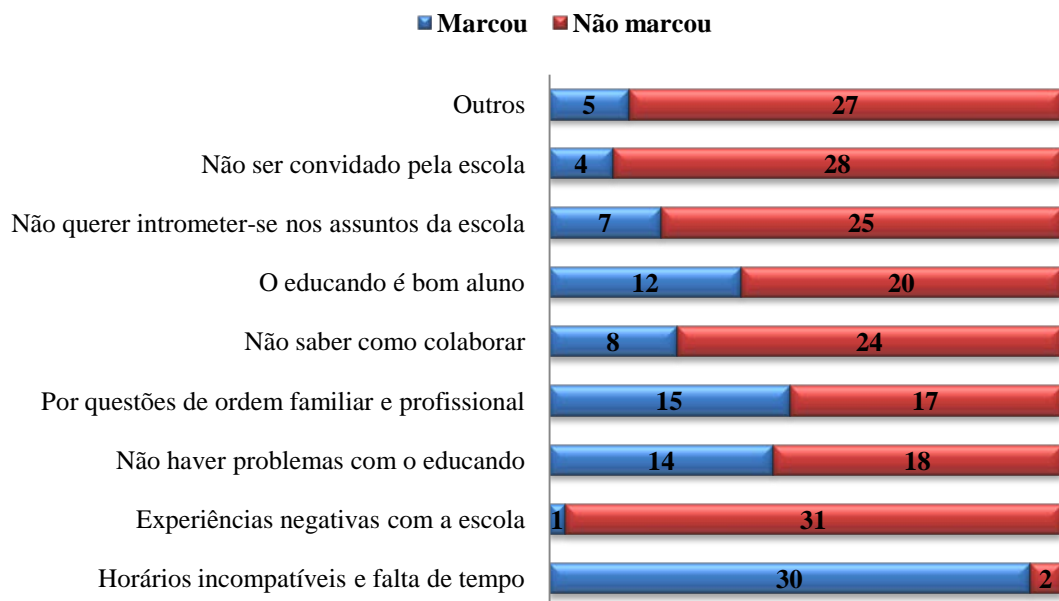
Quase toda a literatura, sobre a temática em causa, refere que os Encarregados de Educação participam pouco. A opinião dos directores de turma é apresentada no gráfico que se segue.



**Gráfico 42: Opinião dos Directores de Turma sobre: “os Encarregados de Educação participam pouco na vida escolar dos educandos”**

Como se nota, apenas dois sujeitos discordam e três estão indecisos. Os restantes concordam com a afirmação ainda que seja em graus diferentes, isto porque cinco concordam plenamente.

O gráfico seguinte apresenta algumas situações que podem ser obstáculo à maior participação dos Encarregados de Educação.



**Gráfico 43: Obstáculos à participação dos Encarregados de Educação**

O motivo que mais se destaca por ser um obstáculo é o horário incompatível e/ou a falta de tempo. Nesta questão, os Encarregados de Educação apontaram o mesmo motivo para justificar o seu nível de participação.

Depois deste, os mais apontados são as questões de ordem familiar e profissional, não haver problemas, com o educando, que justifiquem a presença dos Encarregados de Educação na escola e o facto de o educando ser bom aluno. O motivo que menos se acredita ser um obstáculo é a existência de experiências negativas com a escola.

As cinco respostas registadas na categoria “Outros” apresentam obstáculos como falta de interesse por parte dos Encarregados de Educação; acreditar que a sua opinião não é tida em consideração; desvalorização do trabalho escolar.

No que respeita às áreas de participação dos Encarregados de Educação, procurámos saber a opinião dos directores de turma. Estes utilizaram a seguinte escala de resposta para dar um determinado grau de importância a cada uma das áreas.

Nada Importante	1
Pouco Importante	2
Indeciso	3
Importante	4
Muito Importante	5



	<b>Média das Respostas</b>	<b>Não respondeu</b>
Definição do que se deve ensinar na escola	1,69	0
Construção do calendário escolar	2,10	1
Avaliação dos funcionários	2,13	0
Definição das turmas	2,25	0
Avaliação dos professores	2,38	0
Avaliação dos alunos	2,53	0
Definição dos horários escolares	2,71	1
Colaborar em actividades na sala de aula	2,75	0
Organização de festas na escola	3,03	0
Criação de novos cursos na escola	3,47	0
Definição das penas disciplinares	3,55	1
Angariação de fundos para actividades na escola	3,63	0
Escolha da escola que desejam para o seu educando	4,00	1
Ajuda aos educandos na elaboração dos trabalhos de casa	4,41	0
Ensinar aos seus educandos como se devem comportar na escola	4,88	0
Ajudar os filhos a organizarem melhor o seu tempo	4,91	0
Incentivar os filhos a serem mais aplicados e a valorizar mais aquilo que se aprende na escola	4,94	0

**Tabela 16: Áreas de participação dos Encarregados de Educação**

Para analisar esta tabela iremos colocar as opções dos directores de turma por ordem crescente de prioridade. Assim sendo, e segundo a opinião dos directores de turma, a área onde a participação, dos Encarregados de Educação, não é importante é a designação do que a escola deve ensinar. Nesta área, a participação é por norma restrita, pois estas designações são realizadas pelo Ministério da Educação.

As áreas em que os directores de turma consideram ser de pouca importância a participação dos Encarregados de Educação são: - a construção do calendário escolar; - a avaliação dos funcionários; - definição das turmas; - avaliação dos alunos; - definição dos horários e a colaboração nas actividades na sala de aula.

As áreas em que os directores de turma não sabem bem qual a importância da participação dos Encarregados de Educação são: - organização de festas; - criação de novos cursos; - definição das penas disciplinares e a angariação de fundos para a realização de actividades na escola.

Os directores de turma consideraram ser importante a participação dos encarregados na escolha da escola que desejam para os seus educandos; ajudá-los nos trabalhos de casa; ensiná-los a se comportarem na escola e a organizar melhor o seu tempo e ainda incentivá-los a serem mais aplicados na escola.

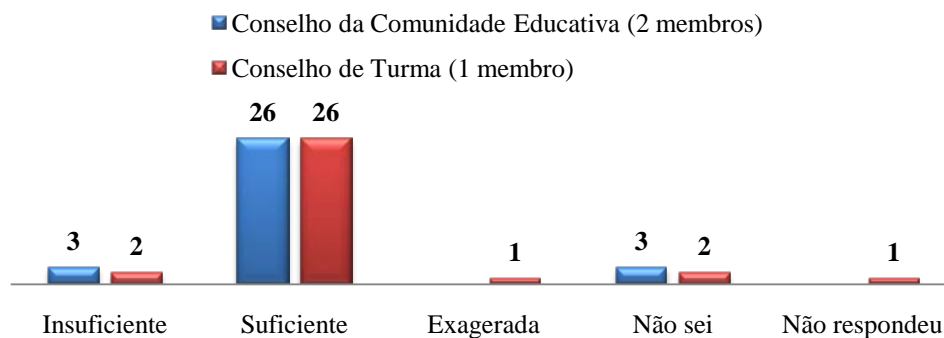
Ainda nas áreas importantes, foram acrescentadas outras áreas por sugestão dos directores de turma:

- Definição de estratégias de actuação comuns para resolver casos de insucesso ou indisciplina. (DT n.º23, Feminino, 45 anos).
- Definição de estratégias para colmatar problemas diagnosticados nas turmas. (DT n.º23, Masculino, 38 anos).
- Na elaboração do regulamento interno, do projecto educativo e no plano anual de actividades.
- Ter voz activa no conselho pedagógico e nos concelhos de turma. (DT n.º31, Masculino, 45 anos).

Os Directores de Turma também referiram que seria importante os Encarregados de Educação terem mais participação no acompanhamento dos trabalhos para casa, na área disciplinar e na educação para a cidadania. Estes referem ainda que os Encarregados de Educação deviam participar no plano anual de actividades de forma a melhorar o funcionamento da escola, este grupo de actores educativos podiam também fazer parte da construção do regulamento interno e ainda na colaboração com a escola na elaboração e divulgação das actividades.

A opinião de directores de turma e de Encarregados de Educação não é tão diferente como esperávamos, apenas difere em alguns pontos.

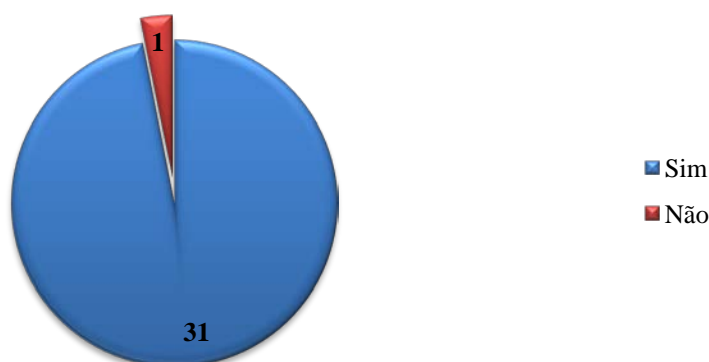
Relativamente ao número de representantes dos Encarregados de Educação no Conselho da Comunidade Educativa e no Conselho de Turma, a opinião dos directores de turma é a seguinte:



**Gráfico 44: Número de representantes no Conselho da Comunidade Educativa e no Conselho de Turma**

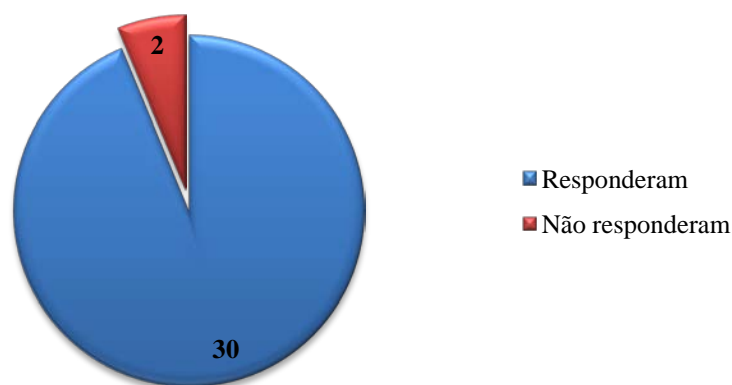
A resposta dos directores de turma é consensual para os dois conselhos, sendo que consideram ser suficiente o número de representantes em qualquer um dos conselhos.

Perguntamos também qual a sua opinião sobre a importância da realização de projectos e actividades que incluam os Encarregados de Educação e a restante comunidade.



**Gráfico 45: Considera importante que se realizem projectos e actividades que incluam os pais e Encarregados de Educação na escola**

Todos os inquiridos, com a excepção de um elemento, consideram importante que se realizem estes projectos. Dos inquiridos que responderam SIM, apenas 30 justificaram a sua escolha.



**Gráfico 46: Se considera importante justifique a sua opção**

Os inquiridos justificam esta opção pois estes projectos permitem conhecer melhor o meio escolar e o trabalho que lá é desenvolvido, permite resolver os problemas em conjunto, é uma forma de responsabilizar e consciencializar os Encarregados de Educação da importância da sua participação na escola, fortalece a comunicação e as relações entre a escola e a família.

Das respostas dadas seleccionamos algumas.

É importante o envolvimento dos Encarregados de Educação em qualquer actividade educativa do seu educando, pois são eles os maiores agentes de educação dos seus educandos. (DT n.º16, Feminino, 38 anos).

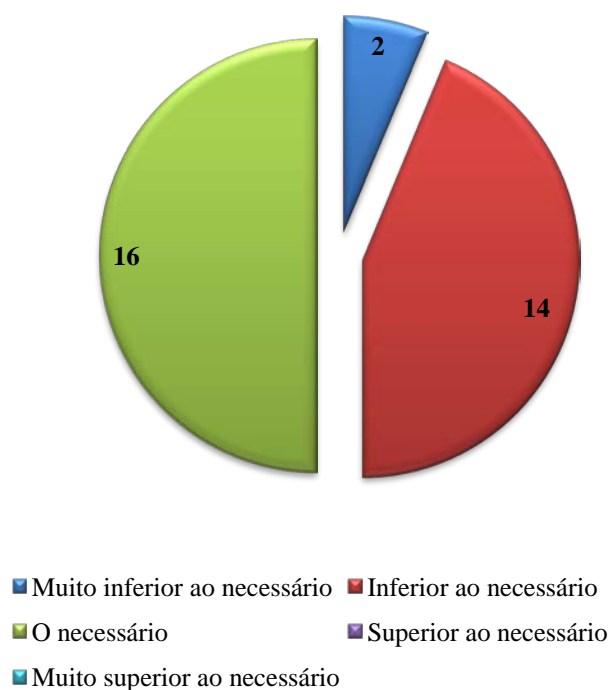
Fortalecimento da comunicação entre as famílias e a escola. Só desta forma se estabelecem relações de confiança e um clima de cooperação com o professor e a escola. (DT n.º2, Masculino, 36 anos).

Para que os Encarregados de Educação sintam que são “essenciais” no percurso de ensino/aprendizagem dos seus educandos. (DT n.º10, Feminino, 41 anos).

O sujeito que diz não ser importante a existência destas actividades justificou a sua opção da seguinte forma:

O grande problema é em casa. Quando o encarregado de educação não valoriza o trabalho feito na escola e não exige do educando um grande empenho no trabalho escolar, desresponsabilizando-se das suas funções os resultados escolares fracos (DT n.º7, Feminino, 42 anos).

Após falar da importância da participação, os directores de turma realizaram a avaliação da participação dos Encarregados de Educação para o ano lectivo 2010/2011.



**Gráfico 47: Avaliação da participação dos Encarregados de Educação**

Nenhum Director de Turma avaliou a participação como superior ou muito superior ao necessário. Contrariamente 50% dos inquiridos avalia-a como sendo o necessário, 43,8% refere que neste ano lectivo a participação dos Encarregados de Educação é inferior ao desejável, e 6,3% dizem que esta participação está muito aquém do que seria de esperar.

As razões pelas quais é importante a participação dos pais foi resumida na seguinte tabela, e é apresentada a opinião dos directores de turma em relação a cada uma das afirmações.

Concordo Plenamente	1
Concordo	2
Não Concordo nem Discordo	3
Discordo	4
Discordo Plenamente	5

	<b>Média das Respostas</b>	<b>Não respondeu</b>
Promove o sucesso escolar	1,38	0
Melhora a relação entre a escola e os Encarregados de Educação	1,47	0
Consagra um direito fundamental dos Encarregados de Educação	1,50	0
Os Encarregados de Educação passam a conhecer melhor a escola	1,81	0
Aumenta a motivação dos alunos	1,84	0
Facilita o trabalho dos professores	1,88	0
A escola fica mais atenta às necessidades do meio	1,94	0
Os Encarregados de Educação ficam a conhecer melhor o que o professor faz	2,03	0
Os Encarregados de Educação podem trazer novos recursos para a escola	2,06	0
Os Encarregados de Educação são quem melhor conhece os alunos	2,13	0
Melhora a qualidade das decisões	2,19	0
A escola torna-se mais democrática	2,34	0
A presença dos Encarregados de Educação pode reforçar o poder da escola	2,56	0
Os professores passam a prestar mais atenção aos alunos	3,00	0
A assiduidade dos professores aumenta	4,38	0

**Tabela 17: A participação dos Encarregados de Educação é importante para a escola porque**

Os directores de turma concordam plenamente com as seguintes afirmações sobre a participação dos Encarregados de Educação:

- Promove o sucesso escolar;
- Melhora a relação escola-família;
- É um direito fundamental dos Encarregados de Educação;
- Os Encarregados de Educação ficam a conhecer melhor a escola;
- Aumenta a motivação dos alunos;
- Facilita o trabalho dos professores;
- A escola fica mais atenta às necessidades do meio.

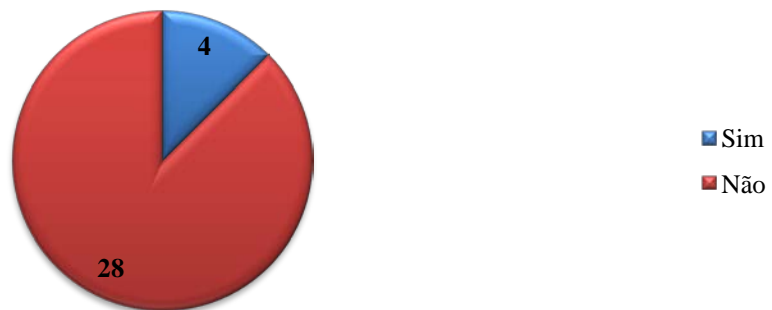
No que toca à escala de “Concordo”, os directores de turma atribuíram esta classificação às próximas afirmações:

- Os Encarregados de Educação ficam a conhecer o trabalho dos professores;
- Os Encarregados de Educação podem trazer novos recursos para a escola;

- Os Encarregados de Educação são quem melhor conhece os alunos;
- A escola torna-se mais democrática;
- A presença dos Encarregados de Educação pode reforçar o poder da escola.

Os directores de turma não concordam nem discordam quando se afirma que *Os professores dão mais atenção aos alunos* quando os Encarregados de Educação participam na escola. A sua discordância é relativa ao aumento da assiduidade dos professores.

Alguns trabalhos sobre a temática da relação escola-família defendem a formação dos docentes nesta área.



**Gráfico 48: Durante a sua formação inicial, como professor, teve alguma formação para a relação com os Encarregados de Educação**

O gráfico indica-nos que 87,5% dos inquiridos não teve formação nesta área, sendo que apenas 12,5% tiveram formação nesta área durante a sua formação inicial.

A influência, positiva, desta formação inicial, na relação com os Encarregados de Educação, traduz-se nas seguintes respostas:

Com certeza. No entanto só com a prática é que nos vamos apercebendo da realidade e das diferentes formas de encarar a escola por parte dos Encarregados de Educação/pais do que a formação inicial. Teóricas, seria importante que a escola passa-se a acreditar mais no papel dos Encarregados de Educação e a valorizá-lo. Na verdade, a escola tem medo deles. (DT n.º31, Masculino, 45 anos).

Sim, permitiu-me adquirir instrumentos e meios para auscultar necessidades e carências e para proporcionar todo um conjunto de estratégias para melhorar o desempenho dos alunos e dos professores também. (DT n.º18, Feminino, 33 anos).

No entanto, os que não tiveram qualquer tipo de preparação para estas relações, admitem que isso só os afectou no início de carreira, ou então que não os afectou de modo algum.

Afectou negativamente apenas no início da carreira. (DT n.º28, Masculino, 34 anos).

Não. Porque reconheço os meus deveres como DT e conheço os direitos dos E. Educação. Contudo a escola deveria promover acções nesse âmbito, pois reconheço que nem todos os directores de turma sabem lidar com situações mais melindrosas; alguns consideram-se superiores e não valorizam a opinião dos EE. (DT n.º32, Feminino, 46 anos).

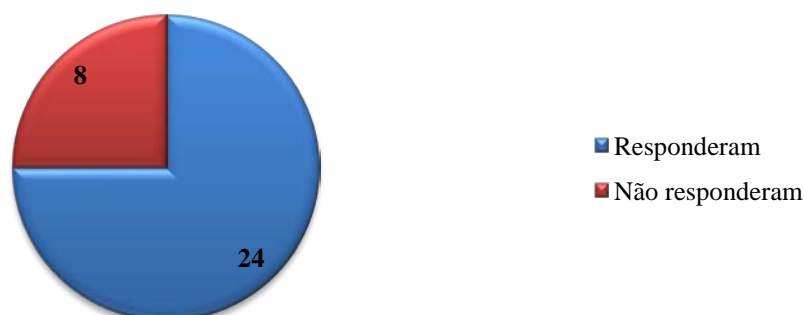
Não afectou. Considero que qualquer formação anterior a qualquer actividade é sempre positiva para um melhor desempenho do professor e/ou Director de Turma, no entanto, como me foi atribuído este cargo após uns anos de ensino, já possuo segurança suficiente para o desempenhar. (DT n.º16, Feminino, 38 anos).

Não, porque há sempre um acompanhamento por parte das estruturas que coordenam a área da Direcção de turma que nos facultam a informação/formações fundamentais ao nosso trabalho como directora de turma que é complementada com as acções de formação que vamos frequentando ao longo do ano lectivo. (DT n.º6, Feminino, 48 anos).

Não. No entanto teria sido bastante benéfico e produtivo, alguma preparação com o intuito de melhor compreender e motivar os EE na sua participação na escola. (DT n.º3, Feminino, 30 anos).

#### **2.4. Representações sobre a participação**

A primeira questão deste bloco está relacionada com a forma como o corpo docente percepciona a colaboração entre os Encarregados de Educação e a escola. Esta era uma questão aberta, pois assim o director tinha um maior espaço para expor a sua opinião e atitude sobre a questão.



**Gráfico 49: Número de respostas à questão** *Qual a sua opinião sobre a forma como o corpo docente e a escola percepcionam a colaboração entre os Encarregados de Educação e a escola?*

A generalidade das respostas refere que esta colaboração é entendida como algo de grande importância, no entanto, salientam que os pais e Encarregados de Educação não



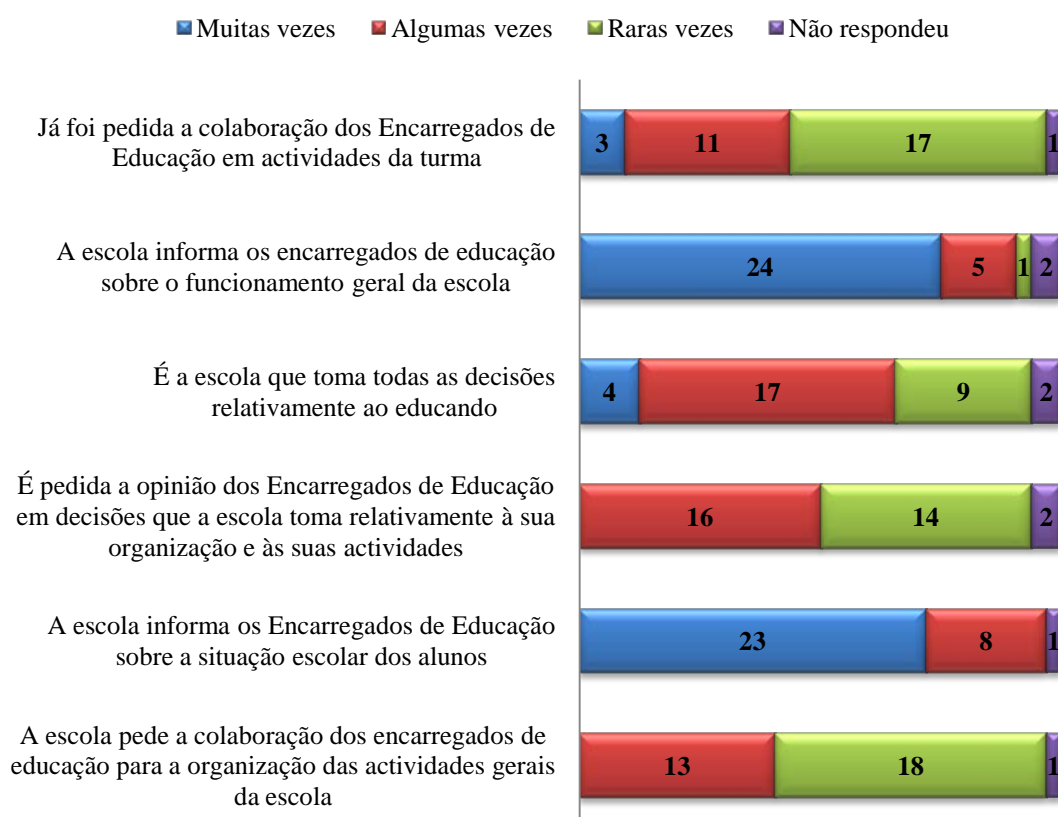
participam nem colaboram quanto deviam e que alguns órgãos da escola e alguns docentes não se sentem à vontade com o estreitar das relações entre estas duas entidades.

Penso que a maioria dos colegas está bastante satisfeita com essa colaboração e considera os Encarregados de Educação interessados e empenhados. Cada vez mais empenhados. (DT n.º23, Feminino, 45 anos).

Penso que a escola tem feito todos os esforços para manter os EE informados, solicitando, muitas vezes, a sua colaboração para resolver situações várias, mas não vejo o mesmo interesse por parte dos EE, ao não responderem às convocatórias, por exemplo, do Director de Turma. (DT n.º16, Feminino, 38 anos).

No geral, os professores e os órgãos de gestão não gostam que os EE tenham uma participação mais activa; Não vêem com bons olhos os "palpites" que os pais dão, pois consideram que isso é intromissão. Normalmente, os docentes consideram-se superiores e não consideram as opiniões dos pais e os órgãos de gestão nada fazem... (DT n.º32, Feminino, 46 anos).

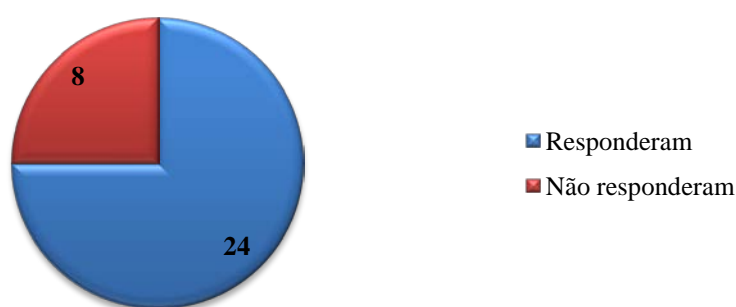
Fazendo uma avaliação, simples, da escola no que toca a algumas acções que implicam maior participação dos Encarregados de Educação, obtivemos as seguintes respostas.



**Gráfico 50: Pensando na sua escola com que frequência se presenciam as seguintes acções**

As acções que se verificam com maior frequência são a escola informar os Encarregados de Educação sobre o funcionamento geral da escola e sobre a situação escolar dos educandos. As acções que envolvem organizar actividades são as que acontecem com menos frequência e as que menos envolvem os Encarregados de Educação.

Além destas formas de fazer os Encarregados de Educação participarem na escola, foi criada uma questão específica para averiguar que de forma esta participação se manifesta. A esta questão obtivemos o seguinte volume de respostas.



**Gráfico 51: De que modo a colaboração e participação se manifestam na sua escola**

Pelas respostas recolhidas, a perspectiva com que ficamos é que a participação e colaboração manifestam-se essencialmente nas reuniões de avaliação, e/ou através das associações de pais e Encarregados de Educação. Contudo, os directores de turma deixaram aqui algumas queixas.

Apenas participam nas reuniões para entrega das avaliações. (DT n.º31, 45 anos).

Apesar da importância dada aos Encarregados de Educação de forma frequente, principalmente, sobre o desempenho dos seus educandos é muito pouco o interesse daqueles em dirigirem-se à escola para esclarecer certas situações, como por exemplo situações de indisciplina dentro da sala de aula. (DT n.º16, Feminino, 38 anos).

De forma presencial em reuniões. Participando na Associação de Pais e Encarregados de Educação. Na assembleia de escola; Acompanhamento do projecto educativo, plano que apresenta actividades para o ano lectivo. Dinamização de uma festa para abertura do ano escolar. (DT n.º6, Feminino, 48 anos).

Os Encarregados de Educação participam e colaboram, na minha escola, em acções de formação, palestras, no processo, normal, do desempenho e avaliação dos seus educandos e também noutras actividades lúdicas-pedagógicas, como por exemplo, Mercado Quinhentista, Participam, também,

a nível do conselho da comunidade educativa, dando sugestões, para o melhor "funcionamento" da escola. (DT n.º10, Feminino, 41 anos).

Finalmente as sugestões que, este grupo de docentes directores de turma, nos deixaram para que a relação entre a escola e a família melhore prendem-se com o aumento de acções de formação, principalmente, no que respeita à educação para a cidadania, melhorar e aumentar as comunicações que se estabelecem, criar um sítio na Internet e consciencializar os Encarregados de Educação da importância da sua participação.

Escolhemos as seguintes respostas:

Poderíamos aproveitar, mais os conhecimentos e experiências de muitos Encarregados de Educação para darem palestras nas turmas dos seus filhos. (DT n.º10, Feminino, 41 anos).

Mentalizar os pais da importância da sua participação na educação/estudo dos filhos. (DT n.º21, Masculino, 41 anos).

Estarem representados no conselho pedagógico; promoção dos encontros entre órgãos de gestão e os pais; tornar o conselho da comunidade educativa um órgão activo e com voz própria; reuniões entre os conselhos de turma e pais para debater projectos e não comportamentos; levar os pais às aulas. (DT n.º31, Masculino, 45 anos).

A escola e as associações de pais devem promover acções de sensibilização para todos os Encarregados de Educação, onde sejam abordados temas diversificados nomeadamente: na área de formação para a cidadania (recuperar valores); saúde oral, alimentação, droga, álcool, educação sexual, violência, psicologia, etc. A escola deveria ouvir mais as opiniões dos pais e pedir que estes participem em projectos (que poderão ser da autoria dos próprios pais). (DT n.º32, Feminino, 46 anos).

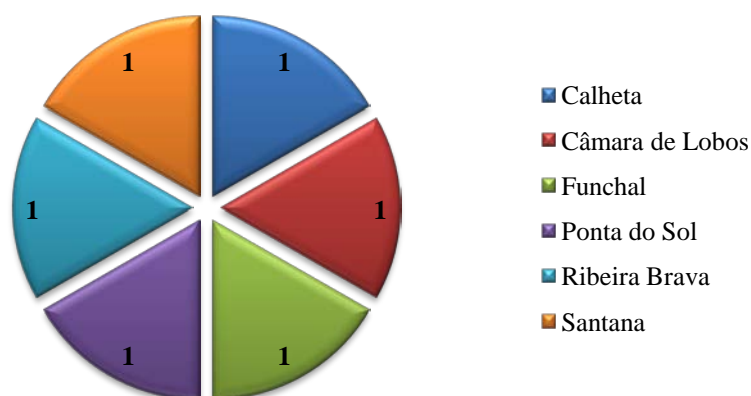
Os dados que se apresentam seguidamente, resultaram da aplicação de questionários abertos aos Presidentes dos Conselhos Executivos das escolas secundárias públicas da Região Autónoma da Madeira.

### **3. Presidentes dos Conselhos Executivos**

#### **3.1. Dados pessoais**

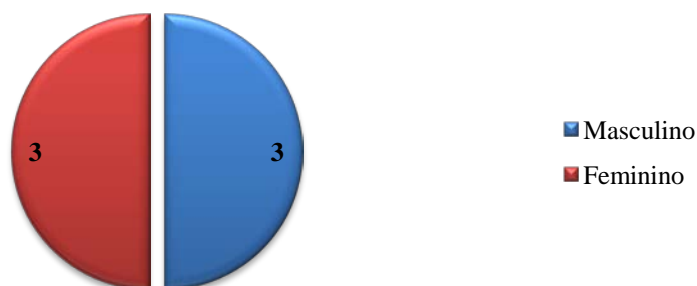
O número de inquéritos recolhidos é inferior ao número de escolas que participaram no estudo, esta situação é devida à não devolução que se verificou. As escolas, mais respectivamente os Presidentes dos Conselhos Executivos, foram

contactadas inúmeras vezes a fim de solicitar a devolução dos questionários. Contudo, estas abordagens foram muito morosas, o que resultou numa baixa taxa de devolução.



**Gráfico 52: Concelhos dos Presidentes que devolveram os questionários**

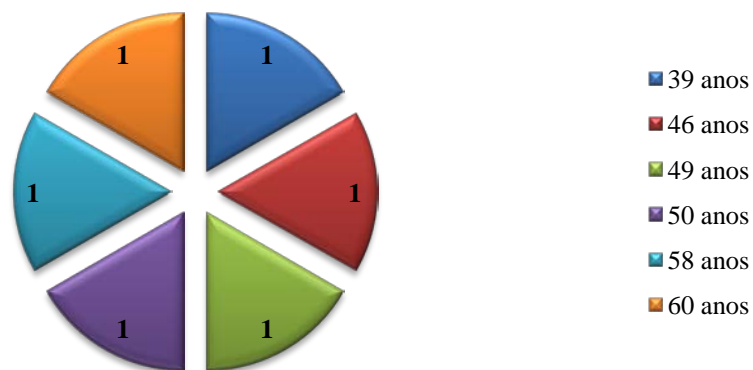
Os concelhos representados no gráfico correspondem aos concelhos dos Directores/ Presidentes que devolveram os seus questionários.



**Gráfico 53: Sexo dos Inquiridos**

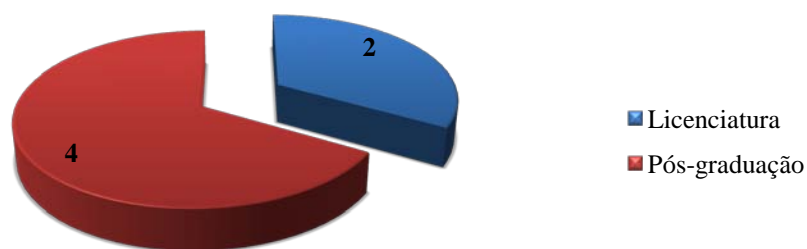
Os inquéritos recolhidos foram preenchidos pelo mesmo número de homens e mulheres, neste caso 3 elementos de cada sexo.

As idades destes sujeitos distribuem-se entre os 39 e os 60 anos, sendo que nenhuma idade se repete. Uma vez que a amostra tem apenas seis sujeitos, optámos por representar as idades reais sem recorrer a escalas.



**Gráfico 54: Idades dos Inquiridos**

O último item que faz parte dos dados pessoais é o item das habilitações académicas.

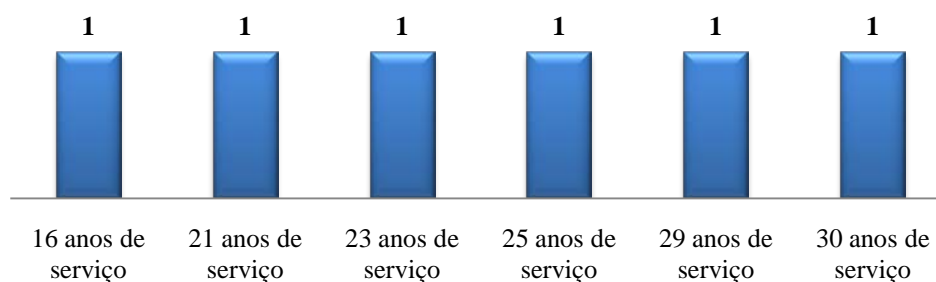


**Gráfico 55: Habilitações académicas dos inquiridos**

As habilitações dos nossos inquiridos são essencialmente a Licenciatura e a Pós-graduação. A existência de mais sujeitos com pós-graduação está ligada com a profissionalização dos elementos dos órgãos de gestão e administração das escolas.

### 3.2. Dados sócio-profissionais

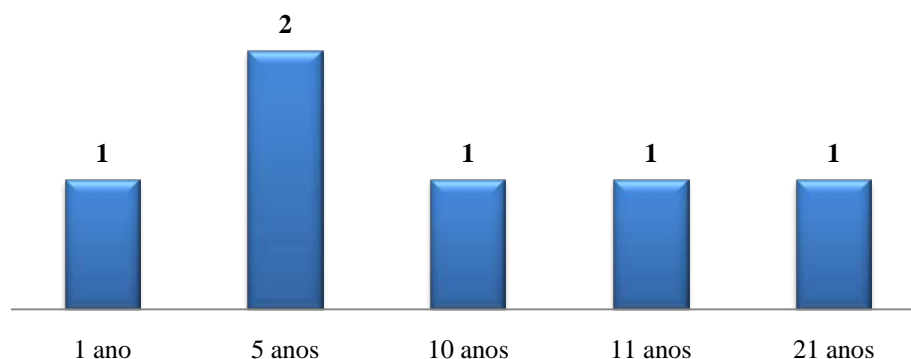
Iniciamos este bloco com o tempo de serviço dos sujeitos da amostra.



**Gráfico 56: Tempo de serviço dos inquiridos**

Tal como as idades, nenhum dos Presidentes têm o mesmo tempo de serviço.

O tempo correspondente às funções que desempenham na direcção da escola encontra-se ilustrado no gráfico seguinte.



**Gráfico 57: Tempo ao qual exercem o cargo de Director/Presidente do Conselhos Executivos**

### **3.3. Participação na escola**

Tal como já foi perguntado aos Encarregados de Educação e aos directores de turma, questionámos o director/presidente sobre a importância da realização de projectos e actividades que incluam os pais e encarregado de educação.

Todos os inquiridos responderam afirmativamente a esta questão. As justificações a estas respostas reúnem pontos comuns como a maior responsabilização dos Encarregados de Educação, mais informação e comunicação, um melhor acompanhamento do processo de ensino/aprendizagem dos seus educandos.

Não se pode conceber um processo de ensino/aprendizagem eficiente e eficaz se não se tiver em conta a participação proactiva dos pais/Encarregados de Educação. O envolvimento dos Encarregados de Educação no processo de aprendizagem dos seus educandos na maior parte das vezes funciona como um elemento facilitador do trabalho da escola. (Presidente n.º6, Masculino).

O envolvimento de toda a comunidade e particularmente dos pais em actividades promovidas pela escola permite: - valorizar o papel desempenhado pela instituição no meio; - dar visibilidade às iniciativas; - criar envolvimento e conseqüente co-responsabilização no papel formativo/educativo. (Presidente n.º1, Masculino).

Quanto aos benefícios da participação activa dos Encarregados de Educação na escola, os Presidentes focaram as seguintes:

→ Controlo das situações relacionadas com a disciplina;

- Reforça o papel da escola;
- Melhora os resultados escolares;

Acredito que a escola só fica a ganhar. Maior envolvimento implica maior compromisso. Se os Encarregados de Educação forem vistos como uma "parte" implica que haja participação. Só a conjugação de esforços por um objectivo comum permite sucesso! (Presidente n.º6, Masculino).

Na opinião dos questionados, os pais e Encarregados de Educação devem ter maior participação nas seguintes áreas:

- Formações e actividades de complemento curricular;
- Definição de políticas educativas;
- Actividades propostas pela escola;

Além da opinião, procurámos saber em que áreas cada escola admite que os Encarregados de Educação manifestem a sua opinião.

Das respostas salientamos as seguintes áreas:

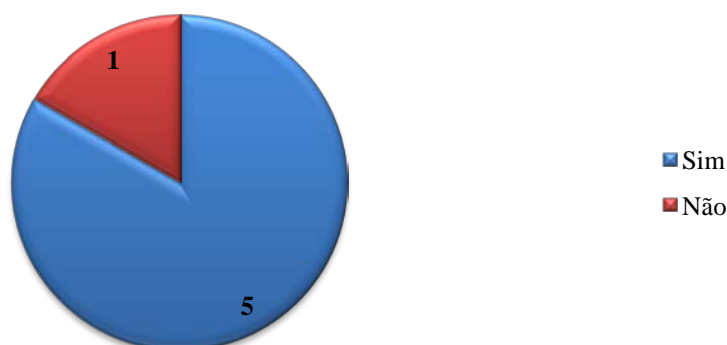
- Planeamento do projecto pedagógico;
- Áreas do interesse dos alunos como os horários de funcionamento do estabelecimento, oferta educativa a realizar, oferta de complemento do currículo;

Durante o ano lectivo de 2010/2011, os Conselhos Executivos das escolas, secundárias, recorreram aos pais e Encarregados de Educação para lhes pedir opinião ou sugestões:

- Sobre questões disciplinares;
- Nos conselhos disciplinares;
- Horários de funcionamento, critérios da constituição de turmas e oferta educativa para o ensino secundário;
- Elaboração do regulamento interno, do plano anual de escola;
- Assuntos e discussões realizadas no conselho da comunidade educativa;

Quando não são pedidas opiniões, os pais e Encarregados de Educação são simplesmente informados de determinadas situações, se o conselho executivo o considerar necessário.

No que toca à Associação de Pais e Encarregados de Educação, um órgão também importante na representação dos Encarregados de Educação na escola, nem todas as escolas o possuem e, em pelo menos um caso, apesar de existir não está desempenhando qualquer função interventiva.



**Gráfico 58: A escola tem Associação de Pais e Encarregados de Educação**

O papel desta associação nas escolas tem diferentes nuances, ainda que a sua função primordial seja integrar e representar os pais e Encarregados de Educação na escola.

As respostas dos nossos inquiridos foram as seguintes:

Esta esteve sem actividade, estando neste momento a ser fomentada a sua reactivação. (Presidente n.º2, Feminino).

Integrar o Conselho da comunidade educativa e participar nas respectivas discussões; apresentar propostas nas reuniões com a direcção; envolver os pais e Encarregados de Educação; promover o debate de temas pertinentes em assembleia-geral; acompanhar as actividades ao longo do ano lectivo. (Presidente n.º6, Masculino).

Participa activamente na escola. (Presidente n.º5, Masculino).

Presença nas reuniões do conselho da comunidade educativa. (Presidente n.º3, Feminino).

Representar os pais e Encarregados de Educação. Participar no projecto de ensino aprendizagem. Colaborar proactivamente com as outras estruturas escolares. (Presidente n.º6, Masculino).

Apresentamos apenas cinco respostas pois uma das escolas não tem esta associação.

Além destas funções, a Associação de Pais Encarregados de Educação deve ser o “porta-voz” dos Encarregados de Educação, transmitindo as suas sugestões, preocupações e descontentamentos junto dos restantes órgãos da escola.



### **3.4. Representações sobre a participação**

A primeira questão deste bloco está ligada com a importância do órgão de direcção da escola no desenvolvimento da relação entre a escola e os Encarregados de Educação.

As respostas dadas partilham a opinião de que este órgão deve proporcionar as condições para que os Encarregados de Educação se sintam impelidos a participar, tem a responsabilidade de criar metodologias que estreitem as relações entre estas duas entidades, é o responsável pela informação que se transmite aos Encarregados de Educação e é o “espelho” da realidade que se vive na escola. Destacamos as seguintes respostas.

A Direcção é um órgão executivo. É o órgão que operacionaliza as opções políticas definidas pelo conselho da comunidade e as soluções/opções decididas pelo conselho pedagógico. Deve trabalhar em proximidade com a direcção da associação de pais, explicar as medidas que aplica e ouvir as opiniões recolhidas pelos representantes dos pais. (Presidente n.º1, Masculino).

Sendo o órgão que na prática assume o papel principal torna-se um pouco na imagem daquilo que é feito. Acredito que o mais importante não é aquilo que faz mas aquilo que permite que se faça. Quer seja criando as condições, quer seja incentivando, ou seja, não obstaculizando, é sempre importante que as várias estruturas envolvidas no processo ensino aprendizagem desenvolvam projectos colaborativos. (Presidente n.º6, Masculino).

Tem o papel de liderança e de proporcionar todas as condições para os Encarregados de Educação participarem na escola. Incentivar a participação através da representação nos órgãos de gestão. Incluir actividades propostas pelos Encarregados de Educação desde que estejam de acordo com o PEE. Solicitar a participação na construção do PEE. (Presidente n.º5, Masculino).

Curiosamente, as respostas seleccionadas foram dadas pelos Presidentes do sexo masculino. Este facto poderá demonstrar que os homens estão mais abertos às novas concepções de escola e à participação de novos públicos, cada vez mais necessária e exigida, principalmente, no caso dos Encarregados de Educação.

Além da participação descrita anteriormente, os Encarregados de Educação participam nas reuniões convocadas pelos directores de turma e nas actividades propostas pela escola.

No que concerne à avaliação da escola quanto à relação que tem com os Encarregados de Educação todos se avaliaram com nota positiva, isto é, consideraram que mantêm uma boa relação. Contudo, há quem refira que esta relação é um processo que ainda está em evolução e como tal precisa de ser melhorado.

Uma relação de proximidade com os pais que pretendemos que estejam sempre presentes na vida da escola e que acompanhem os educandos de forma sistemática e participada. (Presidente n.º1, Masculino).

Infelizmente ainda há muito a melhorar. Pretendia mais envolvimento, maior participação que infelizmente e por via de uma série de situações ainda não é o mais desejável. (Presidente n.º6, Masculino).

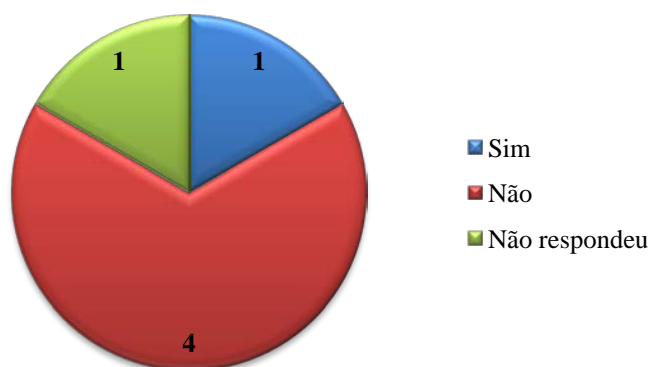
### 3.5. Participação na legislação

Solicitamos aos Presidentes que nos dessem a sua opinião sobre a participação, decretada pela legislação, no conselho da comunidade educativa e no conselho de turma.

Todos, sem excepção concordam com esta participação, ainda que a participação no conselho de turma seja um pouco polémica, pois as respostas transparecem um pouco da relutância dos Presidentes em relação à participação neste conselho. São exemplo as seguintes respostas:

Conselho de Turma: sim nos termos previstos. A participação dos pais faz-se nos conselhos de turma com carácter disciplinar. Os pais devem acompanhar a vida da turma e participar nas decisões e ponderações sobre o comportamento dos educandos. Conselho da comunidade educativa sim e alguns conselhos de turma que têm que ser tipificados. Infelizmente existem aspectos e há que ser realista em que não é aconselhável uma presença activa. (Presidente n.º1, Masculino).

Perguntámos se estes consideravam que os encarregados poderiam participar noutras áreas da escola. As respostas distribuíram da seguinte forma:



**Gráfico 59: Considera que existem outras áreas em que os Encarregados de Educação podiam estar representados**

Como podemos observar a resposta geral é Não, apenas um elemento refere que Sim. A sua resposta foi a seguinte:

Nas reuniões de conselho pedagógico destinadas a debater a oferta educativa de escola e nas que se debatem e aprovam as actividades de complemento curricular. (Presidente n.º1, Masculino).

A última pergunta deste inquérito estava relacionada com alterações que estes consideravam que podiam ser feitas a nível legal. Cinco dos inquiridos responderam, um não deu qualquer resposta. Destas cinco, uma não propõe qualquer alteração e outra refere que o legalmente definido está bem.

No geral a alteração que propõem implica a maior responsabilização dos Encarregados de Educação pela assiduidade, comportamento, desempenho e abandono escolar.

As três respostas que propõem alterações são as seguintes:

Através de meios legais próprios, estes fossem obrigados à responsabilização dos actos dos seus educandos. (Presidente n.º2, Feminino).

Existem aspectos a ser melhorados que infelizmente implicam alterações mais profundas mas a nível de organização social. Por exemplo constata-se ser reduzido o tempo legalmente permitido para os pais acompanharem de perto a educação dos seus filhos, 4 horas por trimestre legalmente permitidas são exigentes. (Presidente n.º6, Masculino).

Maior responsabilização dos EE/pais pela assiduidade e abandono escolar. (Presidente n.º5, Masculino).

Esta análise de dados parece indicar-nos que os professores, mais concretamente os directores de turma, estão mais resistentes à participação activa dos Encarregados de Educação do que os Presidentes dos Conselhos Executivos.

Seguidamente apresentamos as conclusões prévias do nosso estudo através da discussão dos dados.

**Parte IV: Discussão dos Resultados e Síntese Conclusiva**

**CAPÍTULO 5**

## CAPÍTULO 5

### 1. Discussão dos resultados

A discussão aqui apresentada resultou do cruzamento dos dados obtidos através dos inquéritos por questionário, distribuídos pelos três grupos de inquiridos que formaram a nossa amostra.

Esta análise pretende estabelecer um paralelo entre as opiniões dos inquiridos relativamente ao tema em estudo. Estabelece-se, de igual forma, a relação entre os resultados e a literatura.

A ordem da discussão dos dados segue a estrutura dos inquéritos destinados aos Encarregados de Educação. Serão também exploradas as questões exclusivas de cada um dos inquéritos

Assim sendo iniciaremos esta discussão chamando a atenção para o facto de a maioria dos encarregado de educação serem mulheres. Segundo o que se pode apurar, através de algumas leituras, durante muito tempo a educação das crianças e jovens era uma tarefa destinada às mulheres. Estas eram o elemento que tomava conta da casa e da maioria as tarefas, enquanto que os homens se dedicavam às tarefas mais físicas, e ao trabalho fora de casa, como refere a próxima citação “diversas pesquisas apontam que as mães tendem a envolver-se mais do que os pais nas tarefas do dia-a-dia da criança e, geralmente, estão à frente do planeamento educacional dos seus filhos” (Wagner, A., Predebon, J, et al, 2005, p. 181).

Com as mudanças que se efectuaram nas sociedades, esta função foi mudando de actores, sendo que nos dias que correm, esta tarefa tanto cabe às mulheres como aos homens. No entanto, a nossa amostra é essencialmente feminina, o que demonstra que “a divisão das tarefas domésticas, criação e educação dos filhos parecem não acompanhar de maneira proporcional as mudanças decorrentes da maior participação da mulher no mercado de trabalho e do sustento económico do lar” (Wagner, A., Predebon, J, et al., 2005, p.182).

Esta característica manifesta-se também entre os directores de turma. No que diz respeito aos Presidentes dos Conselhos Executivos este facto já não se verifica, pois ambos os sexos estão representados em número igual.

No que respeita à influência, das habilitações e dos rendimentos dos Encarregados de Educação, sobre a sua opinião sobre o tema da participação e a sua

prática, esta não se verificou. Chegamos a este resultado pois a maioria dos Encarregados de Educação tem conhecimento do horário de atendimento e utiliza-o. Em relação à importância da participação na escola, em actividades, novamente, as respostas harmonizam-se e não se diferenciam grupos. Isto significa que independentemente da escolaridade e do escalão social, os Encarregados de Educação dão importância à participação e colaboração com a escola. Esta diferença talvez se tenha verificado mais nas respostas abertas pois a complexidade do discurso utilizado varia um pouco.

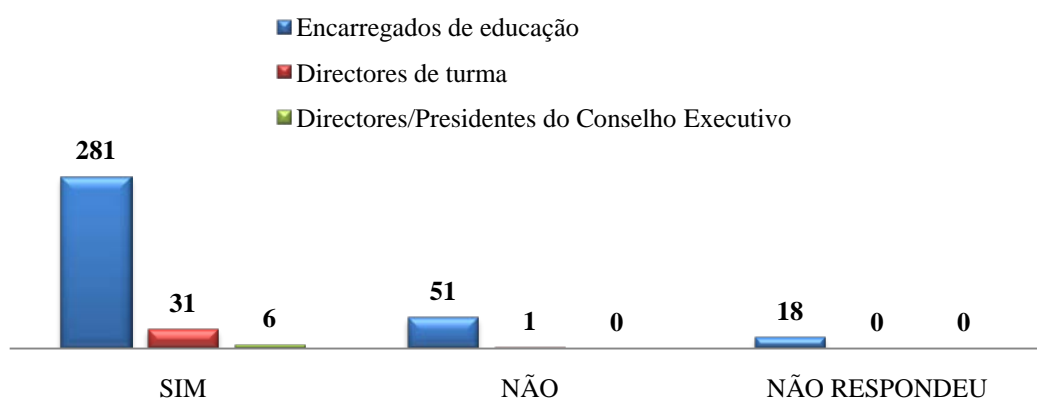
Estas variáveis talvez se manifestem, com mais notoriedade, em outras áreas, como por exemplo na obtenção de material escolar mais específico, proporcionar aprendizagens adicionais (explicador), entre outros factores.

A entidade que os Encarregados de Educação mais procuram no interior da escola é sem dúvida o Director de Turma. Esta resposta massiva vem confirmar o que a literatura afirma, isto é, o Director de Turma é o elemento primordial na relação entre o exterior e o interior da escola no que diz respeito às famílias.

No respeitante ao conteúdo destes encontros, os resultados demonstraram que através destes, os Encarregados de Educação informam-se sobre o desempenho escolar e comportamento dos seus educandos. Raramente o tema destes encontros é o melhor funcionamento da escola, ou a participação na tomada de decisões. Ainda assim os Encarregados de Educação avaliaram estes encontros como muito úteis.

Foram colocadas questões semelhantes aos Encarregados de Educação e aos directores de turma com o objectivo de verificar o quanto as suas opiniões divergiam ou não.

A primeira questão conjunta está relacionada com a importância da realização de actividades que envolvam os Encarregados de Educação.



**Gráfico 60: Considera importante que se realizem projectos e actividades que incluam os Encarregados de Educação**

A resposta a esta questão foi unânime e todos consideram ser importante. As justificações dadas para esta opção têm os seguintes pontos:

- Maior responsabilização dos Encarregados de Educação;
- Dá oportunidade aos Encarregados de Educação obterem mais informação;
- Permite um melhor acompanhamento do processo de ensino/aprendizagem;
- Os Encarregados de Educação passam a conhecer melhor a escola;
- Fortalece a comunicação e as relações entre a escola e a família;
- Favorece o trabalho em conjunto entre estas duas entidades.

A análise seguinte trata dos dados referentes às tabelas n.º 5 e n.º 8. Estas tabelas são compostas por uma série de afirmações sobre a relação escola-família. A discussão destes dados foi realizada através das médias das respostas dos Encarregados de Educação e dos directores de turma.

Deste modo apresentamos a tabela seguinte e relembramos que a escala de resposta utilizada, pelos inquiridos, tinha a seguinte configuração.

Concordo Plenamente	1
Concordo	2
Não Concordo nem Discordo	3
Discordo	4
Discordo Plenamente	5

<b>Médias das Respostas</b>		
	<b>Encarregados de Educação</b>	<b>Directores de Turma</b>
A colaboração entre a escola e os pais/Encarregados de Educação é benéfico para o percurso escolar dos alunos	1,81	1,28
Os Encarregados de Educação interessam-se pela vida escolar dos seus educandos	1,99	2,47
A escola deve se abrir mais aos Encarregados de Educação	2,17	2,25
Os Encarregados de Educação raramente são chamados para ouvir coisas positivas sobre o seu educando	2,75	2,91
Os Encarregados de Educação quando vão à escola é quase sempre para falar de problemas com os seus educandos	2,81	2,74
Não é tradição os Encarregados de Educação participarem activamente na escola	2,85	2,84
Os Encarregados de Educação desconhecem os seus direitos e deveres em relação à sua participação na escola	2,87	3,13

Os Encarregados de Educação não se sentem à vontade na escola	3,52	3,72
Os Directores de Turma não estimulam os Encarregados de Educação a participar	3,65	4,22
Os Encarregados de Educação não se interessam pela vida escolar dos seus educandos	3,78	3,41
Não vale a pena ir à escola, pois apenas a opinião dos professores é que conta	3,85	4,56
O que se passa na escola é da exclusiva responsabilidade dos professores	4,07	4,66

**Tabela 18: Discussão dos dados das Tabelas n.º12 e n.º15.**

Como podemos observar, a primeira afirmação feita é a que reúne mais consenso entre os dois grupos de inquiridos, pois as médias de respostas situam-se entre o Concordo Plenamente e o Concordo. A penúltima afirmação reúne, de igual modo, um certo consenso pois os Encarregados de Educação dão respostas cuja média se aproxima do Discordo, enquanto os directores de turma têm respostas cuja média se avizinha do Discordo Plenamente.

De uma maneira geral o grau de concordância dos sujeitos é semelhante para todas as afirmações. As situações onde se registam algumas divergências estão relacionadas com o desconhecimento dos Encarregados de Educação em relação aos seus direitos e com a falta de estímulo por parte dos directores de turma.

Como podemos observar até agora, todos os grupos que formam a amostra estão em acordo no que diz respeito aos benefícios da colaboração dos Encarregados de Educação com a escola. No entanto, quando se trata de uma verdadeira participação, do tipo de participação que permite a existência de uma escola mais democrática, a resistência, à participação dos Encarregados de Educação, aumenta. Esta resistência está patente na análise seguinte.

Outra das perguntas, colocadas tanto aos Encarregados de Educação como aos Directores de Turma, está relacionada com as áreas de participação dos Encarregados de Educação no interior da escola. Chamamos à atenção que houve duas áreas que foram colocadas em exclusivo, isto é, uma área que constou apenas dos inquiridos dos Encarregados de Educação, e outra que apenas foi colocada aos directores de turma.

Foi utilizada a seguinte escala de resposta.

Nada Importante	1
Pouco Importante	2
Indeciso	3



Importante	4
Muito Importante	5

<b>Média das Respostas</b>		
	<b>Encarregados de Educação</b>	<b>Directores de Turma</b>
Actividades de decoração da escola	2,61	
Ensinar aos seus educandos como se devem comportar na escola		4,88
Avaliação dos funcionários	2,75	2,13
Colaborar em actividades na sala de aula	2,91	2,75
Definição do Calendário escolar	3,22	2,10
Definição do que se deve ensinar na escola	3,24	1,69
Formação das turmas	3,27	2,25
Organização de actividades na escola	3,28	3,03
Angariação de fundos para actividades na escola	3,47	3,63
Avaliação dos professores	3,49	2,38
Definição dos horários escolares	3,60	2,71
Definição das penas disciplinares a aplicar aos alunos	3,76	3,55
Criação de novos cursos na escola	3,92	3,47
Avaliação dos alunos	4,01	2,53
Escolha da escola que desejam	4,02	4,00
Ajuda aos filhos na elaboração dos trabalhos de casa	4,22	4,41
Ajudar os filhos a organizarem melhor o seu tempo	4,53	4,91
Incentivar os filhos a serem mais aplicados e a valorizar mais aquilo que se aprende na escola	4,55	4,94

**Tabela 19: Discussão dos dados das Tabelas n.º13 e n.º16.**

Pela leitura dos dados obtidos conclui-se que esta é uma pergunta onde os grupos chocaram mais nas suas opiniões. Estes choques verificam-se sobretudo quando o assunto é avaliação, mais concretamente a avaliação dos alunos, nos quais os Encarregados de Educação consideram Importante participar e os directores de turma consideram ser Pouco Importante.

Existem também áreas onde os encarregados estão Indecisos quanto à importância da sua participação mas nas quais os directores de turma afirmam ser Pouco ou Nada Importante. Estas áreas são: definição do calendário escolar, definição do que se deve ensinar na escola e formação das turmas.

As áreas onde consideraram ser Importante participar são semelhantes nos dois grupos. Ambos referem ser importante os Encarregados de Educação participarem na maioria das áreas que dizem respeito à educação dos educandos, ou seja, participarem na escolha da escola, auxiliar os educandos na realização dos trabalhos e a organizarem melhor o seu tempo, e ainda é importante que os Encarregados de Educação participem

na escola ao incentivar os educandos a serem mais aplicados e valorizarem mais a escola e as aprendizagens que esta proporciona. Além destas foi referido que os Encarregados de Educação também deviam participar nos passeios da escola, na definição de estratégias de actuação, na elaboração do Regulamento Interno bem como no Plano Anual de Actividades como forma de melhorar a escola.

Na opinião dos Presidentes dos Conselhos Executivos, os Encarregados de Educação deviam participar mais nas actividades e formações propostas pela escola, bem como nas actividades de complemento curricular. Foi também referido que os Encarregados de Educação deviam participar na definição das políticas educativas e por último nas reuniões do conselho pedagógico com o objectivo de debater a oferta educativa da escola.

No que diz respeito à participação efectiva dos Encarregados de Educação nas escolas, as respostas dos Presidentes referem que a escola admite que os Encarregados de Educação participem no Planeamento do Projecto Pedagógico e nas áreas de interesse dos alunos (horários de funcionamento, oferta educativa e de complemento curricular.)

No ano lectivo de 2010/2011, os Presidentes dos Conselhos Executivos referem ter se dirigido aos Encarregados de Educação para lhes solicitar a opinião nas áreas disciplinares, na composição do Regulamento Interno e Plano Anual de Escola, áreas de interesse dos alunos e nos assuntos discutidos nas reuniões do Conselho da Comunidade Educativa.

Pelas respostas dadas, concluímos que todos os inquiridos partilham da mesma opinião ao referir ser mais importante a participação dos Encarregados de Educação nas áreas directamente ligadas aos alunos. Apesar da resposta do director que refere que os Encarregados de Educação participam no planeamento do projecto pedagógico, todos os inquiridos parecem inclinar-se mais para a prática de uma participação indirecta, pois parecem sentir-se mais confortáveis com uma acção menos activa e não tão explícita.

Para corroborar esta conclusão prévia, podemos remeter-nos para o gráfico n.º 25, onde podemos observar que, no que diz respeito à participação na tomada de decisões, o tipo de resposta que predomina é Raras Vezes. A conclusão é que apesar de todos admitirem que a participação e colaboração, dos Encarregados de Educação, são importantes, estas, acções, são aceites apenas em algumas áreas.

A representação dos Encarregados de Educação no Conselho da Comunidade Educativa e no Conselho de Turma é a uma das maneiras de garantir a presença dos Encarregados de Educação na escola. Contudo, e como já referimos anteriormente, esta

representação é um tanto ao quanto controversa, isto é, a legislação garante esta representação, mas a nomeação destes acontece através da Associação de Pais e Encarregados de Educação. Se esta associação não existir, a nomeação é realizada mediante regras específicas definidas no Regulamento Interno. Ainda assim a representação dos Encarregados de Educação pode ficar comprometida, mediante tais regras.

Na opinião dos nossos inquiridos, Encarregados de Educação e directores de turma, o número de representantes definidos por lei é suficiente para ambos os conselhos. No caso dos Presidentes, estes também concordam com esta representação, no entanto, chamam à atenção o facto de a participação no conselho de turma ser restrita, ou seja, os representantes dos Encarregados de Educação só podem comparecer às reuniões deste conselho consoante a situação que vai ser tratada.

A Associação de Pais e Encarregados de Educação é, de igual forma, um modo de os Encarregados de Educação garantirem a sua representação na escola. Perguntamos aos Encarregados de Educação se estes tinham conhecimento da existência deste órgão na escola. Os resultados demonstram que a maioria dos Encarregados de Educação tem conhecimento da existência da Associação de Pais e Encarregados de Educação. Contudo, em certos casos, algumas delas não estão desempenhando qualquer tipo de papel.

De acordo com os Presidentes dos Conselhos Executivos, esta organização tem, primordialmente, a função de integrar e representar os pais e Encarregados de Educação. Estes identificaram a Associação de Pais e Encarregados de Educação como um género de “porta-voz”, que defende e transmite as preocupações dos Encarregados de Educação no interior da escola.

Ao se avaliarem, os Encarregados de Educação consideraram o seu nível de participação como O necessário. Esta avaliação pode derivar da avaliação que os Encarregados de Educação fazem dos encontros com o Director de Turma. Fazemos esta inferência pois a resposta dos directores de turma a esta questão é exactamente igual. Isto demonstra que directores de turma e Encarregados de Educação estão confortáveis com a participação praticada. Na avaliação da escola, perante esta relação escola-família, os Presidentes consideram que as suas escolas mantêm boas relações com as famílias dos seus educandos. Ainda assim, alguns demonstraram que ainda não estão totalmente satisfeitos com a relação que a escola mantém com os Encarregados de Educação, pois referem que esta ainda pode ser melhorada.

Porém, a literatura refere que, a participação e colaboração dos Encarregados de Educação está aquém do desejável. Assim procurámos saber que factores poderiam constituir um obstáculo à participação. Na opinião destes, os três principais factores são:

- Horários incompatíveis e falta de tempo;
- Não haver problemas com o educando e o educando ser bom aluno;
- Por questões de ordem familiar e profissional;

Além destes obstáculos os inquiridos mencionaram que a falta de interesse, a atitude de alguns professores em relação aos Encarregados de Educação, desvalorização do trabalho escolar e o descrédito na participação mais activa, podem também constituir obstáculos.

Por último procuramos conhecer a imagem que Encarregados de Educação e directores de turma têm da escola no que toca à colaboração. Para tal, foi colocada uma questão igual para os dois grupos, cujas respostas estão resumidas na próxima tabela.

	<b>EE Muitas vezes</b>	<b>DT Muitas vezes</b>	<b>EE Algumas vezes</b>	<b>DT Algumas vezes</b>	<b>EE Raras vezes</b>	<b>DT Raras vezes</b>
A escola pede a colaboração dos Encarregados de Educação para a organização das actividades gerais da escola	1,7%	0%	24,6%	40,6%	68,6%	56,3%
A escola informa os Encarregados de Educação sobre a situação escolar dos alunos	42%	71,9%	48,9%	25%	6,3%	0%
É pedida a opinião dos Encarregados de Educação em decisões que a escola toma relativamente à sua organização e às suas actividades	1,7%	0%	16,9%	50%	75,4%	43,8%
É a escola que toma todas as decisões relativamente ao educando	22,9%	12,5%	50,6%	53,1%	21,4%	28,1%
A escola informa os Encarregados de Educação sobre o funcionamento geral da escola	16,3%	75%	41,7%	15,6%	38,3%	3,1%

Já foi pedida a colaboração dos Encarregados de Educação em actividades da turma	1,4%	9,4%	18,3%	34,4%	75,7%	53,1%
--	------	------	-------	-------	-------	-------

**Tabela 20: Resumo dos gráficos n.º 30 e n.º 50**

A analisarmos os dados da tabela observamos que:

- No que toca ao pedido de colaboração por parte da escola, a opinião é semelhante. Tanto directores de turma como Encarregados de Educação referem que esta acontece Raras Vezes.
- Em relação à informação transmitida aos Encarregados de Educação, a opinião é diferente entre os grupos. Os Encarregados de Educação afirmam que esta acção se verifica Algumas vezes, enquanto que os directores de turma referem que esta é uma acção que acontece Muitas vezes.
- No que concerne à opinião dos Encarregados de Educação sobre as decisões que a escola toma, a imagem volta a divergir. Por um lado os directores de turma parecem estar divididos entre Algumas vezes e Raras vezes, por outro os Encarregados de Educação não têm dúvidas de que esta é uma acção que se verifica muito pouco, pois a maioria seleccionou a opção Raras vezes.
- A maioria dos inquiridos, dos dois grupos, seleccionou a opção Algumas vezes, para avaliar o comportamento da escola no que toca a decisões relativamente aos alunos.
- Este foi o ponto onde se verificou a maior divergência de opinião. No caso dos directores de turma, estes afirmam que a escola informa Muitas vezes, os Encarregados de Educação, do funcionamento geral da escola. Contudo, os Encarregados de Educação, relativamente a este ponto, referem que esta acção acontece Algumas vezes e outros afirmam verificar-se Raras vezes.
- No que toca à colaboração em actividades da turma, tanto directores de turma como Encarregados de Educação dizem que esta situação acontece Raras vezes.

Como concluímos, os pontos mais onde se nota mais divergência de opinião estão ligados com a informação que a escola transmite aos Encarregados de Educação e na opinião, destes, relativamente às decisões que a escola toma no que toca à organização de actividades.

Ainda no contexto das representações dos inquiridos sobre a participação e colaboração, inquirimos os Presidentes dos Conselhos Executivos sobre qual a importância do órgão de direcção da escola nesta temática. Segundo estes, este órgão tem o papel de proporcionar todas as condições para que os Encarregados de Educação se sintam à vontade para colaborar, criar e aplicar metodologias que valorizem a participação, e por fim referiram que este é o “espelho” da realidade da escola.

Continuando com a discussão dos dados dos inquiridos, observou-se que os Encarregados de Educação estão a par da maior parte das acções que o Director de Turma tem. Na nossa opinião esta conclusão deriva do facto de a maioria destes ter conhecimento do horário de atendimento e pelo número de contactos que estes estabelecem.

No que toca a alguns dados específicos dos directores de turma, podemos referir que são, principalmente, mulheres, com idades compreendidas entre os 37 e os 42 anos, tem licenciatura e desempenham funções docentes no mínimo à 11 anos e no máximo à 15 anos. No que concerne à situação profissional destes, são, na maioria, professores do Quadro. Já foram várias vezes directores de turma e, este facto aconteceu, principalmente, entre seis e dez vezes.

Estas características permitiram aos directores de turma dizer que os Encarregados de Educação que mais vezes se dirigem à escola são aqueles cujos educandos não levantam problemas. Saliámos que esta questão dividiu os inquiridos. Contudo 12, dos 32 directores de turma inquiridos, referiram que não existe um grupo de Encarregados de Educação, específico, que vá mais vezes à escola. Os directores de turma referiram também que os Encarregados de Educação se dirigem à escola, maioritariamente, por iniciativa própria.

Com base na literatura, podemos dizer que os Encarregados de Educação participam pouco na escola. Os directores de turma concordaram com esta afirmação. Apenas dois dos inquiridos discordaram desta afirmação.

Através da revisão da literatura encontramos diversas razões pelas quais a relação em estudo é importante. Assim os directores de turma Concordam com todas as afirmações (ver tabela n.º10), à excepção do facto de a maior participação dos Encarregados de Educação fazerem os professores despenderem mais atenção aos alunos. Discordaram quando se afirma que a assiduidade dos professores aumenta.

Os Presidentes dos Conselhos Executivos referiram que a participação dos Encarregados de Educação na escola permite melhorar o controlo das situações que se

prendem com a disciplina, reforça o papel da escola e uma vez mais melhora os resultados escolares.

Formar os professores e directores para a implicação dos pais na escola é um aspecto de grande relevância; neste sentido, necessitamos de um pessoal escolar que seja tão perito em relações humanas e de desenvolvimento da criança como em conteúdos instrucionais e pedagógicos (Musito, 2003,p.147).

Como se compreende pela citação anterior, a formação dos docentes para a relação com os Encarregados de Educação é de extrema importância. Ainda assim, apenas quatro, dos 32 inquiridos, tiveram formação inicial para esta relação. Isto demonstra que os professores acabam por desempenhar funções para as quais não tiveram qualquer preparação prévia.

*A função de director de turma (através da coordenação da equipa docente, da preocupação educativa por um grupo de alunos, da responsabilidade pela evolução de cada um dos membros da aula, das sessões de avaliação, das relações com os pais, etc.) não costuma ser desempenhada com a necessária preparação pelos professores directores de turma. Quem, quando e como foi formado um professor para ser Director de Turma dos alunos? (Guerra, 2000, p. 48)*

Os docentes que beneficiaram desta formação referiram que esta lhes foi útil na medida em que lhes deu um *background* suficiente para enfrentarem o papel de Director de Turma com outra segurança. Aqueles que não tiveram formação, referiram que esta condição apenas os prejudicou no início da carreira, pois a prática e as formações disponibilizadas pelo estabelecimento de ensino foram colmatando as dificuldades sentidas.

Em relação à imagem que o corpo docente, e a escola, têm da colaboração entre os Encarregados de Educação, houve respostas variadas, mas a maioria afirma ter uma imagem positiva. Há quem tenha referido que a escola faz todos os esforços para aumentar e melhorar a relação que estabelece com os Encarregados de Educação, contudo estes não correspondem. Existe quem refira que esta relação está cada vez mais desenvolvida. As respostas variam consoante a realidade na qual cada escola se insere, o que nos levou a registar respostas muito positivas e outra nem tanto.

Apesar de os directores de turma referirem que os Encarregados de Educação participam o suficiente, e que a escola está satisfeita com a participação destes, recolhemos informação que nos permite afirmar que a participação e colaboração dos Encarregados de Educação na escola se resume, principalmente, à comparência nas reuniões de entrega de avaliação.

Finalmente apresentamos as sugestões dos três grupos de inquiridos no que toca à melhoria da relação entre a escola e os Encarregados de Educação.

Directores de turma e Encarregados de Educação estão em sintonia nas sugestões. Estes referiram:

- Haver maior sensibilização dos Encarregados de Educação para a importância da sua participação na escola;
- Realizar mais acções de formação e *workshops* de interesse para os Encarregados de Educação.
- Melhorar e aumentar a comunicação que se estabelece entre a escola e a família;
- Criar uma página na Internet, poderá de facto ajudar a melhorar este tipo de relação.

Por sua vez os Presidentes dos Conselhos Executivos afirmam que os Encarregados de Educação deviam ser mais responsabilizados pelo processo educativo dos seus educandos. Há também quem tenha referido que os Encarregados de Educação podiam ser mais protegidos legalmente, em relação ao horário laboral, dando-lhes oportunidade de participar mais activamente na escola.

→

## **2. Síntese Conclusiva**



Chegados ao final deste trabalho, podemos concluir que a participação é um fenómeno algo complexo de se estudar e explorar, visto que acontece no seio de organizações complexas e é influenciada por imensos factores, que por sua vez não têm sempre a mesma influência. Além do mais, cada pessoa entende a participação de uma maneira diferente conferindo-lhe um carácter subjectivo.

De acordo com a literatura esta problemática tem sido estudada das mais variadas formas e nos mais diversos contextos. De qualquer modo, a literatura demonstra que a participação é um dos pontos fulcrais numa sociedade que se diga democrática. Neste sentido, as escolas actuais deverão ser espaços de grande participação dados os vários actores que a compõem e por existirem numa sociedade democrática.

Concluimos que não existe uma característica específica, como idade, sexo ou habilitações que caracterize os Encarregados de Educação que mais participam na escola. Porém, os directores de turma apontaram que os Encarregados de Educação que mais se dirigem à escola são aqueles cujos educandos não levantam problemas.

Pudemos também inferir que o órgão de direcção é aquele que, segundo as respostas, dos Presidentes, tem a capacidade de construir metodologias que poderão permitir uma maior participação dos Encarregados de Educação na escola. Ainda assim, o Director de Turma é a entidade com a qual os Encarregados de Educação se sentem mais à vontade e por isso o contactam mais ao longo do ano lectivo.

Pelas respostas dos inquiridos, podemos resumir a participação dos Encarregados de Educação, nas escolas secundárias públicas da RAM, a reuniões de avaliação, encontros com o Director de Turma e à participação em algumas actividades que decorrem ao longo do ano lectivo. A participação na tomada de decisões não foi referida.

Os Presidentes dos Conselhos Executivos parecem ser o grupo que se encontra mais aberto a uma maior participação dos Encarregados de Educação.

No geral, Encarregados de Educação, directores de turma e Presidentes dizem ser importante que esta participação aconteça. Ainda assim, e pelas respostas dadas nos questionários, parece-nos que se sentem mais confortáveis com uma participação mais indirecta e menos activa. Pois, no caso dos directores de turma, estes dizem que os Encarregados de Educação participam o necessário, mas por outro lado concordam com a afirmação que refere que os Encarregados de Educação participam pouco na escola. Poderemos talvez concluir que o pouco que os Encarregados de Educação participam é o bastante. Isto pode, também, indicar que a participação gera sensações diferentes nas pessoas dependendo do contexto em que esta se desenvolve. O que queremos dizer com

isto é que os directores de turma podem concordar com a maior participação em algumas áreas, mas noutras esta já não seria bem-vinda.

Finalmente concluimos que, no que à nossa região diz respeito, nem tudo o que a literatura, dedicada a este tema, afirma é válido. Fazemos esta afirmação pois todos parecem satisfeitos com o nível de participação dos Encarregados de Educação apontando apenas que esta relação pode ainda ser melhorada. Nas nossas escolas, apenas se verifica a fraca participação, dos Encarregados de Educação, na tomada de decisões.

Poderemos talvez referir que estamos no bom caminho no que toca ao desenvolvimento de uma educação em conjunto, escola e família, dada a concordância que existe entre todos os actores educativos.

### **3. Limitações do estudo**

Todos os trabalhos de investigação têm as suas dificuldades inerentes, a saber o pouco tempo disponível, a falta de suporte literário, os custos que podem advir da utilização de determinados métodos de recolha de dados, entre tantas outras contrariedades.

Na nossa situação específica, as maiores limitações encontradas relacionam-se com o método de recolha de dados seleccionado, neste caso, o inquérito por questionário. Foi relativamente complicado a sua aplicação pois todas as escolas demonstraram estar pouco disponíveis para a colaboração na aplicação dos questionários alegando o volume excessivo de inquéritos a que são sujeitos todos os anos lectivos.

Apesar de termos conseguido cumprir com os mínimos amostrais, foi muito penoso recolher os inquéritos. Foi necessário comunicar com as escolas por várias vezes, visto que a colaboração não foi a melhor o que gerou algumas deslocações infrutíferas.

Respostas iguais em questionários de pessoas diferentes, foi também uma das dificuldades encontradas. Isto pode indicar que “corremos o risco” de ter inquéritos que não foram, de todo, respondidos pelos Encarregados de Educação mas sim pelos alunos. No entanto não dispúnhamos de opções, viáveis no tempo disponível, que pudessem prevenir tais situações

O facto de ser realizado só no ensino secundário proporciona uma imagem restrita desta problemática na RAM, o que de certa forma é um obstáculo.

Outras dificuldades poderiam ter surgido do analfabetismo de alguns Encarregados de Educação ou ainda por estes não atingirem a pertinência das perguntas.

#### **4 Recomendações para investigações futuras**

No decorrer do nosso trabalho deparámo-nos com determinadas questões que consideramos ser importantes e interessantes estudar. Neste sentido as nossas recomendações são:

- Estudar a participação nas escolas por cada ciclo de ensino com o objectivo de averiguar diferenças, semelhanças e impacto da participação.
- Acompanhar um grupo de Encarregados de Educação ao longo de um ano lectivo, para podermos compreender melhor quais as motivações destes para participar e colaborar na e com a escola.
- Conhecer a opinião dos alunos em relação a esta temática, sobretudo no ensino secundário, visto que neste nível os discentes têm representantes em vários órgãos e podem também participar.
- Realizar um trabalho conjunto, com diferentes representantes de várias áreas, onde se relacionasse a área da indisciplina com participação dos Encarregados de Educação.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Afonso, N. (1993). A Participação dos Encarregados de Educação na Direcção das Escolas. *Inovação*, Volume 6, nº2: pp. 131-155.
- Amaro, F. (2006). *Introdução à Sociologia da Família*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas: Lisboa.
- Birou, A. (1973). *Dicionário das Ciências Sociais*. Publicações Dom Quixote: Lisboa.
- Bogdan, R. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora: Porto.
- Carvalho, J. (2002). *Metodologia do Trabalho Científico*. Escolar Editora. Lisboa.
- Chorão, J., B. (1997) *Grande Dicionário Enciclopédico*. Vol. II. Editora VERBO: Lisboa.
- Davies, D. (1994). Parcerias Pais-Comunidade-Escola: três mensagens para professores e decisores políticos. In *Inovação*. Volume 7, n.º3, pp.377-389.
- Davies, D. (Ed.). (1989). As escolas e as famílias em Portugal: Realidade e perspectivas. Livros Horizonte: Lisboa. In: Zenhas, A. (2004). *A Direcção de Turma no Centro da Colaboração entre a Escola e a Família*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/713/1/Tese.pdf>, consultado entre 19 e 22 de Janeiro.
- Davies, D. (1988). Families and Schools in Portugal. IRE: Boston. In Marques, R. (1990). *A Escola e os Pais – Como colaborar?* Texto Editora: Lisboa.
- (sem autor), (1982) *Dicionário Enciclopédico: KOOGAN LAROUSSE SELECÇÕES*. Selecções do Reader's Digest: Lisboa.
- (sem autor). (1997). *Grande Dicionário Enciclopédico*. Vol. XIV. VERBO: Lisboa.
- Epstein, J. (1986). Parent reactions to teacher practices of parent involvement. *Elementary School Journal*. In Marques, R. (1990). *A Escola e os Pais – Como colaborar?* Texto Editora: Lisboa.
- Fortin, M. (2009). *O Processo de Investigação – da concepção à realização*. LUSOCIÊNCIA: Loures.
- Freire, T. & Almeida, L. (1997). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Lusografe. Braga.

- Freixo, M. (2009). *Metodologia Científica – Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Instituto Piaget: Lisboa.
- Giddens, A. (2002). *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.
- Hill, M. & Hill, A. (2009). *Investigação por Questionário*. Sílabo: Lisboa.
- Lareau, A. (1997). *Home Advantage: Social Class and Parental Intervention in Elementary Education*. The Falmer Press: London.
- Macbeth, A. (1989). *Involving Parents – Effective Parent-Teacher Relations*. Heinemann Educational: Oxford.
- Magalhães, G. (2007). *Modelo de Colaboração Jardim-de-Infância/Família*. Instituto Piaget: Lisboa.
- Marques, R. (1990). *A Escola e os Pais – Como colaborar?* Texto Editora: Lisboa.
- Marques, R. (1992). Colaboração escola-família: um conceito para melhorar a educação. In *Ler Educação*, n.º8, pp.13-21.
- Marques, R. (1993). As Transformações na Estrutura da Família: a resposta da escola cultural. In *Ler Educação*, n.º 10, pp. 5-15.
- Marques, R. (1994). Colaboração Família-Escola em Escolas Portuguesas: um estudo de caso. In *Inovação*, n.7, pp.357-374.
- Marques, R. (2000). *Dicionário Breve de Pedagogia*. Editorial Presença: Lisboa.
- Montandon, C. & Perrenoud, P. (2001). *Entre Pais e Professores, Um Diálogo Impossível? Para uma Análise Sociológica das Interpretações Entre a Família e a Escola*. Celta Editora: Oeiras.
- Pinto, C. A., (1995). *Sociologia da Escola*. McGRAW-HILL: Alfragide.
- Pinto, C. A., (2003). Da socialização à socialização escolar: representações de pais e alunos sobre as práticas educativas familiares. In: *Pais e Escola – parceria para o sucesso.*, Edições ISET: Porto.
- Pólis (1984). *Enciclopédia VERBO da Sociedade e do Estado*. Vol. II. VERBO: Lisboa.
- Reis, F. (2010). *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado – segundo Bolonha*. Pactor: Lisboa.

- Sá, V. (2003). *A Participação dos Pais na Escola Pública Portuguesa – uma abordagem sociológica e organizacional*. Universidade do Minho. Braga.
- Saraiva, D. A., (s/d). *Participação dos Professores na Escola*. Disponível em [http://www.ipv.pt/millennium/Millennium25/25\\_34.htm](http://www.ipv.pt/millennium/Millennium25/25_34.htm) consultado a 19 de Janeiro de 2010.
- Silva, P. (2002). Escola-família: Tensões e potencialidades de uma relação. In: Lima, J., A., (coord.) (2002), *Pais e professores: Um desafio à cooperação* (pp. 97-132). Edições Asa: Porto.
- Silva, P. (1994). Relação Escola-Família em Portugal: 1974-1994 Duas décadas, um balanço. *Inovação*, Volume 7, nº3: pp. 307-355.
- Simionato, M. & Oliveira, R. (2003). *Funções e Transformações da Família ao Longo da História*. Disponível em [http://www.din.uem.br/~ulpeneto/outros/abppprnorte%20\(teste\)/pdf/a07Simionato03.pdf](http://www.din.uem.br/~ulpeneto/outros/abppprnorte%20(teste)/pdf/a07Simionato03.pdf), consultado a 8 de Novembro de 2010.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Livros Horizonte: Lisboa.
- Thines, G.(1984). *Dicionário Geral das Ciências Humanas*. Edições 70: Lisboa.
- Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., Verza, F., (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. In *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. (Mai-Ago 2005), Volume 21, nº2, pp. 181-186.
- Zenhas, A. (2004). *A Direcção de Turma no Centro da Colaboração entre a Escola e a Família*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/713/1/Tese.pdf>, consultado entre 19 e 22 de Janeiro.
- Zenhas, A. (2006). *O papel do director de turma na colaboração escola-família*. Porto Editora: Porto.



## **Bibliografia:**

- Avelino, O. (2004). Participação dos Pais na Vida da Escola e no Acompanhamento dos Filhos – A Importância da Sintonia e da Coerência. In: *Seminário Educação e Família*. Lisboa, 2005, Conselho Nacional de Educação, Lisboa, pp. 73-78.
- Béliveau, M. (2006). *No regresso das aulas: o lugar dos pais na aprendizagem escolar*. Climepsi: Lisboa.
- Benavente, A. (1993). Educação, Participação e Democracia: Valores e Práticas na Instituição Escolar. In: *Análise Psicológica*, n.º3: pp. 325-333.
- Benavente, A., Costa, A., Machado, F., Neves, M. (1987). *Do outro lado da escola*. Edições Rolim: Lisboa.
- Caldeira, S. (2007). *(Des)ordem na escola: mitos e realidades*. Quarteto: Coimbra.
- Confap (s/d) *O Movimento Associativo dos Pais e a Participação Activa na Escola*. Disponível em <http://www.confap.pt/confap.php?pagina=historial>, consultado a 23 de Novembro de 2010.
- Covas, M. (2006). *Percursos da Sociologia da Família: das origens à consolidação científica*. Universidade do Algarve: Algarve.
- Davies, D.(1994). Parcerias Pais-Comunidade-Escola: Três mensagens para professores e decisores políticos. *Inovação*, Volume 7, nº3: pp. 377-389.
- Davies, D.; Marques, R.; Silva, P.; (1997). *Os professores e as Famílias – a colaboração possível*. Livros Horizonte: Lisboa.
- Delors, J. et al (1997). *Educação um tesouro a descobrir*. Edições ASA: Lisboa.
- Di Santo, J., M. (sem data). *Família e Escola: uma relação de ajuda*. Disponível em <http://www.centrorefeducacional.com.br/famiescola.htm>, consultado a 15 de Dezembro de 2009.
- Dias, M. (2008). *Participação e Poder na Escola Pública (1986-2004)*. Colibri: Lisboa.
- Diez, J. (1990). *Família-Escola: uma relação Vital*. Porto Editora: Porto.
- Diogo, A. (1998). *Famílias e Escolaridade – Representações parentais da escolarização, classe social e dinâmica familiar*. Colibri: Lisboa.

- Diogo, A. (2008). *Investimento das Famílias na Escola. Dinâmicas Familiares e Contexto Escolar Local*. Celta Editora: Lisboa.
- Diogo, J. (1998). *Parceria escola-família: a caminho de uma educação participada*. Porto Editora: Porto.
- Dortier, J. (2006). *Dicionário das Ciências Humanas*. Climepsi: Lisboa.
- Enguita, M. (2007). *Educação e Transformação Social*. Edições Pegado: Mangualde.
- Estrela, M. & Vilas-Boas, M. (1993). A relação Pais e Escola. In *Ler Educação*, n.º11/12, pp. 195-210.
- Ferreira, F., I. (sem data). *As parcerias educativas e o caso da relação escola. Família*. Disponível em [http://www.cf-francisco-holanda.rets.pt\(public/elo7/elo7\\_42.htm](http://www.cf-francisco-holanda.rets.pt(public/elo7/elo7_42.htm)), consultado a 15 de Dezembro de 2009.
- Figueiredo, C., C. (2007). *Redes sociais e políticas – O papel dos pais na genealogia das políticas públicas de educação sexual*. Disponível em <http://sisifo.fpce.ul.pt/?r=13&p=97>, consultado a 4 de Janeiro de 2010.
- Fundação Calouste Gulbenkian (2002). *Envolvimento Parental na Escola e Ajustamento Emocional e Académico – Enquadramento Conceptual*. Disponível em <http://www.es-e-jdeus.edu.pt/projectoepe/ec/enquadramentocconceptual.html>, consultado a 13 de Novembro de 2009.
- Fundação Calouste Gulbenkian (2002). *Envolvimento Parental na Escola e Ajustamento Emocional e Académico – Sugestões*. Disponível em <http://www.es-e-jdeus.edu.pt/projectoepe/sug/sugestoes.html>, consultado a 13 de Novembro de 2009.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Celta Editora: Oeiras.
- Instituto de Apoio à Criança. (2006). *Criança, Família, Escola, que Relação?* Disponível em <http://www.iacrianca.pt/boletim/pdf/Separata81.pdf>, consultado a 15 de Dezembro de 2009.
- Jesus, H., & Neves, A. (2004). *Relação Escola-Aluno-Família*. Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas: Porto.

- Lefedvre, B. (1996). Os pais na organização escolar. In: *Revista Portuguesa de pedagogia*. N.º1, pp.79-90.
- Lima, J., A. (2002). *Pais e professores: um desafio à cooperação*. Edições ASA: Porto.
- Maia, R.(coord.). (2002). *Dicionário de Sociologia*. Porto Editora: Porto.
- Marques, R. (1990). Os Pais, os Professores e as Escolas: a Teoria e a Prática. In *Noesis*, nº13, pp.42-46.
- Marques, R. (1994). Colaboração Família-Escola em escolas portuguesas: um estudo de caso. *Inovação*, Volume 7, nº3: pp. 357-375.
- Marques, R. (1997). *Professores, Famílias e projecto educativo*. Edições ASA: Porto.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Editorial Presença: Lisboa.
- Maschino, M. (2005). *Pais contra Professores*. Campo das Letras: Porto.
- Matos, A. (1994). *Escola, pais e comunidade: construção de comunidade de interesses*. Instituto Politécnico do Porto: Porto.
- Miranda, J. (2004). Educação e Família no Quadro Constitucional Português. In: *Seminário Educação e Família*. Lisboa, 2005, Conselho Nacional de Educação, Lisboa, pp. 39-42.
- Nogueira, M. (2005). A relação família – escola na contemporaneidade: fenómeno social/interrogações sociológicas. In: *Análise Social*, vol. 40, n.º176. pp. 563-543.
- Nunes, T. (2004). *Colaboração Escola-Família – Para uma escola culturalmente heterogénea*. Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas: Porto.
- Nunes, T.(coord.). (2006). *Cooperação Família-Escola: Um estudo de situações de Famílias Imigrantes na sua Relação com a Escola*. Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas: Lisboa.
- Olabuénaga, J. (2003). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Universidad de Deusto: Bilbao.
- Pinto, H.C. & Pereira, M<sup>a</sup>. G.(1994). A relação escola-pais. Uma abordagem no âmbito da Sociologia da Educação Escolar. In *O Professor*, n.º 37, pp. 3-12.
- Pité, J. (2004). *Dicionário Breve de Sociologia*. Editorial Presença: Lisboa.

- Pourtois, J.; Desmet, H.; Barras, C. (1994). Educação Familiar e Parental. In *Inovação*, Volume 7, n.º3, pp: 289-305.
- Salgado, L. (1999). A difícil relação entre os pais e a escola. In *Noesis*, n.º50, pp. 31-32.
- Sampaio, J. (1998). Parceria na Organização Escolar: implicação e envolvimento dos pais/encarregados de educação. In *O Professor*, n.º62, pp.23-25.
- Santiago, R. (1997). *A Escola Representada pelos Alunos, Pais e Professores*. Universidade de Aveiro: Aveiro.
- Santos, A. (2001). *Da Família à Escola*. Livros Horizonte: Lisboa.
- Sarmiento, T. (2002). *A escola e os pais*. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho: Braga.
- Serra, F. (1999). Fazer a Escola Acontecer: planificação e participação. In *Noesis*, n.º50, pp. 18-20.
- Silva, P. (coord.). (2007). *Escolas, Famílias e Lares – Um caleidoscópio de olhares*. Profedições: Porto.
- Silva, P.(2003). *Escola-família, uma relação armadilhada: interculturalidade e relações de poder*. Afrontamento: Porto.
- Simões, M. I. (2006). *Relação pais, filhos, professores e trabalhos de casa*. Casa Encantada: (s/l).
- Sousa, A. (2005) *Investigação em Educação*. Livros Horizonte: Lisboa.
- Stoer, S. & Silva, P. (2005). *Escola-Família: uma relação em processo de reconfiguração*. Porto Editora: Porto.
- Talaia, A. (1998). Os pais na escola e a escola nos pais. In *O Professor*, n.º61, pp.60-62.
- Talaia, A. (1999). Os pais na escola e a escola com os pais. In *Integrar*. n.º 17, pp.26-34.
- Veiga, F. (2007). *Indisciplina e Violência na Escola: práticas comunicacionais para professores e pais*. Edições Almedina: Coimbra. pp.150-151.

### **Legislação Consultada:**

Declaração Universal dos Direitos do Homem, disponível em [http://www.fd.uc.pt/hrc/enciclopedia/onu/textos\\_onu/dudh.pdf](http://www.fd.uc.pt/hrc/enciclopedia/onu/textos_onu/dudh.pdf), consultado a 20 de Janeiro de 2010.

1ª Constituição da República, 1976, disponível em [http://www.confap.pt/desenv\\_noticias.php?ntid=290](http://www.confap.pt/desenv_noticias.php?ntid=290), consultado a 20 de Janeiro de 2010.

Lei n.º 30/2002 de 20 de Dezembro – Estatuto do Aluno do Ensino não Superior, disponível em [http://www.esqf.pt/conteudo\\_esqf/Estatuto\\_do\\_aluno\\_lei\\_30\\_2002.pdf](http://www.esqf.pt/conteudo_esqf/Estatuto_do_aluno_lei_30_2002.pdf), consultado a 23 de Janeiro de 2010.

Lei n.º 39/2010 de 2 de Setembro - Segunda alteração ao Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário, aprovado pela Lei n.º 30/2002, de 20 de Dezembro, e alterado pela Lei n.º 3/2008, de 18 de Janeiro. Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/2010/09/17100/0386003879.pdf>, consultado a 23 de Janeiro de 2010.

Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro - Lei de Bases do Sistema Educativo. Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/1986/10/23700/30673081.pdf>, consultado a 26 de Janeiro de 2010.

Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto - Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo e primeira alteração à Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior. Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/2005/08/166A00/51225138.pdf>, consultado a 26 de Janeiro de 2011.

Decreto-Lei n.º 769-A/76, de 23 de Outubro – Estabelece a regulamentação da gestão das escolas. Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/1976/10/24901/00010006.pdf>, consultado a 28 de Janeiro de 2011.

Decreto-Lei n.º 172/91 de 10 de Maio – Aprova o regime de direcção, administração e gestão dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário. Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/1991/05/107A00/25212530.pdf>, consultado a 28 de Janeiro de 2011.

Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de Maio - Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário. Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/1998/05/102A01/00020015.pdf>, consultado a 2 de Fevereiro de 2011.

Decreto-Lei n.º 75/2008 de 2 de Abril - Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário. Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/2008/04/07900/0234102356.pdf>, consultado a 2 de Fevereiro de 2011

Decreto Legislativo Regional 4/2000/M de 31 de Janeiro - Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos de educação e de ensino públicos da Região Autónoma da Madeira. Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/2000/01/025A00/04150429.pdf>, consultado a 2 de Fevereiro de 2011.

Decreto Legislativo Regional 21/2006/M de 21 de Junho - Altera o Decreto Legislativo Regional 4/2000/M de 31 de Janeiro, que aprovou o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos de educação e de ensino públicos da Região Autónoma da Madeira. Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/2006/06/118A00/43884409.pdf>, consultado a 2 de Fevereiro de 2011.

## **APÊNDICES**

## Apêndice I: Inquérito dos Encarregados de Educação



No âmbito do Mestrado em Administração Educacional ministrado na Universidade da Madeira, vimos por este meio solicitar a vossa colaboração para o preenchimento do seguinte questionário cujo tema é **Família e Ensino Secundário - A Colaboração e Participação nas Escolas do Ensino Público da Região Autónoma da Madeira**.

Informamos que o preenchimento deste questionário demora aproximadamente 15 minutos.

Salientamos que toda a informação é de carácter anónimo e garantimos toda a sua confidencialidade.

*Agradecemos desde já a vossa colaboração,  
Paula Victória Nieves de Freitas*

### A. DADOS PESSOAIS

1.1. **Sexo:**

Masculino	<input type="checkbox"/>	Feminino	<input type="checkbox"/>
-----------	--------------------------	----------	--------------------------

1.2. **Idade:** \_\_\_\_\_ anos

1.3. **Habilitações académicas:**

4º classe	<input type="checkbox"/>	12º ano	<input type="checkbox"/>	Licenciatura	<input type="checkbox"/>	Outros. Quais?	<input type="checkbox"/>
6º ano	<input type="checkbox"/>	Bacharelato	<input type="checkbox"/>	Mestrado	<input type="checkbox"/>		
9º ano	<input type="checkbox"/>	Curso Profissional	<input type="checkbox"/>	Doutoramento	<input type="checkbox"/>		

1.4. **Profissão:** \_\_\_\_\_

1.5. **Situação Profissional** (coloque um X na situação que mais se aplica):

Trabalhador por conta de outrem	<input type="checkbox"/>
Trabalhador por conta própria	<input type="checkbox"/>
Inválido	<input type="checkbox"/>
Reformado	<input type="checkbox"/>
Desempregado	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>

1.6. **Rendimentos mensais aproximados da Família** (coloque um X na situação que mais se aplica):

De 100 a 300€	<input type="checkbox"/>	De 901 a 1100€	<input type="checkbox"/>
---------------	--------------------------	----------------	--------------------------



De 301 a 500€		De 1101 a 1300€	
De 501 a 700€		De 1301 a 1500€	
De 701 a 900€		+ de 1500 €	

## B. CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA

2.1. Número de elementos que compõem o agregado familiar: \_\_\_\_\_

2.2. Indique o número de elementos que se encontram a estudar: \_\_\_\_\_

2.3. Indique na tabela abaixo as idades e os respectivos anos nos quais se encontram a estudar:

Idades						
Nível de ensino						

2.4. Indique em que ano se encontra o seu educando: (assinale com um X)

10ºano \_\_\_\_\_ 11ºano \_\_\_\_\_ 12ºano \_\_\_\_\_

## C. CONTACTO COM A ESCOLA

3.1. Quantas vezes se dirigiu à escola este ano? \_\_\_\_\_

3.2. Quantas vezes foi à escola, durante este ano, para assistir a reuniões com o Director de Turma? \_\_\_\_\_

3.3. Com qual das seguintes entidades contactou um maior numero de vezes durante este ano lectivo?

3.3.1. Director de Turma \_\_\_\_\_

3.3.2. Associação de Pais \_\_\_\_\_

3.3.3. Conselho Directivo \_\_\_\_\_

3.3.4. Outro. Qual? \_\_\_\_\_

(Questão adaptada de Sá, 2003.)

4. Tem conhecimento do horário disponibilizado, para este ano lectivo, pelo Director da turma, para o atendimento aos Encarregados de Educação?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

4.1. Em caso afirmativo costuma utilizá-lo? 

Sim		Não	
-----	--	-----	--

4.2. O horário está adequado à sua disponibilidade? 

Sim		Não	
-----	--	-----	--

4.2.1. Se respondeu NÃO, considera que se o horário de atendimento fosse mais favorável isso o faria participar mais vezes?

4.2.1.1. Se **SIM**, porquê?

---

---

---

---

---

4.2.1.2. Se **NÃO**, porquê?

---

---

---

---

---

5. Se contacta o Director de Turma por **Iniciativa própria**, assinale com um **X** as razões que o levam ao contacto?

5.1.1.  Informar o DT sobre aspectos relacionados com o seu educando (saúde, necessidades especiais, outros)

5.1.2.  Informar-se sobre as notas do seu educando

5.1.3.  Saber do comportamento do seu educando

5.1.4.  Justificar as faltas do seu educando

5.1.5.  Apresentar alguma queixa sobre os professores do seu educando

5.1.6.  Dar sugestões sobre a organização da escola

5.1.7.  Outras razões. Quais?

---

---

(Questão adaptada de Sá, 2003.)

5.1. Se é **Convocado pelo Director de Turma**, indique com um **X** as razões:

5.2.1.  Falar sobre o bom aproveitamento do seu educando

5.2.2.  Informar sobre o bom comportamento

5.2.3.  Falar sobre problemas relacionados com o baixo aproveitamento

5.2.4.  Falar de problemas relacionados com o comportamento

5.2.5.  Informar sobre o número de faltas

- 5.2.6.  Questões relacionadas com a saúde
- 5.2.7.  Entrega de avaliações
- 5.2.8.  Pedir a sua opinião sobre algum aspecto relacionado com o funcionamento da escola
- 5.2.9.  Outros. Quais?
- 
- 

(Questão adaptada de Sá, 2003.)

**6. De todas as vezes que contactou com o Director de Turma, este ano lectivo, considera que estes contactos:** (coloque um **X** na situação que se aplica)

- 6.1.  Foram muito úteis, pois ajudaram a resolver completamente os problemas que motivaram a sua deslocação à escola
- 6.2.  Foram úteis, pois ajudaram a resolver em parte o problema que motivou a sua deslocação à escola
- 6.3.  Foram inúteis, pois não consegui resolver problema nenhum.

(Questão adaptada de Sá, 2003.)

#### **D. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA**

**7. Considera importante que se realizem projectos e actividades que incluam os Encarregados de Educação e a comunidade na escola?**

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

7.1. Se **SIM**, porquê?

---

---

---

---

---

7.2. Se **NÃO**, porquê?

---

---

---

---

---

8. Assinale com um **X** o seu grau de concordância com cada uma das seguintes afirmações.

	<b>Concordo Plenamente</b>	<b>Concordo em Parte</b>	<b>Não concordo nem discordo</b>	<b>Discordo em Parte</b>	<b>Discordo Plenamente</b>
Os Encarregados de Educação não se interessam pela vida escolar dos seus educandos					
Os Encarregados de Educação não se sentem à vontade na escola					
Os Directores de Turma não estimulam os Encarregados de Educação a participar					
Os Encarregados de Educação quando vão à escola é quase sempre para falar de problemas com os seus educandos					
Os Encarregados de Educação raramente são chamados para ouvir coisas positivas sobre o seu educando					
Não vale a pena ir à escola, pois apenas a opinião dos professores é que conta					
O que se passa na escola é da exclusiva responsabilidade dos professores					
Os Encarregados de Educação interessam-se pela vida escolar dos seus educandos					
Os Encarregados de Educação desconhecem os seus direitos e deveres em relação à sua participação na escola					
Não é tradição os Encarregados de Educação participarem activamente na escola					
A colaboração entre a escola e os pais/Encarregados de Educação é benéfico para o percurso escolar dos alunos					
A escola deve se abrir mais aos encarregados de educação					

(Questão adaptada de Sá, 2003.)

**9. Indique o grau de importância das áreas em que considera que os Encarregados de Educação deveriam ter mais participação.** (assinale com um **X** a sua resposta)

	<b>Nada Importante</b>	<b>Pouco Importante</b>	<b>Indeciso</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito Importante</b>
Avaliação dos alunos					
Avaliação dos funcionários					
Avaliação dos professores					
Formação das turmas					
Definição das penas disciplinares a aplicar aos alunos					
Criação de novos cursos na escola					
Actividades de decoração da escola					
Definição do Calendário escolar					
Definição dos horários escolares					
Organização de actividades na escola					
Ajuda aos filhos na elaboração dos trabalhos de casa					
Escolha da escola que desejam					
Contratações (funcionários, professores)					
Definição do que se deve ensinar na escola					
Colaborar em actividades na sala de aula					
Incentivar os filhos a serem mais aplicados e a valorizar mais aquilo que se aprende na escola					
Ajudar os filhos a organizarem melhor o seu tempo					
Angariação de fundos para actividades na escola					

(Questão adaptada de Sá, 2003.)

**9.1. Se considera que existe mais alguma área importante indique?**

---



---

**10. Tendo em conta a sua relação com a escola, assinale com um X a frequência com que as seguintes acções acontecem:**

	Muitas vezes	Algumas vezes	Raras vezes
Participa nas decisões que a escola toma em relação ao seu educando.			
Procura informar-se sobre a situação escolar do seu educando.			
Procura informar-se sobre os assuntos gerais da escola.			
Tem colaborado na organização de actividades da escola.			
Participa nas decisões que a escola toma relativamente à sua organização.			

(Questão adaptada de Vieira, 2002).

**11. Qual a sua opinião sobre a representação dos Encarregados de Educação nos seguintes órgãos da escola? (assinale com um X)**

	Insuficiente	Suficiente	Exagerada	Não sei
Conselho da Comunidade Educativa (2 membros)				
Conselho de Turma (1 membro)				

(Questão adaptada de Sá, 2003).

**12. Como classifica a sua participação na escola no presente ano lectivo? (assinale com um X)**

Muito inferior ao necessário	Inferior ao necessário	O necessário	Superior ao necessário	Muito superior ao necessário

**13. Assinale com um X, quais dos seguintes factores poderão ser um impedimento para a participação e colaboração entre os Encarregados de Educação e a escola?**

Horários incompatíveis e falta de tempo	
Experiências negativas com a escola	
Não haver problemas com o educando	
Por questões de ordem familiar e profissional	
Não saber como colaborar	
O educando é bom aluno	
Não querer intrometer-se nos assuntos da escola	
Não ser convidado pela escola	
Outros _____	

(Questão adaptada de Vieira, 2002).

**14. Sabe se escola tem uma Associação de Pais/Encarregados de Educação?**

SIM	<input type="checkbox"/>	NÃO	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

**14.1.** Se respondeu **SIM** na pergunta **14**, diga se, durante este ano lectivo, já recorreu à Associação de Pais/Encarregados de Educação para apresentar alguma situação que lhe causa ou causava desagrado? Qual?

---

---

---

---

**E. REPRESENTAÇÕES DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO**

**15. Pensando na escola do seu educando, assinale com um X a frequência com que as seguintes acções acontecem:**

	Muitas vezes	Algumas vezes	Raras vezes
A escola pede a colaboração dos Encarregados de Educação para a organização das actividades gerais da escola.			
A escola informa os Encarregados de Educação sobre a situação escolar dos alunos.			
É-lhe pedida a sua opinião nas decisões que a escola toma relativamente à sua organização e às suas actividades.			
É a escola que toma todas as decisões relativamente ao seu educando.			
A escola informa os Encarregados de Educação sobre o funcionamento geral da escola.			
Já lhe foi pedida a sua colaboração em actividades da turma.			

(Questão adaptada de Vieira, 2002).

**16. Tendo em conta o Director (a) de Turma do seu educando, dirá que este tem:**  
(assinale com um X)

	Sim	Não	Não Sei
Estado atento/a aos problemas da turma.			
Apoiado os alunos no seu dia-a-dia na escola e na resolução dos seus problemas.			
Ajudado a controlar o comportamento dos alunos nas aulas e na escola.			
Informado os EE sobre o aproveitamento, comportamento e a assiduidade dos seus educandos.			
Comunicado, aos outros professores, as informações dadas pelos EE.			
Comunicado, aos EE, as informações dadas pelos outros professores.			
Utilizado uma linguagem fácil de compreender, nas reuniões, nos atendimentos e nas convocatórias.			

Realizado reuniões com os EE.			
Organizado convívios com os EE e com os alunos.			
Pedido a colaboração dos EE para actividades realizadas na escola.			
Fornecido indicações/sugestões aos EE, nas reuniões e nos atendimentos, sobre formas de apoiarem o estudo dos filhos em casa.			
Pedido a colaboração de serviços da comunidade para apoiar a turma.			
Mostrado disponibilidade para atender os EE, em horas convenientes para estes, fora do horário de atendimento.			
Tido bom relacionamento com os EE.			
Tido bom relacionamento com os alunos.			
Contribuído para haver um bom ambiente na turma.			
Pedido a colaboração dos EE para verificarem a assiduidade e a pontualidade dos alunos.			

(NOTA: EE = Encarregados de Educação)

(Questão adaptada de Zenhas, 2006).

**17. Quais as suas sugestões para que a relação entre a escola e os Encarregados de Educação seja mais efectiva e maximizada?**

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



**OBRIGADA PELA SUA DISPONIBILIDADE**

**FIM!**



**Apêndice II:**  
**Directores de**



**Inquéritos dos**  
**Turma**

No âmbito do Mestrado em Administração Educacional ministrado na Universidade da Madeira, vimos por este meio solicitar a vossa colaboração para o preenchimento do seguinte questionário cujo tema é **Família e Ensino Secundário - A Colaboração e Participação nas Escolas do Ensino Público da Região Autónoma da Madeira**

Informamos que o preenchimento deste inquérito demora aproximadamente 15 minutos.

Salientamos que toda a informação é de carácter anónimo e garantimos toda a sua confidencialidade.

*Agradecemos desde já a vossa colaboração,  
Paula Victória Nieves de Freitas*

**A. DADOS PESSOAIS**

1.1. Sexo: 

Masculino	<input type="checkbox"/>	Feminino	<input type="checkbox"/>
-----------	--------------------------	----------	--------------------------

1.2. Idade: \_\_\_\_\_ anos

1.3. Habilitações académicas:

Licenciatura	<input type="checkbox"/>	Pós-graduação	<input type="checkbox"/>	Mestrado	<input type="checkbox"/>	Doutoramento	<input type="checkbox"/>
--------------	--------------------------	---------------	--------------------------	----------	--------------------------	--------------	--------------------------

**B. DADOS SÓCIO-PROFISSIONAIS**

2. Quanto tempo de serviço tem? \_\_\_\_\_ (número de anos até 31 de Agosto de 2011)

2.1. Foi Director de Turma mais do que uma vez?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

2.1.1. Se SIM, indique o número de vezes? \_\_\_\_\_

3. Situação profissional: \_\_\_\_\_

**C. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA**

4. Habitualmente, os Encarregados de Educação que se dirigem mais vezes à escola são (assinale com um X):

- 4.1. Aqueles cujos educandos não levantam problemas.  
 4.2.  Aqueles cujos educandos levantam mais problemas.  
 4.3.  Os que vivem mais perto da escola.  
 4.4.  Os que têm um estatuto socioeconómico mais elevado.  
 4.5.  Os que têm um estatuto socioeconómico mais baixo.  
 4.6.  Não há predominância de um grupo específico.  
 4.7.  Aqueles que também são professores.  
 4.8.  Outro. \_\_\_\_\_

(Questão adaptada de Sá,2003).

**5. Quando os Encarregados de Educação vão à escola, fazem-no maioritariamente por:**

Iniciativa própria	
Convocatória do Director de Turma	

(Questão adaptada de Sá,2003).

**6. Assinale com um X o seu grau de concordância com cada uma das seguintes afirmações.**

	<b>Concordo Plenamente</b>	<b>Concordo em Parte</b>	<b>Não concordo nem discordo</b>	<b>Discordo em Parte</b>	<b>Discordo Plenamente</b>
Os Encarregados de Educação não se interessam pela vida escolar dos seus educandos					
Os Encarregados de Educação não se sentem à vontade na escola					
Os Directores de Turma não estimulam os Encarregados de Educação a participar					
Os Encarregados de Educação quando vão à escola é quase sempre para falar de problemas com os seus educandos					
Os Encarregados de Educação raramente são chamados para ouvir coisas positivas sobre o seu educando					
Não vale a pena ir à escola, pois apenas a opinião dos professores é que conta					
O que se passa na escola é da exclusiva responsabilidade dos professores					

Os Encarregados de Educação interessam-se pela vida escolar dos seus educandos					
Os Encarregados de Educação desconhecem os seus direitos e deveres em relação à sua participação na escola					
Não é tradição os Encarregados de Educação participarem activamente na escola					
A colaboração entre a escola e os pais/Encarregados de Educação é benéfico para o percurso escolar dos alunos					
A escola deve se abrir mais aos encarregados de educação					

(Questão adaptada de Sá,2003).

- 7. Os trabalhos produzidos sobre esta temática indicam que grande parte dos professores considera que os pais e Encarregados de Educação participam pouco na vida escolar. Qual a sua opinião?**

Discordo Totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Plenamente

(Questão adaptada de Sá,2003).

- 8. Assinale com um X, quais dos seguintes factores poderão ser um impedimento para a participação e colaboração entre os Encarregados de Educação e a escola?**

Horários incompatíveis e falta de tempo	
Experiências negativas com a escola	
Não haver problemas com o educando	
Por questões de ordem familiar e profissional	
Não saber como colaborar	
O educando é bom aluno	
Não querer intrometer-se nos assuntos da escola	
Não ser convidado pela escola	
Outros _____	

(Questão adaptada de Vieira, 2002).

- 9. Indique o grau de importância das áreas em que considera que os Encarregados de Educação deveriam ter mais participação. (assinale com um X a sua opção)**

	<b>Nada Importante</b>	<b>Pouco Importante</b>	<b>Indeciso</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito Importante</b>
Construção do calendário escolar					
Definição dos horários escolares					
Organização de festas na escola					
Avaliação dos alunos					
Avaliação dos funcionários					
Avaliação dos professores					
Definição das turmas					
Definição das penas disciplinares					
Criação de novos cursos na escola					
Ajuda aos educandos na elaboração dos trabalhos de casa					
Escolha da escola que desejam para o seu educando					
Angariação de fundos para actividades na escola					
Contratações (funcionários, professores)					
Definição do que se deve ensinar na escola					
Ensinar aos seus educandos como se devem comportar na escola					
Colaborar em actividades na sala de aula					
Incentivar os filhos a serem mais aplicados e a valorizar mais aquilo que se aprende na escola					
Ajudar os filhos a organizarem melhor o seu tempo					

(Questão adaptada de Sá, 2003)

**9.1. Se considera que existe outra área importante, indique qual?**

---



---

**10. Qual a sua opinião sobre a representação dos Encarregados de Educação nos seguintes órgãos da escola?**

	Insuficiente	Suficiente	Exagerada	Não sei
Conselho da Comunidade Educativa (2 membros)				
Conselho de Turma (1 membro)				

(Questão adaptada de Sá, 2003).

**11. Considera importante que se realizem projectos e actividades que incluam os pais/Encarregados de Educação na escola?**

Sim		Não	
-----	--	-----	--

**11.1. Se SIM, porquê?**

---



---



---



---



---

**11.2. Se NÃO, porquê?**

---



---



---



---



---

**12. Em que áreas considera ser importante a colaboração e participação dos encarregados de educação?**

---



---



---



---



---

**13. Como avalia a participação dos Encarregados de Educação durante este ano lectivo? (assinale com um X)**

Muito inferior ao necessário	Inferior ao necessário	O necessário	Superior ao necessário	Muito superior ao necessário

**14. Tendo em conta a sua experiência, diria que a participação dos Encarregados de Educação é importante para a escola porque:** (assinale com um X a sua opção)

	Concordo Plenamente	Concordo em Parte	Não concordo nem discordo	Discordo em Parte	Discordo Plenamente
Promove o sucesso escolar					
Melhora a relação entre a escola e os Encarregados de Educação					
Consagra um direito fundamental dos Encarregados de Educação					
Facilita o trabalho dos professores					
Os professores passam a prestar mais atenção aos alunos					
Aumenta a motivação dos alunos					
Os Encarregados de Educação passam a conhecer melhor a escola					
Os Encarregados de Educação podem trazer novos recursos para a escola					
Os Encarregados de Educação são quem melhor conhece os alunos					
Melhora a qualidade das decisões					
A escola fica mais atenta às necessidades do meio					
A escola torna-se mais democrática					
A assiduidade dos professores aumenta					
Os Encarregados de Educação ficam a conhecer melhor o que o professor faz					
A presença dos Encarregados de Educação pode reforçar o poder da escola					

(Questão adaptada de Sá, 2003).

**14.1. Se considera que existe outra razão indique qual?**

---



---

**15. Durante a sua formação inicial como professor teve alguma preparação sobre a relação com os encarregados de educação?**

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

**15.1. Se respondeu afirmativamente, considera que essa formação tem sido importante no desenvolvimento da sua actividade enquanto Director de Turma? Porquê?**

---

---

---

---

---

**15.2. Se respondeu negativamente, pensa que tal facto tem afectado o desempenho das suas funções enquanto Director de Turma? Porquê?**

---

---

---

---

---

#### **D. REPRESENTAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO**

**16. Qual a sua opinião sobre a forma como o corpo docente e a escola percebem a colaboração entre os Encarregados de Educação e a escola?**

---

---

---

---

---

---

---

---

**17. Pensando na sua escola, assinale com um X a frequência com que as seguintes acções acontecem:**

	<b>Muitas vezes</b>	<b>Algumas vezes</b>	<b>Raras vezes</b>
A escola pede a colaboração dos Encarregados de Educação para a organização das actividades gerais da escola?			
A escola informa os Encarregados de Educação sobre a situação escolar dos alunos?			
É pedida a opinião dos Encarregados de Educação em decisões que a escola toma relativamente à sua organização e às suas actividades?			
É a escola que toma todas as decisões relativamente ao educando?			
A escola informa os Encarregados de Educação sobre o funcionamento geral da escola?			
Já foi pedida a colaboração dos Encarregados de Educação em actividades da turma?			

(Questão adaptada de Vieira, 2002).

**18. De que modo a participação e colaboração dos Encarregados de Educação se manifesta na sua escola?**

---



---



---



---



---



---

**19. Quais as suas sugestões para que a relação entre a escola e os Encarregados de Educação seja mais efectiva e maximizada?**

---



---



---



---



---



---



---

☺ **OBRIGADA PELA SUA DISPONIBILIDADE**

**FIM!**



## Apêndice III. Inquérito dos Presidentes dos Conselhos Executivos



No âmbito do Mestrado em Administração Educacional ministrado na Universidade da Madeira, vimos por este meio solicitar a vossa colaboração para o preenchimento do seguinte questionário cujo tema é **Família e Ensino Secundário - A Colaboração e Participação nas Escolas do Ensino Público da Região Autónoma da Madeira**

O preenchimento deste questionário dura aproximadamente 15 minutos.

Salientamos que toda a informação é de carácter anónimo e garantimos toda a sua confidencialidade.

*Agradecemos desde já a vossa colaboração,  
Paula Victória Nieves de Freitas*

### A. DADOS PESSOAIS

1.1. Sexo: 

Masculino	<input type="checkbox"/>	Feminino	<input type="checkbox"/>
-----------	--------------------------	----------	--------------------------

1.2. Idade: \_\_\_\_\_ anos

1.3. Habilitações académicas:

Bacharelato	<input type="checkbox"/>	Licenciatura	<input type="checkbox"/>	Pós-graduação	<input type="checkbox"/>	Mestrado	<input type="checkbox"/>	Doutoramento	<input type="checkbox"/>
-------------	--------------------------	--------------	--------------------------	---------------	--------------------------	----------	--------------------------	--------------	--------------------------

### B. DADOS SÓCIO-PROFISSIONAIS

2.1. Quanto tempo de serviço tem? \_\_\_\_\_ (número de anos até 31 de Agosto de 2011)

2.2. Há quanto tempo exerce o cargo de Director/Presidente do Conselho Executivo?  
\_\_\_\_\_ (i.e. X anos, Y meses)

### C. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

3. Considera importante que se realizem projectos e actividades que incluam os pais/Encarregados de Educação na escola? SIM\_\_\_\_ NÃO\_\_\_\_

3.1. Se **SIM**, porquê?

---

---

---

---

---

3.2. Se **NÃO**, porquê?

---

---

---

---

---

---

---

---

4. Na sua opinião, qual o benefício, para a escola, da participação activa dos Encarregados de Educação?

---

---

---

---

---

---

---

---

5. Em que áreas, do funcionamento de uma escola, os Encarregados de Educação deveriam ter maior participação?

---

---

---

---

---

---

---

---

6. Em que temas a sua escola admite que os Encarregados de Educação manifestem a sua opinião ou dêem sugestões?

---

---

---

---

---

---

7. Durante o presente ano lectivo já recorreu aos Encarregado de Educação para lhes pedir a sua opinião ou sugestão sobre algum assunto? Qual?

---

---

---

---

---

---

8. A escola tem uma Associação de Pais/Encarregados de Educação?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

- 8.1. Qual o papel da Associação?

---

---

---

---

---

9. Durante este ano lectivo a Associação de Pais/Encarregados de Educação já lhe apresentou alguma situação que causa-se desagrado entre os Encarregados de Educação?

---

---

---

---

---

#### D. REPRESENTAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO

10. Na sua opinião, e tendo em conta a sua experiência profissional, que importância ou papel tem o órgão de direcção da escola para o desenvolvimento de boas relações entre a escola e os encarregados de educação?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**11. De que modo a participação e colaboração entre a escola e os Encarregados de Educação se efectivam no contexto da sua escola?**

---

---

---

---

---

---

---

---

**12. Como caracteriza a sua escola no que toca à relação com os Encarregados de Educação?**

---

---

---

---

---

---

---

---

**E. PARTICIPAÇÃO NA LEGISLAÇÃO**

**13. De acordo com o Decreto Legislativo Regional n.º21/2006/M, de 21 de Junho de 2006, que regula o Regime de Autonomia das Escolas Básicas Integradas e dos Estabelecimentos dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico e Secundário da Rede Pública da Região Autónoma da Madeira, os Encarregados de Educação devem estar representados no Conselho da Comunidade Educativa e no Conselho de Turma. Concorda?**

**13.1. Se SIM, porquê?**

---

---

---

---

---

**13.2.** Se **NÃO**, porquê?

---

---

---

---

**14.** Considera que existem outras áreas em que os Encarregados de Educação podiam estar representados?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

**14.1.** Se **SIM**, em quais?

---

---

---

**15.** Que alteração ou alterações, legais, regulamentares ou até de funcionamento da escola, propunha para que a relação entre a escola e os Encarregados de Educação seja mais efectiva e maximizada?

---

---

---

---

---

---

---

☺ OBRIGADA PELA SUA DISPONIBILIDADE

FIM!

**ANEXOS**

## Anexo I: Pedido de autorização entregue na Direcção Regional de Educação

Exmo. Senhor  
Director Regional de Educação  
Direcção Regional de Educação  
Edifício D. João,  
Rua Cidade do Cabo, n.º 38  
9050-047 Funchal

### **Assunto: Pedido de autorização para realização de investigação científica.**

Paula Victória Nieves de Freitas, residente no Caminho das Ladeira, Sítio das Neves, São Gonçalo, C.C.I. 309, 9060-149 Funchal, com o contacto 964336945, aluna da Universidade da Madeira com o número 2022806 encontra-se a realizar o 2º ano do Mestrado em Administração Educacional, da Universidade da Madeira, sob orientação do Professor Doutor Henrique da Costa Ferreira do Instituto Politécnico de Bragança.

No âmbito da sua dissertação intitulada **Família e Ensino Secundário - A Colaboração e Participação nas Escolas do Ensino Público da Região Autónoma da Madeira**, serão utilizados inquéritos por questionário a entregar aos Encarregados de Educação, aos Directores de Turma e ao Director/Presidente do Conselho Executivo (ver apêndices I, II e III) das várias escolas secundárias distribuídas pelas 11 cidades (Calheta, Câmara de Lobos, Funchal, Machico, Ponta do Sol, Porto Moniz, Ribeira Brava, Santa Cruz, Santana, São Vicente e Porto Santo) da Região Autónoma da Madeira (ver apêndice IV). Face ao exposto anteriormente, solicito a V. Exa. que se digne a autorizar a realização dos inquéritos, sem os quais a realização da investigação não será viável.

Com os melhores cumprimentos

Funchal, 9 de Fevereiro de 2011

---

(Paula Victória Nieves de Freitas)

Apêndice IV (Nome das Escolas)

- Escola Básica e Secundária da Calheta
- Escola Básica e Secundária do Carmo
- Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto Silva
- Escola Básica e Secundária de Machico
- Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol
- Escola Básica e Secundária do Porto Moniz
- Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares
- Escola Básica e Secundária de Santa Cruz
- Escola Básica e Secundária Bispo D. Manuel F. Cabral
- Escola Básica e Secundária D. Lucinda Andrade
- Escola Básica e Secundária Dr. Francisco F. Branco



**Anexo II: Pedido de autorização enviado ao Presidente da Escola Básica e Secundária Dr. Francisco F. Branco**

Exmo. Senhor Dr. Fernando Caroto  
Presidente do Conselho Executivo  
da Escola Básica e Secundária  
Dr. Francisco F. Branco  
Sítio das Matas 9400-035  
Porto Santo

**INFORMAÇÃO**

Na condição de mestranda, a frequentar o 2º ano do Mestrado em Administração Educacional na Universidade da Madeira, pretendo estudar a participação e colaboração dos Encarregados de Educação nas Escolas Secundárias da rede pública da R.A.M.

A recolha de dados será feita através da aplicação de questionários destinados aos Encarregados de Educação, aos Directores de Turma e ainda ao Presidente/Director do Conselho executivo.

Assim, e não tendo sido possível estabelecer um contacto pessoal, venho por este meio pedir a colaboração no preenchimento dos respectivos questionários que se encontram no interior do envelope.

Os questionários estão organizados da seguinte forma:

- Um (1) questionário destinado ao Presidente/Director do Conselho executivo;
- Sete (7) questionários destinados aos com educandos no 10º ano;
- Um (1) Director de turma do 10º ano (preferencialmente o Director da Turma de 10º ano que for seleccionada);
- Dez (10) questionários destinados aos Encarregados de Educação com educandos no 11º ano (preferencialmente o Director da Turma de 11º ano que for seleccionada);
- Um (1) Director de turma do 11º ano;

- Seis (6) questionários destinados aos Encarregados de Educação com educandos no 12º ano;
- Um (1) Director de turma do 12º ano (preferencialmente o Director da Turma de 12º ano que for seleccionada).

Junto envio a cópia da autorização, dada pela Direcção Regional da Educação, para a realização deste estudo.

No canto inferior esquerdo do envelope encontram-se os contactos da mestranda.

Se possível, agradecia, a devolução dos questionários preenchidos até ao final do presente mês, 31 de Março de 2011.

Grata pela sua compreensão, com respeitosos cumprimentos, a mestranda,

---

(Paula Victória Nieves de Freitas)